UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

TAMARA PEREIRA DA SILVA MACHADO

VISUAL VERNACULAR: UMA PRODUÇÃO CULTURAL SURDA COM LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA

JOÃO PESSOA – PB

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

TAMARA PEREIRA DA SILVA MACHADO

VISUAL VERNACULAR: UMA PRODUÇÃO CULTURAL SURDA COM LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração Literatura, Cultura e Tradução, da linha de pesquisa Estudos Semióticos. Orientadora: Profa. Dra. Janaína Aguiar Peixoto

JOÃO PESSOA – PB

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M149v Machado, Tamara Pereira da Silva.
Visual vernacular : uma produçao cultural surda com linguagem cinematográfica / Tamara Pereira da Silva Machado. - João Pessoa, 2023.
120 f. : il.

Orientação: Janaina Aguiar Peixoto.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA/PPGL.

1. Visual vernacular. 2. Artistas surdos. 3. Estilo artístico - Povo surdo. 4. Elementos cinematográficos. I. Peixoto, Janaina Aguiar. II. Título.

UFPB/BC CDU 81'221.24(043)

Elaborado por Larissa Silva Oliveira de Mesquita - CRB-15/746

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO(A) ALUNO(A)
TAMARA PEREIRA DA SILVA MACHADO

Aos vinte e um dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e três, às catorze horas, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada: "VISUAL VERNACULAR: UMA PRODUÇÃO CULTURAL SURDA COM LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA", apresentada pelo(a) aluno(a) Tamara Pereira da Silva Machado, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRE EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Cultura e Tradução, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Marco Valério Classe Colonnelli, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O(A) professor(a) Doutor(a) Janaina Aguiar Peixoto (PPGL/UFPB), na qualidade de orientadora, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os Professores Doutore(a)s Rachel Louise Sutton-Spence (UFSC) e Nelson Pimenta de Castro (INES). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua dissertação, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: APROVADA. Proclamados os resultados pelo(a) Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Janaina Aguiar Peixoto (Secretária *ad hoc*), lavrei a presente ata, que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 21 de dezembro de 2023.

Parecer: Os examinadores da banca destacaram a importância e qualidade do trabalho e sugeriram alguns ajustes para o enriquecimento e melhoria do texto.

Profa. Dra. Janaina Aguiar Peixoto
(Presidente da Banca)

gov.br Documento assinado digitalmente
NELSON PIMENTA DE CASTRO
Data: 02/02/2024 18:39:05-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Nelson Pimenta de Castro
(Examinador)

Documento assinado digitalmente
Rachel Louise Sutton Spence
Data: 02/02/2024 09:43:27-0300
CPF: ***.621.039-**
Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br

Profa. Dra. Rachel Louise Sutton-Spence
(Examinadora)

Tamara P da S. Machado

Tamara Pereira da Silva Machado
(Mestranda)

DEDICATÓRIA

Ao meu pai (*in memoriam*), que sempre me incentivou nos estudos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria muito de primeiramente agradecer principalmente a Deus, que sempre esteve ao meu lado, mesmo quando estive em momentos muito difíceis. Mesmo assim, Deus não me deixou desistir do meu sonho, mas o meu sonho foi realizado: cumpri minha trajetória durante o mestrado.

Em segundo lugar quero agradecer a família que eu tenho, agora apenas minha mãe e meu irmão, que também é surdo. Enfrentamos o momento mais difícil juntos em família quando perdemos nosso querido Pai/Marido João. Eu me lembro muito bem que meu pai me salvou quando eu queria desistir da minha faculdade de Letras/Libras na UFPB, ele não me deixou desistir e me mandou voltar e continuar até me formar. Ele sempre me disse que mesmo sendo difícil demais, sendo o seu maior desafio, mesmo assim vai chegar ao sucesso, aprendendo a ter paciência e não desistindo do seu sonho nunca. Então nunca imaginei que, além de conseguir superar as dificuldades, fui além do meu sonho inicial, o novo sonho foi realizado concluí o mestrado. Sempre acredito que meu pai, está com muito orgulho de mim, porque ele quer me ver crescer sempre, quer o meu sucesso sem desistir. A minha família sempre me apoiou quando eu tive dificuldade e nos meus momentos difíceis eles sempre estiveram juntos comigo em todos os momentos. Eu amo muito vocês, minha família é minha prioridade!

Alexandre, poeta de uma das obras analisadas nesta pesquisa, é meu querido esposo, a quem eu agradeço por tudo que ele sempre me apoiou sempre que eu precisei. Amo nossa arte e quando trabalhamos juntos. Sem ele, eu não iria conseguir.

Eu agradeço muito aos meus principais amigos que me ajudaram e me incentivaram quando eu estava desesperada sem saber como fazer para organizar o projeto de mestrado, e também a prova do processo seletivo, porque eu nunca tive esta experiencia anteriormente, era a minha primeira vez. Então, fiz o projeto de mestrado e foi direto aprovada. Além dessas etapas da seleção de mestrado, também teve outras dúvidas que eles foram me ajudando a esclarecer durante todo o processo até eu ingressar no Mestrado, são eles: Lígio Josias, minha melhor amiga Klicia Campos, Mayara Câmara e meu melhor amigo Thiago Ribeiro. Não somente esses, também as minhas melhores amigas que sempre me apoiam e torcem muito por mim, eu agradeço muito, de verdade: Silvia Amanda e Stephanny Quirino.

Michel Marques, quero agradecer em forma de desabafo pelo momento vivido no ano 2023. Foi muito difícil aceitar perder o meu querido amigo de infância Michel, eu agradeço eternamente a ele, de verdade, por tudo, pois, ele me ensinou a sua arte. A gente se conectou muito fortemente através deste amor pela arte. Michel Marques sempre me apoiou, torcendo por mim, trabalhava e estudava junto comigo e etc. Eu fiz uma poesia e uma apresentação de teatro no projeto de sarau para homenagear você Michel Marques. Agora você virou uma estrelinha brilha e vá viver a sua arte no céu.

Agradeço muito a minha querida orientadora Janaina Peixoto por tudo, por entender a minha situação, por me apoiar, me incentivar e ter muita paciência. Sem você, eu não sei como eu iria conseguir escrever a minha dissertação. Obrigada por tudo, de verdade e por ter escolhido o meu projeto de mestrado, isto só confirma ainda mais o que eu já sabia, o valor do meu trabalho e da minha arte.

Sou muito grata aos meus ex-professores Fernanda Machado e Nelson Pimenta, que são minhas inspirações na arte e na Literatura Surda, pois me ensinaram o que é arte. Vocês me ajudaram a descobrir o caminho da arte, e estou apaixonada por minha arte e minha subjetividade, eu sou uma artista, sou atriz e sou poetisa, slammer e VV – Visual Vernacular. Hoje eu sou artista por causa de vocês, sem vocês eu não consiguiria descobrir quem sou eu.

Ao professor Cristiano Monteiro, pois no ano de 2020 participei como aluna do seu curso de visual vernacular na modalidade de EAD (Ensino a Distância).
Gratidão queridos professores Nelson Pimenta, Rachel Sutton-Spence e Edneia Alves pelas valiosas contribuições nas bancas de qualificação e de defesa. Suas sugestões, disponibilidade de diálogo e dedicação ao ler minha pesquisa com certeza ajudou para o enriquecimento desta dissertação.

Agradeço a poetisa Cristiane Esteves de Andrade e ao poeta Alexandre Moreira por autorizarem como autores o uso das suas lindas obras para a realização da análise.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que me apoiaram e torcendo por mim de verdade! E muito obrigada mais uma vez por tudo, à minha família e aos meus amigos de coração!

RESUMO

Esta pesquisa qualitativa e descritiva apresenta um estudo desenvolvido no curso de mestrado do programa de pós-graduação em letras (PPGL-UFPB), que objetivou analisar os elementos estéticos literários e os elementos da linguagem cinematográfica presentes na produção cultural Visual Vernacular (VV), para fomentar uma melhor compreensão das características estilísticas que formam este artefato criado especificamente por artistas surdos, baseado na sua experiência visual de mundo. Este objetivo geral deu origem aos seguintes objetivos específicos: Compreender as características estilísticas da produção cultural (artefato) original do povo surdo denominada de Visual Vernacular; Identificar elementos da linguagem estética e cinematográfica em obras literárias reconhecidas como Visual Vernacular; E por fim, analisar o efeito estético criado pela linguagem utilizada para composição das obras literárias pertencentes ao estilo Visual Vernacular. Como suporte teórico dos elementos estéticos literários adotamos Sutton-Spence (2021), para fundamentar os elementos cinematográficos nas produções sinalizadas adotamos Castro (2012) e para reconhecer a VV como um artefato cultural originalmente criado no interior do Povo Surdo, adotamos Strobel (2008). Ancorados principalmente nesses autores as obras analisadas foram: a poesia *"Não mexe com o que não te pertence"*, "*Slam VV de mulheres – ao vivo*", da autora surda Cristiane Esteves de Andrade, e o poema VV "*Os cangaceiros X coronéis*" do autor surdo Alexandre Moreira. Entre os resultados obtidos durante a análise identificamos nas três obras os seguintes elementos estéticos característicos do estilo visual vernacular: Incorporação, Antropomorfismo, Classificadores, Expressões Facial e Corporal, Repetição, Espaço, Ritmo e Velocidade. Além de, Múltiplas perspectivas, que na produção Visual Vernacular são enfatizadas e apresentadas de forma muito mais detalhadas, nas seguintes ramificações das técnicas cinematográficas: Plano Grande Geral, Plano Geral, Plano Americano, Plano Próximo e Plano Close-up. No Slam, a segunda obra analisada, além de todos esses elementos citados anteriormente, identificamos também o elemento estético denominado de Exterior/Interior. Enquanto que, na terceira obra analisada, além de todos esses elementos encontrados anteriormente nas duas obras, identificamos mais um elemento cinematográfico, denominado de 3D. Concluímos então, neste estudo que por ser uma produção autêntica de artistas surdos e com maior evidência e crescimento após a pandemia, muito ainda precisa ser estudado sobre o artefato cultural Visual Vernacular, mas com base neste estudo podemos afirmar que, quando os autores escolhem esses elementos artísticos para a composição das suas obras literárias de diferentes gêneros pertencentes ao estilo Visual Vernacular, têm a intenção de gerar vários efeitos estéticos fortemente visuais para o seu público reconhecidos como o suspense, a curiosidade, a reflexão, a tristeza, entre outros sentimentos e emoções.

Palavras-chave: Visual Vernacular, Artistas Surdos, Estilo, Elementos cinematográficos.

ABSTRACT

This qualitative and descriptive research presents a study developed in the master's course of the postgraduate program in literature (PPGL-UFPB), which aimed to analyze the literary aesthetic elements and the elements of cinematographic language present in Visual Vernacular (VV) cultural production, to foster a better understanding of the stylistic characteristics that form this artifact created specifically by deaf artists, based on their visual experience of the world. This general objective gave rise to the following specific objectives: Understanding the stylistic characteristics of the original cultural production (artifact) of deaf people called Visual Vernacular; Identify elements of aesthetic and cinematographic language in literary works recognized as Visual Vernacular; And finally, analyze the aesthetic effect created by the language used to compose literary works belonging to the Visual Vernacular style. As theoretical support for the literary aesthetic elements we adopted Sutton-Spence (2021), to support the cinematographic elements in signed productions we adopted Castro (2012) and to recognize VV as a cultural artifact originally created within the Deaf People, we adopted Strobel (2008). Mainly based on these authors, the works analyzed were: the poetry "Don't mess with what doesn't belong to you", "Slam VV de Mulheres – ao vivo", by deaf author Cristiane Esteves de Andrade, and the poem VV "Os cangaceiros X coronéis" by deaf author Alexandre Moreira. Among the results obtained during the analysis, we identified in the three works the following aesthetic elements characteristic of the vernacular visual style: Incorporation, Anthropomorphism, Classifiers, Facial and Body Expressions, Repetition, Space, Rhythm and Speed. In addition, Multiple perspectives, which in Visual Vernacular production are emphasized and presented in a much more detailed way, in the following branches of cinematographic techniques: Wide Shot General, Wide Shot, American Shot, Close Shot and Close-up Shot. In Slam, the second work analyzed, in addition to all these elements mentioned above, we also identified the aesthetic element called Exterior/Interior. While, in the third work analyzed, in addition to all these elements previously found in the two works, we identified another cinematographic element, called 3D. We therefore conclude, in this study that as it is an authentic production by deaf artists and with greater evidence and growth after the pandemic, much still needs to be studied about the Visual Vernacular cultural artifact, but based on this study we can say that, when the authors choose these artistic elements for the composition of his literary works of different genres belonging to the Visual Vernacular style, are intended to generate several strongly visual aesthetic effects for his audience recognized as suspense, curiosity, reflection, sadness, among other feelings and emotions.

Keywords: Vernacular Visual, Deaf Artists, Style, Cinematic Elements.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Comunidade Surda e Povo Surdo.....17

FIGURA 2: Exemplo do Artefato Experiência visual.....20

FIGURA 3: Exemplo do Artefato Linguístico.....21

FIGURA 4: Exemplo do Artefato familiar.....23

FIGURA 5: Exemplo do Artefato Literatura Surda.....24

FIGURA 6: Sarau poético em Homenagem a Michel Marques.....24

FIGURA 7: Exemplo do Artefato Vida Social e Esportiva.....25

FIGURA 8: Exemplo do Artefato Artes Visuais.....26

FIGURA 9: Exemplo do Artefato Política.....27

FIGURA 10: Exemplo do Artefato Materiais (1).....28

FIGURA 11: Exemplo do Artefato Materiais (2).....28

FIGURA 12: Exemplo do Artefato Religioso.....30

FIGURA 13: Planos da fotografia e audiovisual 45

FIGURA14: Ângulos.....46

FIGURA 15: Movimentos de câmera.....47

FIGURA 16: Exemplo Expressão facial e corporal (1).....59

FIGURA17: Exemplo Expressão facial e corporal (2).....59

FIGURA 18: Exemplo Antropomorfismo (1).....60

FIGURA 19: Exemplo Antropomorfismo (2).....61

FIGURA 20: Exemplo Incorporação (1) 63

FIGURA 21: Exemplo Incorporação (2).....64

FIGURA 22: Exemplo Classificadores (1).....66

FIGURA 23: Exemplo Classificadores (2).....67

FIGURA 24: Exemplo Perspectivas Múltiplas.....68

FIGURA 25: Exemplo Repetição.....69

FIGURA 26: Exemplo Ritmo.....70

FIGURA 27: Exemplo Velocidade.....71
FIGURA 28: Exemplo Espaço.....71
FIGURA 29: Exemplo Plano Grande Geral.....73
FIGURA 30: Exemplo Plano Geral 73
FIGURA 31: Exemplo Plano Americano.....74
FIGURA 32: Exemplo Plano Aproximado ou Próximo.....75
FIGURA 33: Exemplo Plano Close Up.....75
FIGURA 34:Juradas da batalha de Slam de VV – Mulheres 78
FIGURA 35: Exemplo Personificação/Antromorfismo VV(1).....81
FIGURA 36: Exemplo Personificação/Antromorfismo VV (2).....81
FIGURA 37: Exemplo Classificadores VV.....82
FIGURA 38: Exemplo Incorporação VV.....82
FIGURA 39: Exemplo Expressão facial/corporal VV.....83
FIGURA 40: Exemplo Perspectivas Múltiplas/Zoom VV.....84
FIGURA 41 Exemplo Repetição VV.....85
FIGURA 42: Exemplo Ritmo e Velocidade VV (1).....86
FIGURA 43: Exemplo Ritmo e Velocidade VV (2).....86
FIGURA 44: Exemplo Espaço VV.....87
FIGURA 45: Exemplo Exterior/Interior VV (1).....88
FIGURA 46: Exemplo Exterior/Interior VV (2).....88
FIGURA 47: Exemplo Plano Grande Geral.....89
FIGURA 48: Exemplo Plano Geral.....90
FIGURA 49: Exemplo Plano Americano.....90
FIGURA 50: Exemplo Plano Aproximado ou Próximo.....91
FIGURA 51: Exemplo Plano Close Up.....91
FIGURA 52: Exemplo Personificação/Antromorfismo VV.....94
FIGURA 53: Exemplo de classificador na obra os Cangaceiros X Coronéis.....94

FIGURA 54: Exemplo Incorporação VV(1).....95
FIGURA 55: Exemplo Incorporação VV (2).....96
FIGURA 56: Exemplo Expressão facial/corporal VV (1).....96
FIGURA 57: Exemplo Expressão facial/corporal VV (2).....97
FIGURA 58: Exemplo Perspectivas Múltiplas/Zoom VV.....98
FIGURA 59: Exemplo Repetição VV.....99
FIGURA 60: Exemplo Ritmo e Velocidade VV (1).....100
FIGURA 61: Exemplo Ritmo e Velocidade VV (2).....100
FIGURA 62: Exemplo Espaço VV (1).....101
FIGURA 63: Exemplo Espaço VV (2).....102
FIGURA 64: Exemplo Exterior/Interior VV (1).....102
FIGURA 65: Exemplo Exterior/Interior VV (2).....103
FIGURA 66: Exemplo 3D VV (1).....104
FIGURA 67: Exemplo 3D VV (2).....104
FIGURA 68: Exemplo Plano Grande Geral.....105
FIGURA 69: Exemplo Plano Geral.....106
FIGURA 70: Exemplo Plano Americano.....106
FIGURA 71: Exemplo Plano Aproximado ou Próximo.....107
FIGURA 72: Exemplo Plano Close Up.....107

SUMÁRIO

1. Introdução 13
2. Contextualização da temática.....16
   2.1 O mundo dos surdos.....16
      2.1.1- A cultura surda.....19
   2.2 Estudos sobre a produção artística visual vernacular 32
3. Fundamentos para análise de obras da literatura surda.....36
   3.1 A literatura surda brasileira.....36
   3.2 A estética em libras.....37
      3.2.1 Expressão facial e corporal 38
      3.2.2 Antropomorfismo.....38
      3.2.3 Incorporação.....39
      3.2.4 Classificadores.....39
      3.2.5 Perspectivas múltiplas.....41
      3.2.6 Repetição.....42
      3.2.7 Ritmo e velocidade.....42
      3.2.8 Espaço.....43
   3.3 A linguagem cinematográfica.....44
   3.4 A linguagem cinematográfica no visual vernacular: o corpo do artista se transforma na câmera.....50
   4. Percurso metodológico.....56
   4.1 Objetivo geral.....56
   4.2 Objetivos específicos.....56
   4.3 Caracterização da pesquisa.....56
   4.4 Corpus.....57
   4.5 Procedimento de análise.....58

5. Análise da produção artística visual vernacular 60
      Análise da obra 1.....60
      5.1.1 Contextualizando a obra literária.....60
      5.1.2 Resumo sobre o conteúdo da obra.....61
      5.1.3Análise dos elementos da linguagem estética literária e seus efeitos.....61
      5.1.4 Análise dos elementos da linguagem cinematográfica e seus efeitos.....76
   5.1 Análise da obra 2.....81
      5.2.1 Contextualizando a obra literária.....81
      5.2.2 Resumo sobre o conteúdo da obra.....85
      5.2.3Análise dos elementos da linguagem estética literária e seus efeitos.....85
      5.2.4Análise dos elementos da linguagem cinematográfica e seus efeitos.....93
   5.2 Análise da obra 3.....96
      5.3.1 Contextualizando a obra literária.....97
      5.2.2 Resumo sobre o conteúdo da obra.....98
      5.3.3Análise dos elementos da linguagem estética literária e seus efeitos.....98
      5.3.4 Análise dos elementos da linguagem cinematográfica e seus efeitos.....110

6. Considerações Finais.....116
7. Referências.....118

1. INTRODUÇÃO

A palavra Vernacular é um adjetivo que significa algo particular ou característico de um país, nação, região, povo. Então, vernacular é algo próprio, original de uma nação, por exemplo, línguas vernaculares no Brasil (Português e Libras). Por isso, no contexto da Nação Surda (Povo Surdo espalhado pelo mundo, em diferentes países), a produção cultural Visual Vernacular é um estilo artístico próprio do povo surdo que destaca a visualidade, um artefato cultural[1] produzido originalmente pela nação surda.

Por se tratar de uma produção cultural criada especificamente por artistas surdos, tentar enquadrar suas características estilísticas fortemente visuais em um outro tipo de gênero literário/textual pré-existente é impossível. Devido a este fato, surge a pergunta problema desta pesquisa: Como os elementos da linguagem artística usados na criação das obras contribuem para a produção de efeito estético característico do estilo Visual Vernacular?

Partindo desta problemática, esta pesquisa qualitativa e descritiva objetiva analisar os elementos estéticos literários e os elementos da linguagem cinematográfica presentes na produção cultural Visual Vernacular, para fomentar uma melhor compreensão das características estilísticas que formam este artefato criado especificamente por artistas surdos, baseado na sua experiência visual de mundo.

Minha identificação com a temática surgiu da minha experiência de vida como artista surda. No decorrer da minha trajetória de vida fui me descobrindo como pessoa e como artista, demorei até entender tudo, mas descobri que após o transcorrer dos anos, pude perceber que em minha subjetividade eu sou uma artista, sou atriz e sou poeta, então vou contar um breve resumo de como encontrei o meu caminho para a arte.

Ainda criança eu participei de um curso de arte onde fiz vários desenhos onde demonstravam um sentimento, o sofrimento, que eu tenho um tanto quanto exposto em minha fisionomia, pelo meu jeito quieta e às vezes um pouco fechada. Quando adolescente participei de um minicurso de teatro onde aprendi vários outros sentimentos que poderiam ser demonstrados de maneira tão fácil quando o que eu já tinha afinidade,

[1] Termo que significa produções culturais de um povo, que de acordo com os Estudos Culturais influenciados por Stuart Hall não se limita em coisas materiais como artesanato, arquitetura e vestimentas, envolve também estilo de vida, crenças, valores, hábitos, experiências compartilhadas de uma comunidade ou povo.

e durante o curso o diretor sugeriu a criação de um filme, onde pude atuar pela primeira vez, o mesmo tinha por título “Mais que um filme legendado”.

Em 2017 participei de um curso de poesia na EAD do facebook organizado pelas professoras Rachel Sutton Spence e Fernanda Machado da UFSC, onde comecei a aprender vários conteúdos sobre poesia, essa gama de conhecimento me possibilitou ser a única surda da Paraíba a participar do Poetry Slam (traduzido "batida de poesia") com ouvintes, a sigla “Slam” significa que é uma competição de poesia.

No momento da pandemia os surdos usaram mais as redes sociais, então durante esta nova realidade me interessei por um assunto novo denominado de visual vernacular. Isto aconteceu porque vários artistas surdos publicaram vários vídeos do tipo visual vernacular nas redes sociais. Sendo assim, no ano de 2020 participei de um curso de visual vernacular na EAD pela plataforma Zoom ministrado pelo professor Cristiano Monteiro.

O Visual Vernacular, é um estilo de sinalização pouco conhecido no Brasil e, consequentemente, pouco se fala sobre VV nas pesquisas acadêmicas. O VV tem sua inspiração na linguagem cinematográfica e surge na cultura surda a partir da ênfase na experiência visual do povo surdo.

Com base nisso e partindo do olhar desta artista integrante da comunidade surda, o interesse foi despertado pela temática, dando origem assim, ao presente estudo que objetiva pesquisar sobre o estilo Visual Vernacular (VV) [2] na Literatura Surda embasado nos aspectos da linguagem cinematográfica (CASTRO, 2012) e na análise da estética em Libras de (SUTTON-SPENCE, 2021).

Este estudo também está ancorado na primícia que a literatura surda e seus elementos são considerados por Strobel (2008) como artefato cultural do povo surdo. Para Strobel (2008), a Literatura Surda traduz a memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos. A literatura se multiplica em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais (STROBEL, 2008, p.56) em todos esses gêneros há a possibilidade da utilização do estilo literário VV.

Tais produções culturais e literárias estão estritamente ligadas à história do povo surdo, pois registram suas lutas e conquistas, a identidade e a culturas surda. Dessa forma procurou-se dialogar teoricamente sobre Literatura Surda, Visual Vernacular e

[2] Entende-se Visual Vernacular como uma estratégia visual utilizadas nos textos sinalizados em língua de sinais de acordo com Bernard Bragg.

Linguagem Cinematográfica e suas relações entre si através dos inscritos de Sutton-Spence (2021), Peixoto (2020), Abrahão (2020), Castro (2012), entre outros autores.

A importância deste estudo inédito é evidenciar um estudo de análise da linguagem cinematográfica, das representações, das percepções visuais, e das ideias expressadas nas obras de autores surdos, visando contribuir com o aprofundamento do conhecimento sobre o Visual Vernacular. Para tanto, este trabalho vem estruturado da seguinte forma:

Inicialmente é apresentada a contextualização da temática em forma de revisão da literatura subdividido em dois momentos, primeiro evidenciando conceitos e definições básicas que esclareçam sobre a vivência do mundo dos surdos, e depois, elencando estudos anteriores sobre a produção artística visual vernacular.

Passando posteriormente para o capítulo da fundamentação teórica, onde é discursado sobre o suporte teórico no qual esta pesquisa está embasada, subdividida nos três pilares denominados como literatura surda brasileira, estética da Libras e linguagem cinematográfica.

Após esta panorâmica sobre a temática e o suporte teórico, damos prosseguimento apresentando o percurso metodológico para a realização da pesquisa, onde abordamos os objetivos, a caracterização da pesquisa, o *corpus* e os procedimentos de análise.

Por fim, detalhamos os resultados encontrados durante a realização da análise da produção artística visual vernacular, discutindo assim sobre os elementos estéticos identificados nas obras analisadas.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEMÁTICA

Neste capítulo o universo dos surdos será abordado de forma explicativa apresentando definições e conceitos, a fim de ambientalizar o leitor à realidade dos indíviduos com identidade Surda que possuem uma cultura própria e uma língua (Libras – língua brasileira de sinais) reconhecida pela Lei 10.436, de 2002 e regulamentada pelo Decreto 5.626, de 2005.

2.1 O mundo dos surdos

Inicialmente é preciso compreender quem é a pessoa Surda[3]. O conceito de Deafhood (Ser Surdo) evidencia a representatividade do indivíduo Surdo, sua existência e construção da identidade e da cultura surda, e foi desenvolvido pelo autor Paddy Ladd, que publicou livro: *Entendendo a cultura surda: em pesquisa de Deafhood*[4] (2003). O autor Rizzi (2019) publicou uma resenha esclarecedora sobre esta obra:

> Com o propósito de criar um espaço, no qual as próprias auto-conceituações da pessoa Surda possam ser colocadas e consideradas, um novo termo pareceu necessário para o autor, por isso Ladd o intitulou como Deafhood. Em sua obra Ladd enfatiza a importância de entender o termo como não monolítico, não sendo ele rígido, mas sim resiliente ao conceito histórico-sócio-político, sendo esses fatores variáveis intrínsecos das mudanças culturais. Sua obra explora diferentes leituras de Deafhood, por vários setores dentro da comunidade Surda. Mas, assim como a história Surda é enquadrada e penetrada de fora por discursos sobre surdez, também a moldura interna de Deafhood, olhando para fora, pode dar visibilidade e englobar os discursos Surdos não escritos, possibilitando pela primeira vez ir além das molduras. A intenção é buscar, essencialmente, uma epistemologia Surda, ou seja, as maneiras surdas de ser no mundo, de conceber o mundo, e, o seu próprio lugar real e potencial neste mundo. Observa-se-á como crucial que esta epistemologia não é posicional, mas que ela examina e apresenta a natureza e significância das pessoas Surdas entre si (RIZZI, 2019, p.3).

Como vimos, além da importância da auto-conceituação da pessoa Surda a obra destaca a resiliência no contexto histórico-sócio-político, apresentando a época áurea da educação de surdos, iniciada na França e expandida para vários países. Nesta época houve um fortalecimento dos discursos dos Surdos a ponto de criarem eventos internacionais: "Em meados da década de 1830, os líderes realizavam banquetes que atraiam Surdos e notáveis, um exemplo é Victor Hugo, os encontros tinham a intenção de formalizar a força da sociedade Surda, e o poder e a beleza da Língua de Sinais" (RIZZI, 2019, p.3).

---

[3] Este termo com a letra maiúscula foi utilizado pela primeira vez pelo autor neurocientista Sacks (1998), que justifica este uso pois reflete a visão cultural da construção identitária diferente da surdez com visão puramente clínica e como deficiência.

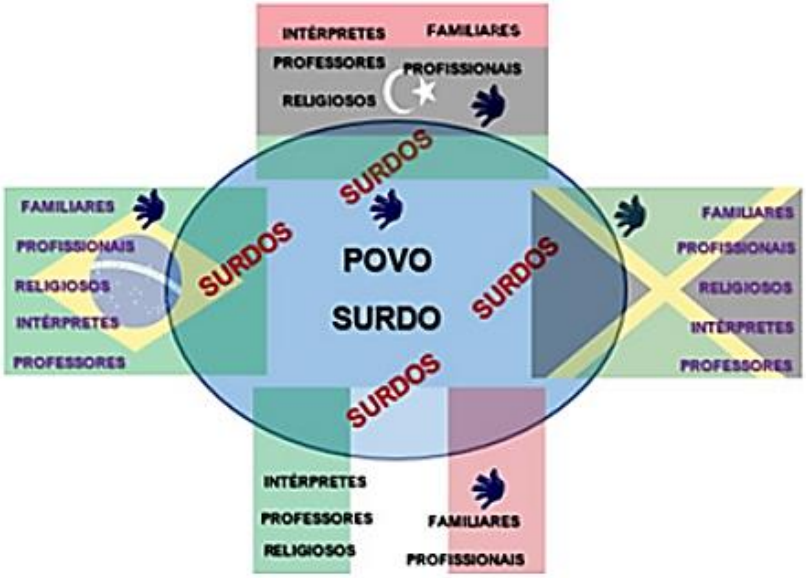
[4] O título original é *Understanding deaf culture: In search of deafhood*.

Contudo, esta época áurea de notoriedade e desenvolvimento foi interrompida pelo surgimento da filosofia oralista que proibia o uso da língua de sinais na educação de surdos, como esclarece o autor:

> A obra de Ladd revela o que o oralismo trouxe aos alunos Surdos. Uma série de prejuízos como: o medo e a submissão; a estupidez; a falta de confiança e o fatalismo; danos neurológicos; a retardação de desenvolvimento de opinião; violência; baixa expressividade em língua de sinais; a impotência forçada e divisão. O principal de todas as histórias coletadas pelo autor é mostrar a mentalidade coletiva do Surdo, suas dificuldades de lidar com as narrativas internalizadas e difíceis de transmitir de Surdo para Surdo. Os relatos demonstram que a surdez era escondida, pois não havia espaços para a criança Surda se manifestar. Padd também alerta a existência dos surdos que se engajam na narrativa oralista, e passam a ser colonizadores - e mostra como a conscientização permitiu a alguns afastarem-se desta armadilha, e aprofundar as diferenças entre surdez e Deafhood. Para isso, o senso de coletivo e o uso do "nós" foi importante para reforçar a comunidade. (RIZZI, 2019, p.5-6)

Realmente a trajetória histórica das comunidades surdas é marcada por sofrimentos e barreiras comunicativas, até hoje a luta continua. Porém, atualmente vivemos a era da filosofia denominada de bilinguismo, onde ocorre a construção de uma nova época áurea, com a valorização da língua de sinais e da característica peculiar dos Surdos como indivíduos biculturais e bilíngues, integrantes de uma comunidade linguística local (Comunidade Surda) e de uma nação, um povo sem demarcação geográfica (Povo Surdo). Veja a imagem abaixo para compreender de forma ilustrada a diferença entre os termos Comunidade Surda e Povo Surdo:

FIGURA 1: Comunidade Surda e Povo Surdo



Fonte: (PEIXOTO, 2020, p. 26)

Embasada teoricamente em Strobel (2008) a autora da imagem explica de forma clara o exemplo ilustrado na Figura 1:

> [...] embora receba o nome de comunidade surda, esta comunidade linguística não se constitui, exclusivamente, por integrantes surdos, mas possui uma parcela de integrantes ouvintes que se comunicam em Língua de Sinais daquele país, militantes pela causa desta comunidade linguística como: familiares, intérpretes, religiosos, professores, profissionais e outros ouvintes bilíngues. Entretanto, quando utilizamos o termo povo surdo, este grupo sim, é formado apenas por surdos. Para esclarecer de forma exemplificada, pense na seguinte situação: uma pessoa estrangeira residente no Brasil há muitos anos, fluente em língua portuguesa, pode ser considerada participante da "comunidade linguística brasileira", porém, não pertencente ao povo brasileiro. Da mesma forma que, uma pessoa ouvinte bilíngue, participante da comunidade surda, não é surda, pois sua origem é diferente. Portanto, não pertencente ao povo surdo. Esta origem vai além da condição da surdez, como característica comum e que os qualificam como integrantes do Povo Surdo. Consiste na auto descoberta do deafhood ("Ser Surdo"), termo utilizado mundialmente por militantes desta Nação ou Pátria surda sem demarcação geográfica. (PEIXOTO, 2020, p. 27)

Então diante desta explicação, compreende-se que faz parte da comunidade surda ouvintes e surdos que juntos lutam pelos direitos desta comunidade linguística, e o apoio dos ouvintes vem da participação deles em vários espaços e eventos como por exemplo: associação, festa, movimentos pela luta política e vários outros. Isto é demonstrado no próprio conceito sobre comunidade apresentado pela autora Strobel (2008, p. 32):

> Neste conceito de inclusão dos sujeitos em uma comunidade é entendida a partir de uma perspectiva de influência mutua entre todos os sujeitos envolvidos dentro de uma localização particular, tendo um compartilhamento efetivo do saber onde todos aprendem juntos no mesmo espaço.

Mas, é diferente quando usamos o termo povo, precisa ter a mesma origem, e não é obrigatório morar no mesmo local, podem vivenciar uma diáspora (o povo estar espalhado por lugares diferentes no mundo). Por isso, o Povo Surdo é formado apenas por pessoas com origem Surda, e não possui uma demarcação geográfica própria, pois essas pessoas estão espalhados por todo o mundo, participando das suas comunidades locais como no exemplo da Figura 1, as comunidades surdas libanesa, jamaicana, italiana e brasileira, representadas por suas bandeiras.

A autora Strobel (2008, p. 32) explica sobre povo surdo:

> O povo surdo poderia ser os surdos das zonas rurais, os surdos das zonas urbanas, os surdos índios, as mulheres surdas, os surdos sinalizados, os surdos oralizados, os surdos com implante coclear, os surdos gays e outros. Estes surdos também se identificam com o povo surdo apesar de não pertencer às mesmas comunidades surdas. Em situação em que o povo ao se sentirem

> excluídos das comunidades ouvintes devido às representações sociais "normalizadoras" que não aceitam a cultura surda – sujeitos surdos vivem nas comunidades ouvintes, mas não compartilham da mesma cultura deles – pode ocorrer uma experiencia diaspórica, o deslocamento de sujeitos surdos à comunidade surda.

Sobre a cultura deste povo citada pela autora, apresentaremos a seguir algumas definições e exemplos para conduzir esta contextualização sobre o mundo dos surdos de forma esclarecedora, pois é a base para a compreensão do objeto de estudo desta pesquisa.

2.1.1- A cultura surda

A Cultura Surda é uma riqueza, os surdos como um grupo cultural minoritário ou como um povo surdo tem história marcada na pele. Crenças, cultura, lutas e identidade são como ar que mantém o povo surdo vivo. Sobre Cultura, Strobel (2008, p.24,25) afirma que:

> Cultura Surda é o jeito do sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo, a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das "almas" das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. [...] O essencial é entendermos que a cultura surda é como algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilha algo que tem em comum, seu conjunto de normas, valores e de comportamentos.

Esta definição de cultura surda está de total acordo com a teoria de Hall sobre cultura geral: "A cultura que temos determina uma forma de ver, de interpelar, de ser, de explicar, de compreender o mundo" (HALL, 1997, p.20). Sobre as manifestações culturais do povo surdo, Strobel (2008) afirma que a Cultura Surda é composta por diversas produções culturais categorizadas como oito (8) artefatos culturais: experiência visual, linguístico, familiar, literatura surda, vida social e esportiva, artes visuais, política e materiais. Além disso, Peixoto e Vieira (2018) complementou o estudo com o nono (9º) artefato, o religioso.

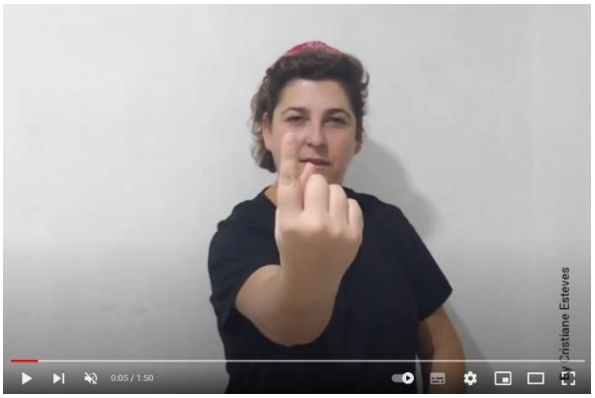
A. ARTEFATO CULTURAL EXPERIÊNCIA VISUAL

O artefato cultural experiência visual consiste em reconhecer a habilidade de vivência de mundo dos surdos através da utilização da visão, como Strobel explicou:

“Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico.” (STROBEL,2008, p. 45).

A experiência visual gera a literatura surda e, consequentemente, o Visual Vernacular. Por ter o foco principal nas imagens visuais, surdos de vários países conseguem interagir com esta arte, pois expressam as ideias visualmente detalhada e geram emoções por meio da visão, por exemplo, se o surdo vê um vídeo de poesia em VV, vai sentir emoção por causa do tamanho estímulo da visão. Assim, os artistas surdos usam a estratégia de apresentar o vídeo de poesia com o estilo Visual Vernacular para o público surdo avaliar. Isso demonstra a importância da experiência visual para a cultura surda.

FIGURA 2: Exemplo do Artefato Experiência visual



Fonte: Autora poetisa Cristiane Esteves, no seu canal de youtube.

A experiencia visual é própria e singular no mundo dos surdos que vive a visualidade como forma essencial. O VV é a manifestação da experiência visual na sua forma expressiva artística-literária, gerando vários gêneros criados por surdos, pois, baseada na sua experiência visual de mundo os autores surdos escolhem estrategicamente as técnicas ricamente visuais do Visual Vernacular.

B. ARTEFATO CULTURAL LINGUÍSTICO

O artefato cultural linguístico é o idioma de comunicação do povo surdo é a própria língua de sinais, por exemplo no Brasil, é a Libras – Língua Brasileira de Sinais, já nos Estados Unidos é a língua de sinais americana (ASL – American Sign Language). Como

Strobel explicou: “O segundo artefato do povo surdo é o linguístico, a língua de sinais é um aspecto fundamental da cultura surda.” (STROBEL,2008, p. 44).

Por isso, tem muitos surdos que moram em cidades do interior dos estados que não conhecem a comunidade surda e nem a língua de sinais, mas eles conseguem se comunicar com surdos e ouvintes através de gestos, além disso, em alguns casos criam os próprios sinais comunicação entre os próprios surdos locais, como Strobel explicou:

> [...] os gestos denominados "sinais emergentes" ou "sinais caseiros" dos sujeitos surdos de zonas rurais ou sujeitos surdos isolados de comunidades surdas que procuram entender o mundo através dos experimentos visuais e se procuram comunicar apontando e criam sinais, pois não tem conhecimentos de sons e de palavras. (STROBEL,2008, p. 44)

Um excelente exemplo de língua de sinais emergente é a experiência de um povoado no sertão do Piauí, pois a comunidade surda de lá existe há três gerações e não se comunicam através da Libras pois não tiveram acesso à ela, mas através da CENA, nome dada a língua de sinais emergente criada nesta localidade isolada há décadas. A CENA, denominada pelos moradores da cidade Várzea Queimada e pelos pesquisadores nacionais e internacionais, já possui um dicionário que objetiva garantir o registro e a preservação dessa língua utilizada pela comunidade surda local, que proporciona conforto linguístico, possibilitando assim aos surdos nativos expressar e compreender na própria língua de sinais transmitida entre as três gerações deste povoado.

FIGURA 3: Exemplo do Artefato Linguístico

Fonte: https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/02/20/nova-lingua-de-sinais-e-criada-por-comunidade-de-surdos-no-sertao-do-piaui.ghtml

Cada surdo tem experiencia visual diferente e a sua própria língua para comunicar que saber qual é sua identidade, como Strobel explicou:

> A língua de sinais uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (STROBEL,2008, p. 44)

O VV faz parte do artefato cultural linguístico, é possível até vê-lo como o "idioma de comunicação do povo surdo" pois surdos estrangeiros, que moram fora do país e falam outra língua de sinais, conseguem usar as técnicas artísticas do VV para se comunicar, porque compartilham das mesmas experiencias visuais, então isto aproxima e permite a compreensão. Isto é possível, pois, embora uma obra do gênero Visual Vernacular, raramente não use uma língua de sinais, os elementos da linguagem estética literária são os mesmos (classificadores, expressão facial e corporal, antropomorfismo...), reconhecido então pelo público surdos que entende esta forma de se expressar visualmente.

C. ARTEFATO CULTURAL FAMILIAR

A produção cultural ou artefato cultural familiar é a experiencia de conviver com familiar surdo e aprender a língua para a comunicação acontecer neste núcleo familiar. Pode ser uma família toda de surdos, uma família com pais surdos e filhos ouvintes, ou que acontece na maioria dos casos: pais ouvinte com filho(s) surdo(s). Fato este que na primeira fase gera um choque nos pais ao descobrir que o filho tem surdez, depois acontece um processo para a aceitação de ter um filho surdo, ou em alguns casos, a negação, pois há pais que mesmo com o passar do tempo ainda não conseguem aceitar ter um filho surdo e continuam com o desejo de que este filho fosse ouvinte.

> Quando o médico apresenta o diagnóstico da surdez, os pais ficam chocados, deprimem-se e culpam-se por terem gerado um filho dito "não normal" e ficam frustrados porque vem nele um sonho desfeito. Então, essas famílias alimentam esperanças de "cura" dessa "deficiência", ficam ansiosas e questionam "será que o meu filho surdo um dia ouvirá?" (STROBEL, 2008, p. 50).

Porém, a descoberta de um filho surdo na família de pais surdos é diferente, sobre isto Strobel esclarece:

> O nascimento de uma criança surda é um acontecimento alegre na existência para a maioria das famílias surdas, pois é uma ocorrência naturalmente benquista pelo povo surdo que não vêem nesta criança um "problema social" como ocorre com as maiorias das famílias ouvintes. No entanto, os pais surdos ao levarem seus filhos surdos aos médicos e profissionais da área e os mesmos os aconselham a não usarem a língua de sinais alegando que isto provocaria atraso na aquisição de língua portuguesa, encorajando-os a colocarem aparelhos nos seus filhos argumentando que ouvir som e aprender a falar é melhor do que **nada**. (STROBEL, 2008, p. 49)

Infelizmente isto acontece constantemente, quando pais surdos descobrem que seu filho é surdo também, ficam felizes e precisam levar ao médico para fazer a avaliação do tipo de surdez e receber o laudo, mas, na maioria das vezes os médicos aconselham não ensinar língua de sinais para a criança.

A comunicação através da língua de sinais compartilhada por seus pais no núcleo familiar não pode ser considerada como “nada”, ela é primordial, para sua construção de mundo principalmente por ser uma língua visual-espacial adequada para a aquisição natural desta criança surda, que vivencia o mundo através de experiências visuais.

Adquirir a língua de sinais como primeira língua não impede o aprendizado da língua portuguesa como segunda língua, pelo contrário, favorece para o ensino desta língua com qualidade partindo de uma perspectiva bicultural e bilíngue.

FIGURA 4: Exemplo do Artefato familiar

Fonte: a foto do Instagram @odiariodafiorella, em 2020.

Esta imagem é um exemplo onde toda família é surda. Os pais Francielle e Fabiano criaram uma página no Instagram “O diário da Fiorella” para contar a sua experiencia de criação das suas filhas. O desenvolvimento de Fiorella e Florence na língua de sinais, é acompanhado nesta rede social por mais de 33,9 mil seguidores, onde ficaram famosos e

muito conhecidos no Brasil. Além disso, a família também tem um canal de youtube no qual postam vários vídeos.

O VV se relaciona também com o artefato cultural familiar, quando esta técnica é passada de pais surdos para filhos surdos, ou filhos codas. Crianças surdas aprem rápido a usar VV quando seus pais surdos ensinam. Além disso, nas obras VV as temáticas familiares também podem aparecer.

D. ARTEFATO CULTURAL LITERATURA SURDA

O artefato cultural literatura surda é a forma de expressão artística através de vários gêneros, como por exemplo: poesia, história, piada, fábulas, contos, lendas etc. Strobel (2008) afirma: “utilizamos a expressão literatura surda para histórias que tem a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa.” (STROBEL,2008).

O slam faz parte de literatura surda porque é poesias de literatura marginal contemporânea e apresentadas em batalha. O slam surdo se apresenta como um ato político marcado pela diferença linguística de modalidade visual-gestual. O slam do corpo foi grupo que criou em 2008 em São Paulo, com o objetivo de possibilitar a participação dos surdos com ouvintes, Libras e Português.

FIGURA 5: Exemplo do Artefato Literatura Surda

Fonte: Slam Subversivas, 2022 – foto por Fabi Velloso.

Esta Figura 5 que exemplifica o artefato literário consiste em uma foto oficial do evento Slam Subversivas que foi transmitido pela TV Natal da Usina 2022 (22/12/2022) que registrou a premiação de 2º lugar para o slam apresentado pela poetisa (única surda

concorrente) Tamara Silva, autora desta pesquisa. Já as imagens da Figura 6 apresenta o Sarau Poético Girassol em homenagem a Michel Marques.

FIGURA 6: Sarau poético em Homenagem a Michel Marques

Fonte: Acervo da autora

O Visual Vernacular faz parte da Literatura Surda e nela pode-se produzir qualquer gênero em VV, por exemplo, conto, poesia, entre outros. O uso da VV é livre nas produções de obras surdas por artistas surdos.

E. ARTEFATO CULTURAL VIDA SOCIAL E ESPORTIVA

O artefato cultural chamado de vida social e esportiva é a produção surda de vivência em sociedade, como por exemplo: festa, atividades de lazer, esporte, vivências na associação de surdos e vários outros eventos e encontros que possibilitam viver a diferença, ou seja, viver a experiência enquanto povo surdo na sociedade, como Strobel explicou: “a vida social e esportiva do povo surdo são acontecimentos culturais, tais como casamentos entre surdos, festas, lazeres e atividades nas associações de surdos, eventos esportivos e outros.” (STROBEL,2008, p. 61).

FIGURA 7: Exemplo do Artefato Vida Social e Esportiva

Fonte: Arquivo pessoal da autora como atleta em 2021 na Surdolimpiada Nacional em SP.

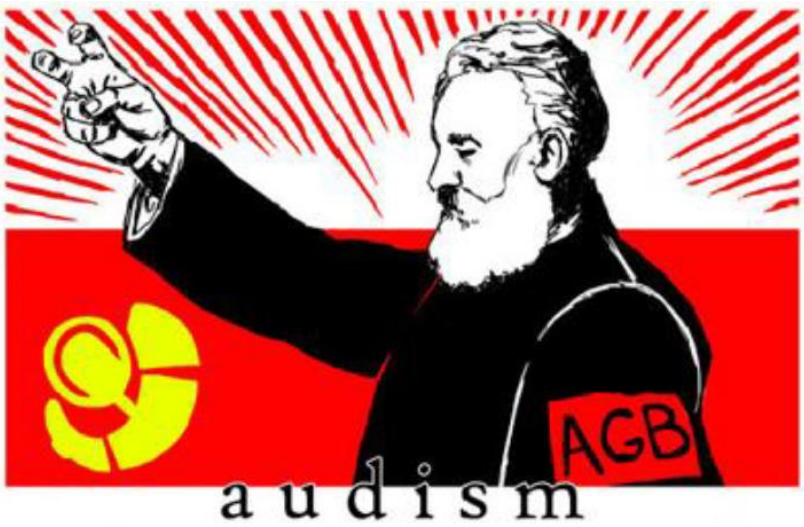
Esta foto mostra um exemplo desta produção cultural (vida social e esportiva), pois retrata a competição de vôlei de praia em dupla representando a ASNAT – Associação Surdos de Natal na Surdolimpiada Nacional em São José dos Campos – SP, que aconteceu no mês de dezembro de 2021. O evento Surdolimpíada Nacional foi organizada pela CBDS - Confederação Brasileira de Desportos de Surdos. A CBDS foi fundada em 17 de novembro de 1984, com a importante missão de dar mais visibilidade ao esporte produzido no contexto da cultura surda, pois a prática esportiva é uma forma de melhorar a qualidade de vida das pessoas.

O VV se relaciona com o artefato cultural vida social e esportiva, pois muitas vezes quando surdos estão em situações sociais de bate papo em eventos ou nas associações, e uma piada é contada utilizando a técnica VV, isto é recebido com naturalidade pelos seus pares, porque isto é muito comum. Esta forma de se expressar artisticamente usando a técnica VV é muito natural para muitos surdos, porque devido a importância da visualidade, comunicar desta maneira é confortável, agradável e favorece a compreensão.

F. ARTEFATO CULTURAL ARTES VISUAIS

O artefato cultural artes visuais, se refere a criação de arte na perspectiva da cultura surda. Por exemplo: desenhos, pinturas, esculturas etc. Strobel explica: “os povos surdos fazem muitas criações artísticas que sintetizam suas emoções, suas histórias, suas subjetividades e a sua cultura.” (STROBEL, 2008, p. 66).

FIGURA 8: Exemplo do Artefato Artes Visuais



Fonte: “Alexander Graham Bell Audism”, de Austin Balaich, Ano desconhecido.

Austin Balaich é licenciado em Animação pela Brigham Young University (BYU, Utah), é um desenhista e designer gráfico surdo estadunidense que atualmente vive em Kuala Lumpur, Malásia, onde atua em estúdios de animação 3D e oferece cursos na área Suas produções culturais são feitas, sobretudo, em suportes digitais, entre ilustrações, jogos, vídeos e sketchs.

Na obra acima, Balaich mostra Alexander Graham Bell, o famoso porta-bandeira das empreitadas em favor do método de oralização na América do século XIX, tido como perseguido da língua de sinais, numa posição que remete aos grandes ditadores, em questão Adolf Hitler.

Um implante coclear, no canto inferior esquerdo, faz alusão ao símbolo comunista, insinuando o totalitarismo das práticas e discursos ouvintistas, em seu braço temos as iniciais que substituem o símbolo nazista. Percebemos por fim uma relação intermídias, em formatos diferentes, a arte gráfica e a fotografia.

O VV faz parte de culturais artes visuais sim, por exemplo, uma obra desenhada, uma pintura, pode ser adaptada para VV com muitos detalhes sobre o desenho.

G. ARTEFATO CULTURAL POLÍTICA

O artefato cultural denominado política é a forma de produção cultural na qual a comunidade surda expressa a luta pelos seus diretos, como por exemplo, direito à: acessibilidade, escola bilingue, lei da Libras e vários outros, como Strobel afirma:

> Outro artefato cultural influente das comunidades surdas é a política, que consiste em diversos movimentos e lutas do povo surdo pelos seus direitos. Historicamente o povo surdo brasileiro transmitiu muitas tradições em suas organizações das comunidades surdas, o espaço cultural mais conhecido de todos são as associações de surdos. Atualmente, um dos maiores objetivos das associações dos surdos é a política, nessas organizações reúnem-se sujeitos surdos em reuniões e assembléias para compartilharem dos mesmos interesses e comuns, lutando pelos seus direitos judiciais e da cidadania, em uma determinada localidade, geralmente em uma sede própria, alugada ou cedida pelo governo. (STROBEL,2008, p. 71-72)

FIGURA 9: Exemplo do Artefato Político

Placa de comemoração indica que é preciso "continuar semeando possibilidades"

Fonte: https://feneis.org.br/jornais-da-feneis/

Esta imagem registrou a comemoração de 10 anos de muito sucesso desde a fundação da FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, fundada em 16 de maio de 1987 pela comunidade surda para a defesa de seus direitos como principal objetivo. Desde então a Feneis luta em defesa de: políticas linguísticas, educação, cultura, emprego, saúde e assistência social, sempre em favor da comunidade surda brasileira.

Através desta luta da comunidade surda foi conquistada a Lei da Libras de Nº 10.436 no ano de 2002, durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Esta lei que reconheceu a Libras como a língua utilizada pela comunidade surda brasileira, possibilitou diversas conquistas e abriu novos caminhos para esta parcela da sociedade brasileira.

O VV se relaciona com o artefato cultural político, através do contexto que os surdos criaram suas poesias e do conteúdo de militância política pelos direitos dos surdos, por exemplo, a poesia *Lei de Libras* que usou VV, entre outras obras poéticas.

H. ARTEFATO CULTURAL MATERIAIS

O artefato cultural materiais consiste na produção de objetos e recursos que gerem acessibilidade na vida das pessoas surdas, como por exemplo: legenda na TV, janela de interprete de Libras na TV, campainha luminosa residencial e vários outros, como Strobel afirma: “Há artefatos culturais materiais resultantes da transformação da natureza pelo trabalho humano, e sua utilização é condicionada pelo enleio do comportamento cultural dos povos surdos, que auxilia nas acessibilidades nas vidas cotidianas de sujeitos surdos.” (STROBEL,2008, p. 76)

FIGURA 10: Exemplo do Artefato Materiais (1)

Fonte: http://www.meuvotovale.com/projeto/7486-2017/

FIGURA 11: Exemplo do Artefato Materiais (2)

Fonte: https://igualmentediferentes.com/a-inutilidade-do-telefone-tdd-tty/

Essa foto é da época na qual era utilizado o TDD – Telephone Device for Deaf ou aparelho telefônico para surdos para comunicação por mensagens com o auxílio de uma telefonista especializada na central telefônica, composto de teclado, display para leitura de mensagens enviadas e recebidas e monofone. Eram poucos os surdos que usavam o TDD, por causa da dificuldade de comunicação na segunda língua, a língua portuguesa.

Depois, com o passar dos anos ganhamos novas tecnologias e muito melhor do que no passado, porque ajuda de forma mais adequada a necessidade dos surdos, como por exemplo: o WhatsApp, aplicativo no qual os surdos usam com muita frequência pois além de auxiliar na comunicação, o surdo pode escolher entre escrever uma mensagem ou fazer uma chamada vídeo.

O VV que trata das temáticas da experiência surda, citam no seu conteúdo materiais utilizados pela comunidade surda.

I. ARTEFATO CULTURAL RELIGIOSO

O artefato cultural religioso é a produção cultural que consiste nas crenças, costumes e hábitos religiosos de um povo, independente de qual religião, e não se limita a prática religiosa dentro de quatro paredes (em templos). A religiosidade como produção cultural não foi apresentada como os oito artefatos anteriores por Strobel, mas por Peixoto e Possebon (2018) no capítulo de livro intitulado *O 9º artefato cultural: Religioso*, fruto da pesquisa de mestrado *O conceito de sagrado dos surdos congênitos: um estudo na língua brasileira de sinais* (PEIXOTO, 2011). Sobre esta vivência a autora afirma:

> Partindo do entendimento básico que a cultura de um povo apresenta elementos que estão a nossa volta (o que é produzido) e elementos que estão dentro de nós (crenças e valores compartilhados), neste último capítulo propomos uma reflexão sobre o acréscimo de mais um tipo de produção dos sujeitos surdos, o artefato cultural religioso. Portanto neste estudo buscamos evidenciar que além dos artefatos culturais do povo surdo apresentados por Strobel (2008), experiência visual, linguístico, familiar, literatura surda, vida social e esportiva, artes visuais, política e materiais, existe também um artefato importante, que abrange crenças e valores norteadores de comportamentos, denominado de artefato cultural religioso. A proposta do acréscimo deste artefato reflete a reivindicação do respeito às diferenças, reconhecendo que a postura religiosa dos surdos é autêntica, sincera e singular. (PEIXOTO, 2018, p. 190, 204)

FIGURA 12: Exemplo do Artefato Religioso

Fonte: Peixoto e Vieira (2018, p. 196)

Essa foto retrata exatamente esta reivindicação do respeito ao direito de ser diferente. Pois neste exemplo da imagem, os surdos vivenciam a experiência de oração/meditação/reza com os pés juntos (não com as mãos dadas, porque precisam estar livres para sinalizar) e de olhos abertos para verem o surdo que está no centro conduzindo a oração. E isto é uma prática ritualística específica da cultura surda. E o mais importante, nas diferentes religiões que os surdos participam é necessário ter o respeito a sua experiencia visual, crenças e valores.

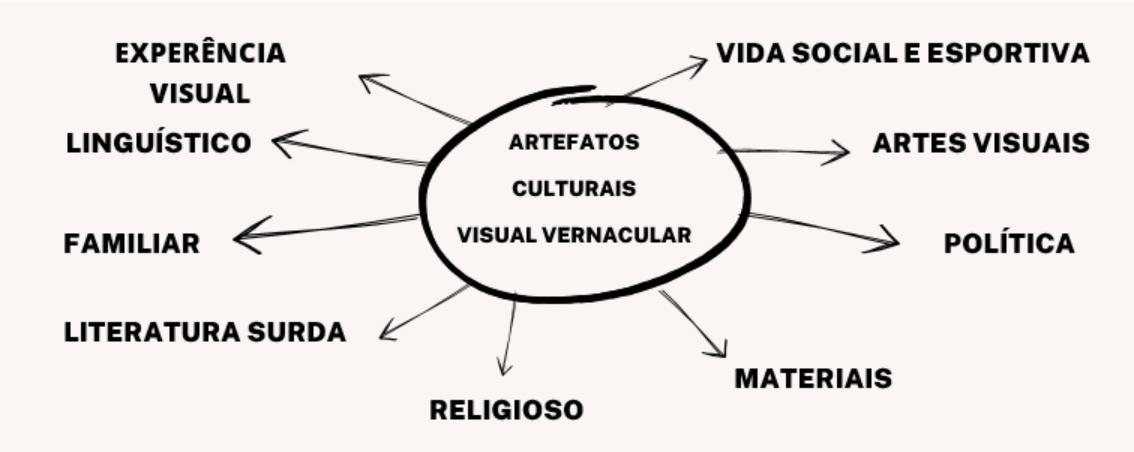
Um bom exemplo de como o VV se relaciona com o artefato cultural religioso é a obra *Prostituta* do poeta Mauricio Barreto, uma narrativa muito atrativa visualmente para surdos.

Depois desta necessária visão panorâmica sobre as produções culturais no contexto do povo surdo, é importante explicar que o objeto de estudo desta pesquisa, a técnica artística Visual vernacular, evidencia os artefatos culturais: experiência visual (base da vivência de mundo compartilhada entre os surdos onde se origina esta habilidade técnica muito específica deste povo de descrever de forma visual), linguístico (a técnica VV deriva da estrutura visual desta língua, inclusive por meio dos morfemas denominados de classificadores), literário (por se tratar de uma técnica visual para

narrativa de histórias seja no gênero poético ou no gênero prosa) e artístico (por possuir elementos cinematográficos e teatrais como a mímica).

Então, quando utilizamos o termo para uma obra Visual Vernacular significa que: estamos falando sobre uma obra literária (artefato cultural literatura surda), produzida através da estrutura visual das línguas de sinais (artefato cultural linguístico), que nasce da vivência visual de mundo (artefato cultural experiência visual), que utiliza técnicas interartísticas no ato de narrar histórias (artefato cultural artes visuais), podendo ser apresentadas em eventos da comunidade surda (artefato cultural vida social e esportiva), abordando temáticas sobre família de surdos (artefato cultural familiar), crenças religiosas (artefato cultural religioso) e luta pelos direitos (artefato cultura político).

A relação do Visual Vernacular com os artefatos culturais



Percebemos que na imagem o Visual Vernacular se relaciona com as demais produções culturais do povo surdo, por isso está dentro dos artefatos culturais.

2.2 Estudos sobre a produção artística Visual Vernacular

Na busca de estudos anteriores no Brasil sobre Visual Vernacular e linguagem cinematográfica no contexto da literatura surda brasileira destacamos cinco importantes publicações:

Tipo	Título	Autor e Ano
Dissertação	A TRADUÇÃO DE FÁBULAS SEGUINDO ASPECTOS IMAGÉTICOS DA LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA E DA LÍNGUA DE SINAIS	**CASTRO (2012)**
Dissertação	PERFOVISUAL: A TRANSCRIÇÃO ARTÍSTICA EM LÍNGUA DE SINAIS	**REZENDE (2019)**
Dissertação	SLAM SURDO E VISUAL VERNACULAR: DIÁLOGOS SOBRE EXPRESSÕES POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS	**ABRAHÃO (2020)**
Livro	LITERATURA EM LIBRAS	**SUTTON-SPENCE (2021)**
Dissertação	UM ESTUDO DA VISUAL VERNACULAR (VV): CULTURA E LITERATURA SURDA EM DIÁLOGO COM A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO	**MONTEIRO (2023)**

Esses estudos anteriores contribuíram de forma significativa para a construção desta pesquisa. O pioneirismo de Castro (2012) nos garante o embasamento necessário para a compreensão da união da literatura surda com a sétima arte, o cinema; O ato de desbravamento da pesquisadora Rezende (2019) com a temática Visual Vernacular permitiu vislumbrar os aspectos teatrais desta técnica literária; já Abrahão (2020) proporcionou a reflexão sobre Visual Vernacular enquanto uma manifestação artística Surda de resistência e de quebra de padrões e paradigmas; por fim, Sutton-Spence (2021) que ancora teoricamente e metodologicamente esta pesquisa dedica um capítulo do seu livro especialmente à temática, que com o *título Literatura Cinematográfica e o Vernáculo Visual (VV)*, evidencia todo o processo de desenvolvimento dos estudos acadêmicos sobre esta técnica artística da literatura surda.

O visual vernacular, que tem sua origem na experiência visual do povo surdo, faz parte do interior da literatura surda, pois, com esta técnica VV vários gêneros literários podem ser produzidos, por exemplo, uma história pode usar os elementos do VV ou uma poesia também pode usar os elementos do VV.

Com base nos estudos encontrados, consideramos a seguinte definição como a mais esclarecedora sobre o objeto de estudo deste trabalho:

> O Vernáculo Visual (também conhecido como VV) é a técnica de contar histórias de uma forma muito visual sem utilizar o vocabulário de sinais. É um estilo que tem as raízes na tradição surda de contar de modo cinematográfico histórias, em que todos os personagens, a paisagem e o narrador são apresentados pelo contador. **O VV não é nem exatamente Libras nem totalmente mímica**[5]**.** Algumas pessoas entendem que o VV foi criado pelo ator surdo americano Bernard Bragg, porém a ideia de contar histórias com

[5] Grifo nosso.

> sinais e gestos fortemente visuais não vem apenas dele. (SUTTON-SPENCE, 2021, p.78-79)

É importante destacar a afirmativa na qual a autora explica o fato que esta técnica de contar história não se limita ao uso do vocabulário em língua de sinais, mas este estilo literário originado da tradição surda de apresentar o cenário, os personagens e todos os elementos de uma narrativa de maneira cinematográfica, não é "exatamente Libras nem totalmente mímica".

Sobre a origem deste tipo de manifestação artística surda denominada de visual vernacular, podemos constatar que Bernard Bragg:

> conta que aceitou o convite de Marcel Marceau para estudar mímica em Paris, e a partir deste curso desenvolveu uma técnica de performance que batizou de VV - Visual Vernacular. Na verdade, Bragg disse que a VV é uma forma de mímica, mas fora da estrutura da mímica tradicional, pois recorta na performance um espaço menor e usa procedimentos da linguagem cinematográfica, como a sobreposição de imagens, a aceleração ou a diminuição da velocidade do filme e o emprego de imagens borradas. (RAMOS, 2020, p. 20).

Bernard Bragg foi a pessoa que deu um nome e um palco ao vernáculo visual, e com isso ele estabeleceu-o como uma forma de arte. Quanto a origem da Visual Vernacular em nosso país:

> No Brasil, a comunidade surda conta que a Visual Vernacular teve a sua origem em um momento em que o Instituto Nacional de Educação de Surdos - o INES - tinha alunos internos pobres. Seus colegas em melhores condições financeiras iam ao cinema, geralmente para verem filmes de Faroeste, e ao retornarem ao INES lhes contavam o que haviam visto nos filmes." (RAMOS, 2020, p. 20).

Como vimos, no Brasil, o VV teve origem quando os surdos estudavam no INES - Instituto Nacional de Surdos e dormiam neste local, então como alunos internos, tinham o contato diário e contínuo. Com a evolução das novas mídias foi possível o registro de vídeos que contavam as histórias dos filmes. Era como um recontar a história da obra fílmica. Sendo assim, os surdos usavam diversas estratégias visuais para recontar uma história: o uso de classificadores e outros aspectos linguísticos específicos das línguas de sinais, o movimento, a velocidade e a expressão facial são elementos pertencentes ao estilo artístico-literário VV. Entretanto, na época não teve grande popularização e visibilidade devido à falta de conhecimento sobre a temática por parte da comunidade surda.

No contexto da comunidade surda, o Visual Vernacular pode ser compreendida também como uma expressão visual do que conhecemos como linguagem

cinematográfica. Este aspecto que compõe a VV é a base para o entendimento das estratégias nesse estilo.

O autor pesquisador da manifestação artística Visual Vernacular Bauman (2006), destaca neste estilo a profunda ligação entre a literatura em língua de sinais e a linguagem cinematográfica. Porque os artistas surdos de Visual vernacular criam e recriam imagens com movimentos que copiam as técnicas usadas na arte do cinema.

Sendo assim, a VV recebe uma evidente influência das técnicas de cinema nas narrativas em Libras. A maioria dos artistas surdos não usam tanto os recursos da VV em suas poesias e narrativas. Por isso, é muito importante e urgente uma análise como esta do presente estudo, que identifique os recursos utilizados em obras com a VV e divulgue ainda mais este estilo com origem na tradição literária da comunidade surda, para que partindo das reflexões e discussões aqui levantadas, novas obras e novos estudos surjam.

3. FUNDAMENTOS PARA ANÁLISE DE OBRAS DA LITERATURA SURDA

Neste capítulo consta o suporte teórico que permite a realização da pesquisa, onde são apresentados os fundamentos no qual esta pesquisa está embasada, composta por três pilares: a literatura surda brasileira, a estética da Libras e a linguagem cinematográfica.

3.1 A literatura surda brasileira

Inicialmente, para entender literatura apresentamos a importante explicação:

> Ao refletirmos sobre o potencial criativo do ser humano que utiliza a matéria prima palavra/sinal. Esta capacidade de fabulação, precisa ser entendida como um componente que lhe é intrínseco, um atributo da vida psíquica, que responde aos estímulos externos do tempo e espaço de onde ele vive. O aflorar dessas representações evoca necessariamente a imaginação. Esta faculdade fabuladora por excelência que, ao transbordar a conotação intelectual, se manifesta na arte da literatura. Suas possibilidades expressivas alcançam distintas visões de mundo, temas, formas, estruturas e tendências artísticas. (PEIXOTO, 2020, p.37)

Em concordância com Peixoto (2020), a Sutton-Spence explica sobre a arte da literatura produzida na visão de mundo dos surdos.:

> A literatura surda original em Libras, ou seja, a que não foi traduzida da literatura das línguas orais para língua de sinais, é especialmente valorizada na comunidade surda, porque ela mostra as experiências das vidas dos surdos. Algumas dessas experiências vivenciadas são iguais às dasparticulares de pessoas surdas (como a resistência à opressão pela sociedade dos ouvintes, os problemas de educação dos surdos, as alegrias de conhecer a Libras, a experiência visual do mundo dos surdos e os sucessos da comunidade surda). Seja qual for o assunto, a literatura mostra a perspectiva visual de uma pessoa surda através da língua de sinais. A literatura em Libras [6]é uma oportunidade de brincar com a língua. Assim como ocorre com a literatura brasileira escrita em português, a literatura em Libras se concentra na forma estética da Libras, que tem características fora do comum, trata do conteúdo com perspectiva não cotidiana e se apresenta de uma maneira que seria diferente da vida comum. Em resumo, a literatura em Libras é bonita, espirituosa, brincalhona e frequentemente muito agradável.

Geralmente quando é visto o termo literatura brasileira, logo se pensa na literatura produzida no Brasil em língua portuguesa, para ouvintes, mas nesta, se inclui também a literatura da comunidade surda brasileira produzida na língua brasileira de sinais, uma

[6] Para este estudo adotamos a categorização de Sutton-Spence (2021) , então, utilizamos o termo literatura em libras, ou literatura surda em libras como a literatura que tem sua origem na língua de sinais e não a literatura traduzida para libras como em estudos anteriores.

língua vernacular, ou seja, uma língua nacional deste país, assim como a língua portuguesa que é uma língua nacional, com o diferencial de ser a língua oficial do país.

Como Sutton-Spence descreveu: “o povo surdo brasileiro cria a literatura dentro de seu contexto nacional. Embora os surdos componham literatura em Libras, são todos bilíngues que sabem a língua portuguesa (ainda que esta seja uma segunda língua) e participam da vida cultural dos brasileiros.” (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 27).

A literatura surda pode se relacionar com a temática da literatura brasileira porque os surdos têm a experiência em viver no mesmo local que a comunidade ouvinte e compartilhar da cultura brasileira e da literatura brasileira, pois como indivíduos biculturais: “A experiência dos surdos brasileiros faz parte da vida brasileira: a comida, as roupas e as tradições culturais (como as festas e as crenças folclóricas); a natureza, a geografia e a história do país; a vida política, social, econômica e técnica, tudo isso faz parte da literatura em Libras.” (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 27).

É fundamental levar em consideração o contexto sociocultural da obra literária produzida na hora de um estudo, pois o foco ao analisar uma obra da literatura em Libras pode ser focado no conteúdo, na performance ou na forma de linguagem produzida (SUTTON-SPENCE, 2021).

Partindo da realidade que esta pesquisa tem como foco analisar a forma da linguagem produzida, nas obras da literatura surda classificadas como visual vernacular, apresentaremos a seguir a linguagem estética em libras.

3.2 A estética em libras

A estética em libras é um conjunto de estratégias ou elementos visuais que produzem beleza na obra. O artista surdo cria e expressa sua ideia utilizando recursos estéticos em libras na sua poesia, com base na experiencia visual de mundo, como Sutton-Spence afirma:

> A experiência corporal das pessoas surdas é, na maioria, de visão e de tato ao invés de som, e a linguagem estética da literatura destaca isso. A linguagem estética apela aos sentidos e por meio dela o artista surdo busca criar uma experiência para o seu público, em vez de apenas afirmar algo ou dar uma informação. [...] Os elementos na literatura sinalizada chamam atenção ao “visual” com movimento no espaço e por isso são diferentes dos elementos literários na literatura escrita, especialmente na literatura escrita das línguas orais. (SUTTON-SPENCE, p. 55 e 56)

Com base nessas especificidades, apresentaremos a seguir alguns desses elementos estéticos da literatura sinalizada elencado por Sutton-Spence (2021).

3.2.1 EXPRESSÃO FACIAL E CORPORAL

A expressão facial e corporal, chamado também de elementos não manuais significa que é possível mostrar no movimento do corpo ou no rosto um tipo de expressão que vai gerar o entendimento do contexto da história, como Sutton-Spence esclarece: “A expressão facial, a abertura dos olhos, os movimentos do corpo, todos geram imagens visuais fortes e emoções intensas quando aumentados.” (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 98)

É importante que o artista surdo sempre use expressão facial e expressão corporal nos diferentes gêneros da literatura, porque utilizar esta estratégica estética torna a obra mais bonita, transmite emoção e possibilita uma experiência imagética visual forte, como Sutton-Spence explicou: “expressão facial do artista mostra as emoções atrás da mesma expressão facial do personagem.” (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 179)

3.2.2 ANTROPOMORFISMO

A antropomorfismo é o elemento estético que consiste na imitação de animal, plantas e objeto, não humano (pessoa). É a estratégia de apresentar detalhes e características daquilo que está sendo descrito por parte do artista surda quando ele vai contar a história sobre o personagem animal. Mas qual é o animal? Se é um cachorro o artista vai representar visualmente detalhes do corpo do cachorro, como Sutton-Spence explicou: “O corpo do artista se transforma pelo processo de incorporação e, portanto, passa a ser o animal ou o objeto. Esse recurso literário é conhecido como antropomorfismo ou personificação.” (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 177).

Este elemento chamado de antropomorfismo combina para crianças surdas, pois adoram assistir alguém contar a história de animais pela imagética visual, porque parece que está assistindo um filme. Igual ao livro infantil que é escrito por dentro mas tem desenhos que provocam atração nas crianças e curiosidade delas também, porque são seres inanimados (não-humanos) mas nas histórias apresentam-se com características próprias exclusivamente dos seres humanos. Como afirma a autora:

> Os contos de fadas e as fábulas de Esopo utilizam o antropomorfismo. Nessas histórias, os animais (e às vezes outras coisas, como árvores ou um espelho) falam e pensam como se fossem humanos - apesar de geralmente manterem sua própria forma física. Nos contos de fada, vemos animais falantes como em ***Os Três Porquinhos*** e ***O Gato de Botas***. Em ***Branca Neve***, o espelho fala. Nas

> fábulas de Esopo, os animais conversam na língua humana, como em ***A Lebre e a Tartaruga***, ***O Sapo e o Boi*** e ***A Raposa e a Cegonha***." (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 177)

O artista surdo sempre usa estética como detalhe de forma e comportamento quando vai narrar a história ou poesia, como Sutton-Spence explicou: "As características humanas que damos aos não humanos são de dois tipos principais: comportamento e forma." (SUTTON-SPENCE, p. 178). Importante termo "não humanos" e significa que não é uma pessoa, mas é incluir animal ou objeto, por exemplo de Sutton-Spence explicou:

> Os não humanos incluem, entre outros, animais (por exemplo, um gato ou um caramujo), plantas (uma árvore), elementos naturais (como uma montanha), objetos feitos por humanos (por exemplo, um carro), lugares (uma cidade) e qualidades e conceitos abstratos (como, por exemplo, a consciência ou a inveja). (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 179).

3.2.3 INCORPORAÇÃO

A incorporação consiste no ato de imitar a personagem humana (pessoa). Quando o artista surdo conta a história e apresenta os detalhes do corpo através do recurso da incorporação significa que ele está utilizando um aspecto altamente valorizado na estética da Libras.

> Tal recurso é particularmente agradável quando a pessoa é caricaturada através do exagero de sua aparência, seja de suas características físicas ou de seus movimentos. Muitos contadores de história têm o cuidado de descrever seus personagens fisicamente através da incorporação e continuam a enfatizar esses aspectos enquanto contam a história." (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 59)

3.2.4 CLASSIFICADORES

Os classificadores são morfemas das línguas de sinais que descrevem um sujeito ou objeto. Os classificadores na LIBRAS são marcadores de concordância de PESSOA, ANIMAL ou COISA:

> A Libras utiliza classificadores, em que as configurações das mãos são escolhidas a partir de um conjunto convencional da Libras, posicionadas e movidas no espaço a fim de mostrar como os personagens e os objetos se movem e se relacionam uns com os outros. Espera-se que qualquer boa história em Libras as utilize como um meio de criar um texto que seja visualmente divertido. (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 60)

É importante para o artista surda fazer o uso de classificadores para descrever o que vai narrar na história, pois como como Campello explicou, "o Classificador representa forma e tamanho dos referentes, assim como características dos movimentos dos seres

em um evento, tendo, pois, a função de descrever o referente dos nomes, adjetivos, advérbios de modo, verbos e locativos." (CAMPELLO, 2008, p. 98)

Campello (2008, p. 112 e 113) apresentou no seu estudo 11 tipos de classificadores são: 1) CL-D - Classificação Descritiva, 2) CL-ESP - Classificador que Especifica, 3) CL-PC - Classificador de uma Parte do Corpo, 4) CL-L - Classificador Locativo, 5) CL-S - Classificador Semântico, 6) CL-I - Classificador Instrumental, 7) CL-C - Classificador do Corpo, 8) CL-Pl - Classificador do Plural, 9) CL – Pr – Classificador Predicativo, 10) CL-E - Classificador de Elemento e 11) CL-Nº e CL-NOME.

1) **CL-D - Classificação Descritiva** - Para referir forma, tamanho, textura ou desenho de forma assimétrica ou simétrica é utilizada uma ou duas mãos, dependendo da situação. Estes podem ser descritivos de forma primária só para mostrar as descrições, mas todos os parâmetros nunca estão separados, por exemplo: o copo possui muitas formas, que podem ser como copo simples, copo comprido, copo cristal, copo em forma de canudo, copo para champanhe, etc... Ex: forma do copo, desenho de livro infantil, largura de um livro, altura de uma pessoa e descrição dos vestuários.
2) **CL-ESP - Classificador que Especifica** - É parecido com CL-D, mas a sua função é descrever a forma, tamanho e textura do corpo da pessoa e de animais. Ex: as penas das aves, as orelhas dos cães, as formas dos cabelos das pessoas, etc.
3) **CL-PC - Classificador de uma Parte do Corpo** - Descrever o corpo com uma ação ou posição, com configuração de mãos ou não. Ex: boca de uma vaca, ação de pé no chão, os olhos em movimento, a posição da cabeça, etc.
4) **CL-L - Classificador Locativo** - Determinar o objeto em relação com o outro objeto. Utiliza-se com as duas mãos em configurações de mãos. Ex: "embaixadinha", "tiro ao alvo", a chuva caindo na terra, etc.
5) **CL-S - Classificador Semântico** - É parecido com CL-L, mas a configuração de mão aparece como objeto abstratamente. Ex: C – os copos em cima da mesa, 3 – as três pessoas andando em uma direção, B - o coração batendo, etc.
6) **CL-I - Classificador Instrumental** -É utilizado de como se mostra, pegando ou usando alguma coisa de modo invisível. Ex: Alça de uma mala, passando flanela no carro, abrindo a porta, girar o botão, etc.
7) **CL-C - Classificador do Corpo** - É parecido com CL-I, mas não é utilizado para pegar ou usar alguma coisa de modo invisível. É real. Ex: dar "tchau", movimentar os braços como em correr, coçar a cabeça, etc.
8) **CL-Pl - Classificador do Plural** -Mostra a quantidade de objetos, pessoas ou animais. Ex: fila do refeitório, pessoas sentadas na sala de aula, dois passarinhos na árvore, etc.

9) **CL – Pr – Classificador Predicativo** – Mostra que um elemento liga a outro elemento. Ex: CARRO CHEGAR POSTE, PRAIA DESERTA, etc.
10) **CL-E - Classificador de Elemento** - Mostra elementos não sólidos. Ex: fumaça do vulcão, lágrima da pessoa, luz do pisca-pisca, etc.
11) **CL-Nº e CL-NOME** - Estes classificadores descrevem os números e nomes dos objetos. Ex: Nome da loja, sigla dos carros, números das camisas esportivas, etc.

3.2.5 PERSPECTIVAS MÚLTIPLAS

A estratégia da literatura surda denominada de perspectivas múltiplas parte do entendimento que:

> [...] a sinalização estética frequentemente tem características similares às das técnicas cinematográficas, incluindo o recurso de mostrar diferentes perspectivas. Há dois tipos: o sinalizante pode produzir sinais que representam dois pontos de vista sobre o mesmo personagem, com um close ou um plano distante cinematográfico, ou pode mostrar a perspectiva de dois personagens, com o observador e o observado por uso de espaço dividido." (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 62)

O objetivo do recurso perspectivas múltiplas é criar através da sinalização um filme que possibilita provocar a percepção que "a tela" com as imagens construídas pela descrição imagética está mais próxima e depois mais distante, parecendo o recurso de Zoom de uma câmera. Quanto a isto a autora afirma que "É 'colocar a linguagem no primeiro plano' e criar uma desfamiliarização ao mostrar cenas habituais através de perspectivas fora do comum. [...] narrativas fílmicas em Libras criam diversas perspectivas, dos planos mais aproximados aos mais distantes." (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 150)

Sobre esta aproximação e distanciamento a autora citou o exemplo da poetisa surda Fernanda Machado que criou o poema em libras "Voo sobre Rio", ela usou 4 perspectivas, como Sutton-Spence explicou: "As quatro perspectivas do planeta crescendo da ordem 1, 2, 3 e 4 no início, e no final, reduzindo, como 4, 3, 2 e 1 (decrescendo)." (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 163).

3.2.6 REPETIÇÃO

A repetição é repetir uma vez ou mais dependendo da estratégia que o artista surdo vai escolher utilizar para o efeito estético que ele deseja criar e assim apresentar a melhor experiência imagética visual, gerando emoção. Quando um artista surdo cria uma obra poética, por exemplo, o objetivo é causar emoção nas pessoas que assistem a poesia, pois, "a repetição cria padrões que se destacam como incomuns. Acima de tudo, em muitos poemas, ela cria um efeito estético, fazendo-os parecerem elegantes ou divertidos." (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 186). A estratégia poética de fazer várias vezes o mesmo sinal ou algum parâmetro do sinal

> [...] serve para criar uma sensação prazerosa e gera uma expectativa no público com a previsão da próxima repetição. Ao se introduzir cada novo personagem, também ocorre a repetição do uso de classificadores e a incorporação. A repetição de elementos não manuais é especialmente divertida [...]" (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 193)

3.2.7 RITMO E VELOCIDADE

Entre os diferentes movimentos que o artista surdo vai usar, ele utiliza da modificação do ritmo e da velocidade dependendo da forma que o artista quer dar a sua poesia ou história, como explica a autora: "As histórias normalmente variam de ritmo e de velocidade para destacar ações ou emoções, mas os poemas podem variar de ritmo e velocidade de maneira mais deliberada e estética para chamar atenção à própria linguagem, e não ao conteúdo." (SUTTON-SPENCE, p. 139)

Para isso, é importante a organização do artista para saber se combina o ritmo no espaço ou no tempo, pois:

> Em Libras, o ritmo vem do fluxo visual dos sinais, e vemos padrões de tempo (por exemplo, variação organizada na velocidade ou duração do movimento de sinais e pausas entre eles), ou da ênfase do movimento (alteração entre movimento agudo e suave, por exemplo). (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 190)

Para Sutton-Spence (2021, p. 190) 4 categorias de movimentos e pausas que poetas manipulam para criar um ritmo poético:

1. Ênfase na suspensão (pausa longa, pausa sutil, pausa brusca)
2. Ênfase no movimento (longo, curto, alternado, repetido)
3. Tamanho do movimento (movimento de trajetória ampliada, movimento reduzido, movimento de trajetória reduzida, movimento acelerado)

4. Duração do movimento (regular, lento ou rápido)

Já a velocidade é a forma que o movimento é produzido, de forma mais rápida ou de forma mais lenta, dependendo do efeito estético que o autor surdo quer criar para sua obra literária. Sobre isto a autora afirma: “Um parâmetro fundamental dos sinais é o movimento e em todo movimento há uma velocidade.” (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 56)

3.2.8 ESPAÇO

O elemento estético espaço pode ser literal e topográfico, descrevendo com detalhes locais diferentes, por exemplo outra cidade do interior, ou pode ser o espaço simbólico (metafórico), como por exemplo, o autor sinalizante pode posicionar ideias opostas “nos espaços contrastantes para que cada lugar se torne o espaço de referência para essas ideias.” (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 155)

É realmente importante que os artistas surdos usam o recurso estético espaço quando vai criar uma poesia ou narrativa, porque assim, a história, vai mostrar o espaço mais imagético e visual e gerar diferentes emoções, como afirma a autora:

> Artistas podem usar o espaço para criar imagens fortemente visuais ou para gerar sentidos específicos através de metáforas. Normalmente, nos poemas, esperamos o uso do espaço de maneira mais metafórica, mas ambos os gêneros de prosa ou poesia usam-no para criarem imagens visuais agradáveis ao público. (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 154)

Como vimos, esses elementos são fundamentais para criações de efeitos estéticos nas obras apresentadas pelos autores da literatura surda em libras. Delimitamos e direcionamos a apresentação a estes oito recursos por se tratarem dos elementos que serão analisados nesta pesquisa, e por se adequarem mais às características do estilo visual vernacular, mas há outros elementos estéticos visuais da literatura surda em libras citados pela autora como: simetria, ritmo, rima, metáfora, sinédoque e metonímia

Desta maneira, é possível afirmar que os autores surdos têm a experiência visual e comunicativa ao seu favor, pois eles usam o corpo para sua livre expressão na poesia na hora de sinalizar uma obra. Na realidade existe a necessidade desta prática, visto que, se os recursos estéticos literários com informações imagéticas não forem utilizadas, como expressões faciais, incorporação, antropomorfismos, classificadores (CL), entre outros, o interlocutor surdo não conseguirá visualizar a história e compreender o significado (CASTRO, 2012).

3.3 A LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA

O Cinema é conhecido como a sétima arte, depois da música, dança, pintura, escultura e teatro, literatura. Quanto a este tipo de arte encontramos um dado histórico interessante:

> Os irmãos franceses Auguste Lumière(1862-1954) e Louis Lumière (1864-1948) não foram os primeiros a exibir filmes a um público, mas ficaram famosos quando em 1895 apresentaram, em Paris, um cinematógrafo (máquina que filmava e projetava) construído por eles que apresentava um mecanismo de alimentação intermitente, baseado na máquina de costura, captando imagens numa velocidade de 16 quadros por segundo (Edison usava 46 quadros por segundo). (PADUIM, 2013, p. 12)

Desde sua origem ele vem ganhando mais espaço porque usa mecanismos que provocam a atração dos espectadores através do visual e do sonoro. Cinema é a arte do movimento na tela. E esta referida tela possui diversos ângulos, enquadramento e diferentes perspectivas. Isto comprova a afirmativa popularmente conhecida: "imagens falam mais do que palavras".

Há três elementos desta linguagem audiovisual são: o visual, a sonora e a verbal. Neste sentido é importante considerar "O tempo (a câmera lenta, câmera rápida, interrupção do movimento, inversão do movimento); o espaço (o primeiro plano, os ângulos, os movimentos de câmera); a palavra e o som (os diálogos, a música). (BETTON, 1987, p. 51-52)

É importante esclarecer que quando relacionamos o aspecto sonoro da arte do cinema com as pessoas surdas, isto não impede de haver trilhas sonoras, pois há diversos tipos e graus de surdez, inclusive em algumas obras literárias são utilizadas trilhas sonoras. Porém, ao falar de som na arte visual vernacular ela é descrita visualmente, por exemplo uma explosão, ou pessoas dançando, ou o barulho de um trovão ou objeto caindo, todos esses efeitos sonoros se tornam efeitos visuais produzidos nas mãos. Dialogando com Betton (1987), a autora Paduim afirma:

> O cinema é resultado de vários equipamentos técnicos, (em especial a câmera) mais a intervenção, a visão pessoal do seu idealizador. Mas para que a câmera possa desempenhar um papel criador ela necessita de alguns elementos relacionados a expressividade da imagem. Dentre estes elementos estão os enquadramentos, os planos, os ângulos de filmagem e os movimentos de câmera." (PADUIM, 2013, p. 16)

Então, a linguagem cinematográfica no contexto da literatura surda em libras é o conjunto de planos, movimentos de câmera e ângulos, onde os sinalizantes expressam nos

espaços diferentes demonstrando e descrevendo detalhes por meio de uma estrutura da percepção visual (BAUMAN, 2006). Neste contexto, há quatro estudos que relacionaram os tipos de planos da linguagem cinematográfica com a literatura surda, as pesquisas dos autores Bahan (2006), Bauman (2006) e dos autores brasileiros Castro (2012) e Vieira (2016).

A pesquisa da dissertação do autor Nelson Pimenta Castro (2012) com a análise da linguagem cinematográfica nas cenas das fábulas de Esopo, começou aqui no Brasil as pesquisas sobre os aspectos imagéticos em Libras e os tipos de planos da linguagem cinematográficas. A linguagem cinematográfica tem cinco (5) tipos de planos, e esta técnica é muito parecida com o elemento estético literário que vimos anteriormente denominado como perspectivas múltiplas, pois consiste no ato de produzir uma tela imaginária através da sinalização gerando percepções de mais próxima ou mais longe da imagem construída visualmente através das mãos. Então é possível, identificar essas semelhanças imagéticas produzidas na língua de sinais através do uso da linguagem cinematográfica nas mãos utilizando os cinco planos: grande geral; geral; americano; próximo; close up (CASTRO, 2012, p. 43). Sobre esses tipos de planos, ângulos e movimentos de câmera, apresentamos a seguir dados encontrados em estudos anteriores:

a) TIPOS DE PLANOS (CASTRO, 2012, p. 42 – 47 e VIEIRA, 2016, p. 69):

- Plano Grande Geral, PGG: Este plano é uma visão geral que procura ambientar o espectador ao lugar em que a cena acontece. Em língua de sinais há, da mesma forma, maneiras de se descrever o local onde se passa a narrativa como, por exemplo, uma imagem de um homem em uma praia deserta tomada do alto, em que o homem figura apenas como uma pequena imagem inserida em um vasto contexto, dando elementos para que o espectador veja, crie ou deduza situações e/ou sentimentos que vão se modelando à medida em que as tomadas se aproximam, e os planos mais detalhistas vão possibilitando a condução do olhar do espectador pelo diretor, que é sempre o narrador.
- Plano Geral, PG: Este plano também é uma visão geral que procura ambientar o espectador ao lugar em que a cena acontece, mas de uma forma um pouco mais detalhada, na medida em que o personagem principal da narrativa Plano Grande Geral Plano Grande Geral encontra-se mais próximo. Em língua de sinais há, da mesma forma, maneiras de se fazer esta descrição e, admitindo-se a narrativa

anterior de um personagem humano em uma praia, por este plano, então, ele seria representado em tamanho aproximado da tela com a praia ao fundo.

- Plano Americano, PA: Este plano é assim chamado, ao que tudo indica, devido à sua grande utilização pelas produções cinematográficas estadunidenses da primeira metade do século XX e se caracteriza pela mostra dos personagens humanos da cabeça aos joelhos. Em língua de sinais há também, maneiras de se produzir este plano que, seguindo a narrativa do homem que faz um SOS numa praia deserta, demonstraria que se tratava de um astronauta que foi vestido e preparado antes da viagem que o fez cair na praia.
- Plano Aproximado ou Próximo, PP: Também chamado eventualmente de Primeiro Plano, esta é uma tomada de câmera que mostra o personagem principal humano da cabeça ao tórax. Em língua de sinais há também, maneiras de se produzir este plano que, seguindo a narrativa do homem astronauta que caiu numa praia deserta, demonstraria que ele encontrou uma garrafa de onde saía uma fumaça.
- Plano Close up: Neste tipo de plano o enquadramento focaliza detalhes de pessoas ou objetos com a intenção de ressaltar as emoções do(s) personagem(s). Em língua de sinais há também, maneiras de se produzir este plano que, seguindo a narrativa do astronauta que segurava uma garrafa, demonstraria a forma da garrafa e seu movimento, ao ainda o beijo que o gênio da garrafa lhe dera ao ser libertada.
- Plano detalhe: é o plano no qual o objeto ou o personagem a ser mostrado tem sua imagem aproximada, ou seja, aparece o objeto ou imagem com a tela cheia e não aparecendo ao seu redor outro tipo de imagem. Pode ser encontrada em qualquer imagem que se esteja visualizando a tela cheia relacionada ao objeto.

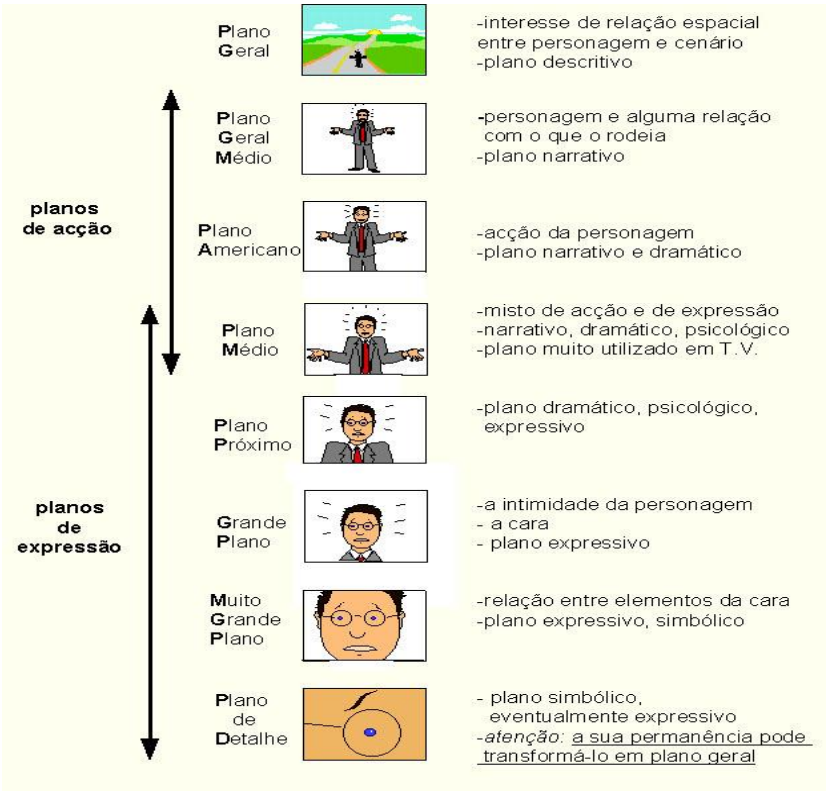
Os planos no contexto da fotografia e do audiovisual como um recurso narrativo visual possui uma função para a produção de sentido. Geralmente, os planos são divididos em duas categorias: planos de ação e planos de expressão. Percebemos que fazem parte dessas categorias os seguintes planos:

a) Plano de ação: Plano Geral (PG), Plano Geral Médio (PGM), Plano Americano (PA);
b) Plano de expressão: Plano Próximo (PP), Plano Grande (PGR), Plano Grande Próximo (PGP), Plano Detalhe (PD);

Além disso, temos o Plano Médio (PM) que é uma espécie de plano híbrido que funciona como plano de ação e plano de expressão.

Nos vídeos sinalizados, podemos perceber que alguns planos não aparecem nas estratégias de VV, mas é perceptível que os planos em alguns momentos se misturam através dos movimentos dos sinais surgindo assim o plano híbrido na VV. Assim como cada plano tem sua função na fotografia e no audiovisual, os planos aplicados à VV também desempenham uma função. Sobre as funções de cada plano, podemos observar na imagem, a seguir:

FIGURA 13: Planos da fotografia e audiovisual



FONTE: Grupo de Pesquisa do Audiovisual (2023)[7]

b) ANGULOS (VIEIRA, 2016, p. 71 – 74)

Angulo vertical

- Plongê: é a captura de imagem em que a câmera fica inclinada de cima para baixo filmando os personagens ou objetos.

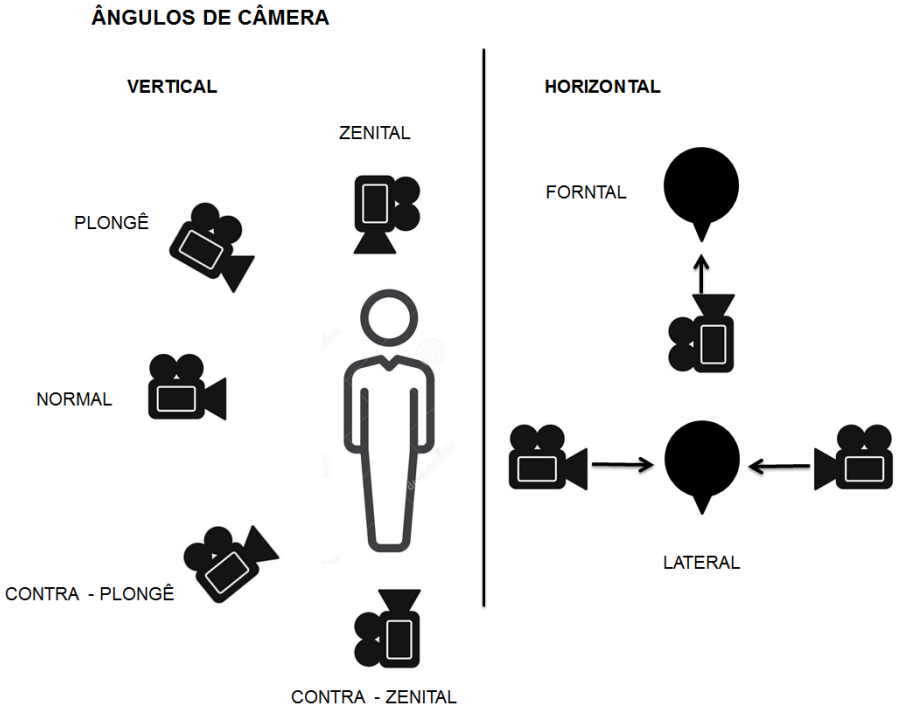
[7] Acesso em 02/02/2023: https://azulbananastudio.wordpress.com/2012/06/04/planos/

- Contra-plongê ou Contra-picado: é a captura da imagem em que a câmera fica inclinada de baixo para cima filmando os personagens ou objetos.
- Zenital e Contra-zenital: pode ser executada de duas maneiras. Esse plano é quando a câmera está posicionada acima de um cenário, visualizando-o de cima para baixo. A segunda forma, conhecido como o contra zenital é quando as imagens são visualizadas de baixo para cima quando a câmera é posicionada abaixo do cenário.

Angulo horizontal

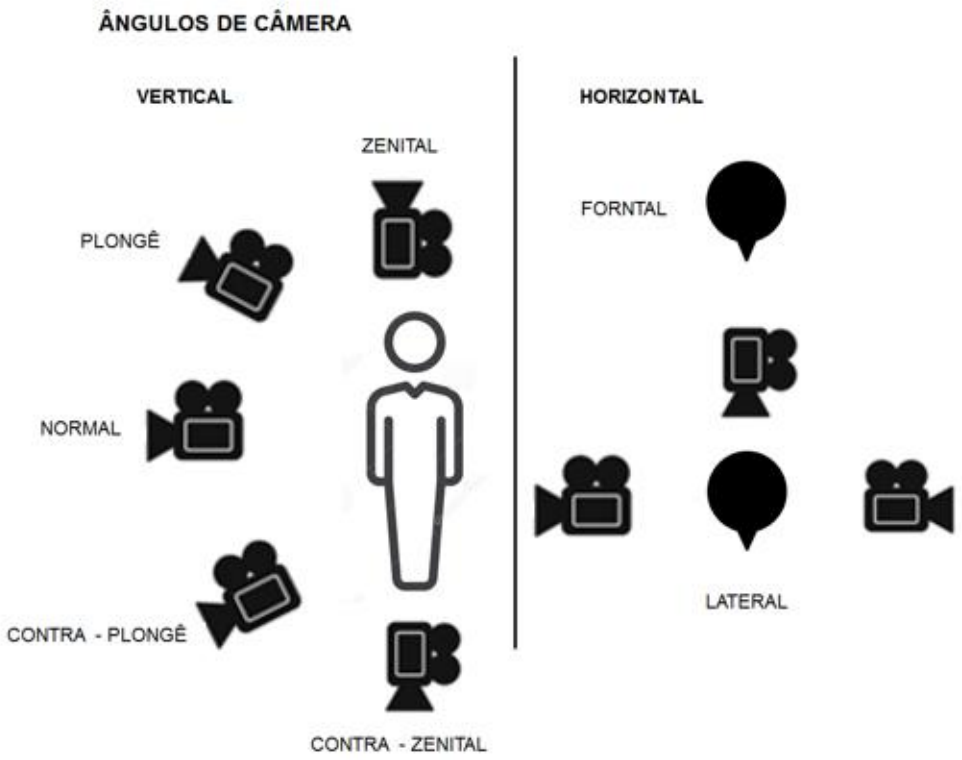
- Frontal: é quando são capturadas imagens nas quais a câmera está em posição normal (em frente ou ao lado dos seus personagens). Ela fica inclinada ao lado dos personagens ou objetos.
- Lateral (ou de perfil): o personagem é visto de lado.

FIGURA 14: Ângulos



FONTE: Elaborado pela autora em 2023.

FIGURA 14: Ângulos



FONTE: Elaborado pela autora em 2023.

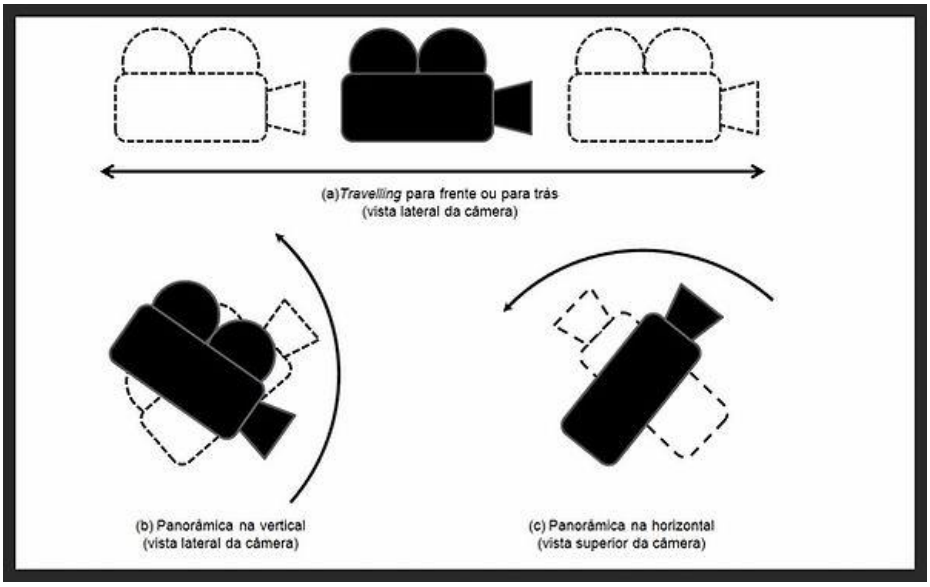
Esta segunda figura mostra a câmera ao contrário, como se fosse a câmera de dentro do corpo para fora, demonstrando que os surdos usam como estratégia a estrutura de ângulos de câmera, porém através do corpo.

c) MOVIMENTOS DE CAMERA (PISANI, 2020, p. 22 – 24)

- Plano fixo: Fixa entre o tripé de sustentação e a câmera.
- Panorâmica: O deslocamento lateral da câmera em torno do próprio eixo permite a ampliação do campo visual. A panorâmica vertical é muito utilizada para destacar a altura de algo, geralmente, deixar em evidência a altura de um grande prédio, monumento ou captar a imagem de algo que se desloca verticalmente como um elevador ou foguete.
- Travelling: O travelling surgiu com o deslocamento lateral da câmera (da direita para a esquerda e vice-versa), colocando-a junto à janela de passageiro em um veículo em movimento.

- Zoom: Na medida em que evoluía a tecnologia das lentes, tornou-se possível captar imagens nos mais variados ângulos e rapidamente os diretores descobriram que era possível aproximar ou afastar a imagem pelo uso do jogo de lentes no momento em que gravavam. A estes efeitos foram dados os nomes de zoom-in e zoom-out.

FIGURA 15: Movimentos de câmera



FONTE: https://cineemsala.wixsite.com/cineemsala/blank-jslh1

Sendo assim, de acordo com esses fundamentos vimos que a linguagem cinematográfica na arte Visual Vernacular, permite produzir um sentido visual perfeito como em um filme, a partir de perspectivas diferentes, pois o próprio corpo do artista de VV se torna a câmera devido aos planos, ângulos e movimentos expressados na visualidade da sinalização.

3.4 A linguagem cinematografica no visual vernacular: o corpo do artista se transforma na câmera

Existe uma relação entre linguagem cinematográfica, língua de sinais e visual vernacular. Principalmente por que os artistas surdos ao produzir uma obra visual vernacular usa estratégias para expressar através do seu próprio corpo e da sinalização, as técnicas da linguagem cinematográfica sobre os tipos de planos. Como o autor Vieira (2016, p 75) explicou: “A Libras mostra alguns aspectos da linguagem cinematográfica

expressando os sinais, movimentos, expressão corporal apresentando a diferença e a expectativa da observação dos espectadores, permitindo a composição dos planos da linguagem cinematográficas. “

Os artistas surdos usam técnicas da linguagem cinematográfica para criar na sinalização o efeito igual ao efeito de edição de vídeo, quando quiser: cortar a cena, adiantar o tempo ou a velocidade, etc.

O mundo dos surdos é baseado em experiências visuais e se expressa através do corpo para comunicar vários aspectos imagéticos. Por isso, os surdos vivenciam o mundo recebendo sua própria língua pela visão e falando com as mãos e se comunicando através do corpo. De acordo com este fato, é muito importante respeitar a diversidade dentro da própria cultura surda, porque cada sujeito surdo tem sua própria experiencia visual de vida.

Segundo o autor Castro (2012, p 53) “[...] formas de produção imagética são propostas extremamente importantes que ajudam a repensar as narrativas em língua de sinais, finalmente priorizando o aspecto imagético da comunicação com os surdos, sujeitos com experiência visual de vida (Castro, 2012, p. 53).”

Os gêneros da literatura, dependendo das escolhas estéticas do artista surdo, podem usar o estilo visual vernacular com linguagem cinematográfica, porém, é importante registar em vídeo em canal de youtube como autor Vieira (2016, p. 76 e 77)

> Pois através delas os surdos contam piadas, poesias, fábulas, histórias com elementos da cultura surda, suas experiências de vida, com o objetivo de registrar a história narradas por pessoas surdas. Assim começam a ser produzidas as narrativas através de pensamentos convertidos em filmes imagéticos para registrar e publicar a cultura surda, existindo um compromisso histórico com a comunidade surda.

É importante o artista surdo ter sua própria experiência visual com os elementos do visual vernacular para criar sua obra, porque o criador da obra vai escolher como expressar e comunicar alguma coisa visual para o público surdo conseguir ver e entender, como afirma o autor Castro (2012, p. 61):

> [...] em relação à experiência comunicativa e linguística em língua de sinais, acrescento que sendo a língua de sinais imagética, também surte o efeito de visualização da narrativa em três dimensões dependendo de como esta é produzida, ou seja, quando uma produção em sinais se limita à composição lexical a narrativa parece linear, plana e até mesmo irreal ou desprovida de

> sentido. Ao contrário, se são utilizados recursos imagéticos como expressões faciais e corporais, movimentos, gestos, antropomorfismos diversos e classificadores (CL), o interlocutor surdo conseguirá visualizar a história e formar significado.

A característica principal da produção artística Visual Vernacular é exatamente o que o autor falou acima, ela não se limita à composição lexical e utiliza recursos imagéticos que vão além dos sinais. Os elementos do visual vernacular usa mais o corpo para expressar e menos sinais de Libras, e assim, o corpo expressa igual a imagem, que significa tudo quando o artista surdo cria sua obra (poesia ou narrativa).

Embora o estilo VV use pouco ou nenhum léxico da Língua de Sinais nas obras, esta habilidade artística está diretamente relacionada a experiência e fluência na língua visual-espacial porque a sua experiência visual de mundo "passa pela capacidade de produção de imagens na narrativa em língua de sinais que o surdo vai "ver" e, a partir daí, formar significado. (PIMENTA, 2012, p. 52)

Segundo autor Bauman (2006, p. 109) destaca que o Bernard Bragg utilizou as propriedades cinematográficas em Língua de Sinais, pois ele iniciou sua carreira como ator no teatro nacional de Surdos, ele inventa uma técnica de execução à qual ele se referiu como "vernáculo visual".Ele explica o uso técnica vernacular visual, conceito que se apresenta como uma técnica visual cinematográfica. Isso significa que a modalidade visual utiliza vernacular visual e demonstra os aspectos cinematográficos, ou seja, plano, direção, edição, zoom, montagem, movimentos e outros. Assim o autor surdo tem uma performance com as propriedades cinematográficas visual além da língua de sinais.

Os artistas surdos se desenvolveram no uso das técnicas cinematográficas. Eles expressam visualmente na sua sinalização os tipos de planos de vídeo. Estudam antes a forma que querem criar nas suas obram e usam a incorporação assumindo a função da câmera no seu próprio corpo ao tomar a posição da câmera, como explica Vieira:

> As propriedades da linguagem cinematográfica podem estar ligadas às expressões sinalizadas em Libras, pois os autores surdos, ao demonstrarem os movimentos, usam as várias formas de incorporação ao tomar a posição da câmera, para despertar a atenção dos espectadores usuários de língua de sinais. A partir destas pesquisas, aumenta a demanda de se desenvolver as técnicas cinematográficas visuais nas narrativas em Libras percebendo as expressões dos tipos dos planos da linguagem cinematográfica (Vieira, 2016, p. 76).

Com base nessas teorias sobre visual vernacular e linguagem cinematográfica que vimos, agora vamos falar sobre o uso da câmera no próprio corpo. Então uma pergunta para reflexão, imagina uma câmera em pé, fixa, sem movimento, como um artista surdo usa o elemento de linguagem cinematográfica? É simples, ele usa o corpo para desenvolver os elementos de linguagem cinematográfica, por exemplo: a sinalização é maior e mais próxima para gerar proximidade similar ao close-up (plano próximo), ou classificadores que demonstram detalhes distantes para gerar efeito de Plano Grande Geral, tudo feito com as próprias mãos, não com a câmera.

Os artistas surdos cada dia têm estudado mais desenvolvendo e aperfeiçoando como vão usar os elementos do estilo visual vernacular com linguagem cinematográfico para promover efeitos estéticos. Claro que não e fácil, é preciso estudar profundamente, se dedicar na área Visual Vernacular, mas os sujeitos surdos tem em sua subjetividade a força da arte. Então, surge de forma muito natural esta manifestação artística que vem como a expressão Visual Vernacular, que faz o uso de elementos estéticos literários de línguas sinalizadas associados a elementos da linguagem cinematográfica

Às vezes os surdos nem percebem que tem esta habilidade tão natural de incorporar a câmera e gerando efeitos cinematográficos através do ato de expressar sinalizando detalhes de um filme, algo tão tradicional dentro das comunidades surdas. “É um estilo que tem as raízes na tradição surda de contar de modo cinematográfico histórias, em que todos os personagens, a paisagem e o narrador são apresentados pelo contador.” (Sutton-Spence, 2021, p. 78)

Os artistas surdos podem apresentar sua obra de VV para um público pessoalmente ou gravar um vídeo, mas nas duas situações, eles usam igualmente o corpo como câmera. Agora neste novo momento de tecnologia e virtualização da vida a maioria dos artistas surdos usam a live de Instagram, canal de youtube para gravar vídeos e registrar assim suas obras para o seu público.

No momento de pandemia em 2020 os artistas surdos participaram com suas poesias de VV ao vivo em live de Instagram, então, a câmera de celular devia ficar na posição em pé por causa do formato de vídeo exigido nesta rede social, além disso, os artistas surdos também precisam desta posição porque usa o corpo todo para expressar a sinalização igual as imagens de um filme.

A estratégia estética na composição de uma obra VV depende das escolhas do artista. Pode usar poucos sinais para apoiar o contexto da obra, ou criar a sua obra sem sinais como explica Monteiro (2023, p.46):

> A Visual Vernacular é uma forma estética e performática usada em produções narrativas ou poéticas em variadas línguas de sinais, mas que, propositalmente, usa poucos sinais padronizados — e, por vezes, nenhum. Ela propõe a articulação desses poucos sinais icônicos relacionada à percepção de classificadores, incorporação e a língua cinematográfica.

A relação entre VV e linguagem cinematografia cria a riqueza dos detalhes visuais das obras, porque pode usar os elementos da estética literária em Libras e usar a linguagem cinematográfica, esta é uma mistura que usa um requinte visual, inclusive como em filmes é possível também reproduzir o efeito de 3D através da técnica VV, gerando um efeito estético bem diferente dos demais gêneros literários em Libras. Segundo Monteiro (2023, p. 47 e 48)

> Assim a VV caracteriza-se pela elaboração de processos narrativos em 3D, os filmes são em 2D na maioria, de usar da VV difere em outras formas, através do uso de elementos e estratégias da linguagem cinematográfica, ou seja, os elementos da estratégia cinematográfica.

Durante os anos de pandemia ficou mais forte a influência da tecnologia com o uso das redes sociais, onde artistas criaram suas obras registrados em vídeos com técnicas cinematografia. Este momento da pandemia deu mais visibilidade aos artistas estrangeiros e promoveu a possibilidade de conhecermos e sermos conhecido em todo o o mundo com vários tipos de artes, pois “A VV, dos anos 2000 aos 2020, se disseminou pelas comunidades surdas devido a forte influência da tecnologia, dos efeitos da cinematografia na criação das imagens performativas de fortes movimentos corporais.” (Monteiro, 2023, p.51)

É importante este uso técnico dos elementos da linguagem cinematográfica para criar suas obras com sua estética própria baseada na experiência visual de mundo. Por isso, os artistas sempre organizam a estrutura da sua produção literária com os elementos estéticos e os elementos técnicos de linguagem cinematográfica que vai usar para provocar diferentes sentimentos no público. Segundo Monteiro (2023, p. 51):

> Os surdos artistas trazem esses elementos para sua produção literária e produzem intensas metáforas, usando velocidade e ritmo para construção de efeitos de aceleração e desaceleração das cenas. Utilizam, ainda, de técnicas

> de avanço, recuo, zoom e demais tipos de modos cinematográficos de criação de imagens incorporadas em suas sinalizações.

Nesta pesquisa seguimos os tipos de elementos da produção artística VV que o professor Cristiano Monteiro me ensinou no curso em 2020, porque os tipos de elementos de VV que ele apresenta na sua dissertação (Monteiro, 2023), são diferentes[8], baseados em referenciais teóricos trazidos por Giuseppe Giuranna, em oficinas de formação de surdos artistas performáticos.

Portanto os elementos característicos da produção artística investigados nesta pesquisa foram: Incorporação, Antropomorfismo, Classificadores, Expressões Facial e Corporal, Repetição, Espaço, Ritmo e Velocidade. Além de Múltiplas perspectivas, que no gênero Visual Vernacular são enfatizadas e apresentadas de forma muito mais detalhadas nas seguintes ramificações das técnicas cinematográficas: 3D, Perspectiva do exterior e do interior, Plano Grande Geral, Plano Geral, Plano Americano, Plano Próximo.

[8] Os elementos de análise utilizados por Monteiro (2023) baseados em Giuranna (2016) foram: Expressão facial/Corporal, Personalidade, Personificação, Ritmo, Zoom, Centro, Exterior e Interior, 3D, Espaço de Posição e Metáfora Visual

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo é exposto o caminho trilhado para o desenvolvimento desta pesquisa em andamento.

4.1 Objetivo geral

Analisar os elementos estéticos literários e os elementos da linguagem cinematográfica presentes na produção cultural Visual Vernacular, para fomentar uma melhor compreensão das características estilísticas que formam este artefato criado especificamente por artistas surdos, baseado na sua experiência visual de mundo.

4. 2 Objetivos específicos

Como desdobramento do objetivo geral, de maneira mais específica apresentamos os seguintes objetivos:

1 – Compreender as características estilísticas da produção cultural original do povo surdo denominada de Visual Vernacular.

2 - Identificar elementos da linguagem estética e cinematográfica em obras literárias reconhecidas como Visual Vernacular;

3 - Analisar o efeito estético criado pela linguagem utilizada para composição das obras literárias pertencentes ao estilo Visual Vernacular;

4.3 Caracterização da pesquisa

Este estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa na qual os resultados alcançados não são numéricos. diferente de pesquisas quantitativas, os resultados não são verdades universais, mas são fundamentados na fenomenologia, no interacionismo simbólico e no pós-modernismo, porque a pesquisa qualitativa busca compreender, a partir da aproximação entre os envolvidos, fenômenos em seus núcleos de origem e apoiando e considerando o aspecto de variação característico das relações sociais (Gil, 2021).

Em relação aos objetivos específicos, este estudo se caracteriza exploratório. A pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o objeto

de estudo, em prol de dar visibilidade e construir hipóteses. Geralmente essas pesquisas envolvem a pesquisa bibliográfica, a revisão de literatura e análise de exemplos que estimulem a compreensão e análise dos dados construídos durante a pesquisa (Gil, 2002).

4.4 Corpus

As três poesias selecionadas foram 1) *Não mexe com o que não te pertence*, 2) uma obra sem título apresentada no Slam VV de mulheres – ao vivo no canal do Festival Despertacular, ambas da poetisa surda paulista Cristiane Esteves de Andrade, e o poema VV 3) *Os cangaceiros X coronéis* do poeta surdo paraibano Alexandre Moreira.

GÊNERO	AUTOR	TEMA	TEMPO DE VIDEO
Poesia em VV	Cristiane Esteves de Andrade	NÃO MEXE COM O QUE NÃO TE PERTENCE	1:51 minutos
Slam VV	Cristiane Esteves de Andrade	Sem título, apresentado no Slam VV de mulheres surdas – ao vivo	2:07 minutos
Poesia VV	Alexandre Moreira	Os cangaceiros X coronéis	2:28 minutos

Os critérios para seleção das obras foi pertencer ao estilo visual vernacular no qual seja evidente os elementos da linguagem estética literária e cinematográfica. Decidimos analisar três obras para apresentar o máximo de elementos artísticos encontrados e as diferentes possibilidades.

Os três poetas usaram estratégias de registro com a câmera, a primeira poeta fez editação de vídeo, a segunda poeta não utilizou deste recurso pois apresentou ao vivo sua poesia de slam, e o terceiro poeta fez o vídeo direto sem corte e também usou os 9 tipos de elementos de VV.

4.5 Procedimentos de análise

Para este estudo foi adotado o caminho teórico-metodológico para análise da literatura em libras embasado em Sutton-Spence (2021). A autora afirma que é fundamental levar em consideração o contexto sociocultural da obra literária, destaca a importância de seguir sempre os passos de observar, descrever e explicar independente dos objetivos de cada análise. De acordo com a autora, quanto aos objetivos de análise das obras podem ser focados: no conteúdo, na performance ou na forma de linguagem produzida.

> Podemos dividir a análise de um texto literário em três partes principais (mas interligadas). Você pode focar na parte que achar mais interessante: • Na performance (isto é, como a pessoa apresenta ou faz o trabalho e o contexto em que acontece) • No conteúdo (isto é, o que tem dentro da obra. Qual o tópico, o tema? Quem são os personagens? O que acontece? É uma metáfora?) • Na forma da linguagem usada (por exemplo, tem muito vocabulário ou não? Tem muitos classificadores? Usa muitas expressões faciais ou espaço simétrico? (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 35)

Com base nisso, a pesquisa tem como foco analisar a forma de linguagem utilizada para a produção da obra literária. Este foco nos direciona a analisar a linguagem estética em libras (SUTTON-SPENCE, 2021) que dialoga no aspecto de perspectivas múltiplas com a linguagem cinematográfica (CASTRO, 2012).

Para isto, inicialmente, foi realizada uma busca primária de coleta de dados no Youtube e site de Arte de Sinalizar por Prof. Cláudio Mourão para escolher duas obras de autoria surda em libras registradas em vídeos para analisar. Para organizar os resultados desta busca seguiremos o exemplo de descrição da antologia em Libras para apresentação dos detalhes dos vídeos, tais como: título, nome de autor, ano, onde o autor mora, qual é o gênero, resumo de descrevendo o que o autor expressa na narrativa ou poesia. Após este momento inicial será realizada a análise das duas obras em nove etapas.

A primeira análise, consiste na identificação da produção de sentido através das expressões faciais e corporais, denominada também como expressões não manuais.

A segunda análise, é identificar na obra estudada a prática estética de personificação ou antropomorfização de os objetos, plantas e ou animais.

A terceira análise, trata da identificação do recurso estético denominado de incorporação, que consiste na representação de personagens humanos nas obras estudadas.

A quarta análise, tem o enfoque em identificar os classificadores, que representa uma pessoa, animal e coisa. Neste estudo evidenciaremos dez tipos: Classificador Descritivo, Classificador que especifica, Classificador de uma Parte do Corpo, Classificador Locativo, Classificador Semântico, Classificador Instrumental, Classificador do Corpo, Classificador do Plural, Classificador Predicativo, Classificador de Elemento e Classificar de Nome e Número.

A quinta análise, trata das perspectivas múltiplas das cenas narradas das obras.

A sexta análise, foca na identificação da ocorrência de repetição, verificar se no máximo pode ser repetido por até 3 vezes o mesmo sinal, ou frase com o objetivo de produzir um efeito estético.

A sétima análise é do elemento estético literário em libras denominado de ritmo e velocidade, identificados nos movimentos do sinal, sejam eles rápido ou lento, dependendo do motivo da utilização podendo ser verificado o nível da velocidade ou nível do ritmo.

A oitava análise é direcionada para o elemento espaço, que visa identificar o costume de expressar e demonstrar o uso dos espaços, com a prática da percepção visual, do imaginário e a prática de expressar o uso de sinais nos usos dos espaços.

A nona análise, é referente aos tipos de planos da linguagem cinematográfica que é relação distanciamentos da câmera, os diferentes tipos de planos são: Plano Geral, Plano Médio e Plano Detalhe, plano próximo, Plano Close up, Plano Americano e Plano Grande. Tipos de Movimento da câmera são: Panning, Tilting, Raccord, Zoom in e Zoom out. Tipos de Efeitos são: Câmera Rápido, Câmera lenta, Piscando, Morphing modificação de pessoa para animal ou de animal para pessoa.

A expectativa ao final desta pesquisa inédita é evidenciar um estudo de análise da linguagem cinematográfica e da estética da Libras presente na manifestação artística denominada de Visual Vernacular. Visando contribuir com o aprofundamento do conhecimento sobre as representações, as percepções visuais e as ideias expressadas nas obras de autores surdos.

5. ANÁLISE DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA VISUAL VERNACULAR

A análise para identificação dos elementos estéticos literários propostos por Sutton-Spence (2021) e dos elementos da linguagem cinematográfica propostos por Castro (2012) nas três obras reconhecidas como Visual Vernacular (VV) serão apresentados neste capítulo.

Na análise de cada obra, iniciamos com a contextualização da obra, em seguida apresentamos o resumo do conteúdo da obra e por fim, a análise estilística apresentando elementos que produzem efeitos estéticos no texto sinalizado.

5.1- Análise da obra 1

Neste tópico apresentaremos a análise da primeira obra selecionada nesta pesquisa, que diferente das outras obras além da linguagem cinematográfica no seu próprio corpo (através da sinalização) a poetisa também utilizou o recurso de edição para produzir diferentes planos cinematográficos. Apresentaremos a análise da seguinte forma: iniciaremos com a contextualização da obra, em seguida apresentaremos o resumo do conteúdo da obra e por fim, a análise estilística apresentando elementos que produzem efeitos estéticos nesta rica poesia.

5.1.1 – Contextualizando a obra literária

Para auxiliar na contextualização da obra iniciaremos a análise responderemos a seguir às perguntas propostas por Sutton-Spence (2021, p.34):

I- Onde e quando a obra foi apresentada?

Esta primeira obra selecionada para análise foi o poema de estilo Visual Vernacular que tem como título: *"Não mexe com o que não te pertence"* registrado em vídeo com duração de 1:51 minutos e publicado em 11 de junho de 2020 no canal da autora, poetisa surda Cristiane Esteves de Andrade: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8 .

II-Quem a apresenta?

Cristiane Esteves de Andrade, mora em São Paulo, é professora de Libras e suas obras abordam temáticas como o feminismo e o empoderamento. Ela já participou no curso de poesia em EAD de USFC e participou no curso de VV.

III- Por que foi apresentada?

A poetisa surda criou este poema porque ela é uma feminista que luta pelo empoderamento da mulher e pelos direitos de respeito e igualdade.

IV- Qual a origem e contexto?

Este texto sinalizado é uma metáfora visual baseada em fatos reais que aconteceu com uma mulher.

V- Qual é o seu público?

É o público do seu canal do youtube. Um público virtual que tem acesso a obra registrada em vídeo e publicada gratuitamente para quem tem acesso a internet. Independente da idade.

VI- Qual o grau e o tipo de participação do público?

O público pode interagir através de comentários na publicação do vídeo e através da marcação de *likes*.

5.1.2 – Resumo sobre o conteúdo da obra

É importante esclarecer que a artista compôs esta obra como uma espécie de protesto, baseada em fatos reais, no qual uma mulher surda (metaforicamente apresentada na obra como uma flor) sofreu uma terrível violência sexual, e sua nudez com as marcas da violência no seu corpo foi fotografada, compartilhada e viralizada nas redes sociais.

5.1.3- Análise dos elementos da linguagem estética literária e seus efeitos

1) EXPRESSAO FACIAL E CORPORAL

Como vimos anteriormente na fundamentação teórica, os elementos não manuais, são os movimentos de cabeça, movimento de boca, abertura e posicionamento do olhar,

dentre outras expressões faciais e corporais. O uso desses elementos objetiva criar uma sinalização com detalhes e emoção (Sutton-Spence, 2021).

FIGURA 16: Exemplo Expressão facial e corporal (1)

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8

A identificação deste elemento estético pode ser verificada nas fotos acima que apresentam o trecho da poesia, mostrando no rosto da autora a expressão facial com os olhos arregalados e a língua para fora. Na primeira foto: o olho grande (arregalado) produz o significado do desejo doido pra ver a foto da mulher. Na segunda foto: a expressão com a língua pra fora produz o significado ainda mais forte deste desejo doido, sem controle.

Foi isso que a autora demonstrou usando o elemento estético da expressão facial imitando o fato real de homens que não controlam o desejo doido para ver fotos de mulheres. A expressão facial provoca o efeito de emoção, de susto, até mesmo provoca gatilhos principalmente em mulheres que já tiveram experiências de abusos sexuais.

FIGURA17: Exemplo Expressão facial e corporal (2)

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8

Neste outro trecho é possível identificar a expressão corporal onde a personagem esconde sua nudez e posteriormente uma pessoa andando na rua quando o celular vibra. Este efeito estético é possível perceber através da expressão facial e corporal. Na primeira foto: A mulher está seminua, este fato foi demonstrado pela expressão corporal que descreveu isto visualmente. Na segunda foto: O corpo mostra o movimento de andar e com a bochecha tremendo mostra a vibração do celular, é tudo muito claro visualmente expressado na face e no corpo.

Verificamos então, que este elemento expressão facial/corporal tem uma forte e importante relação com o efeito estético desta obra poética de estilo Visual Vernacular porque é tudo comunicado e mostrado visualmente para o público entender o que significa. Esta é uma estratégia estética para produzir com mais força a emoção.

2) ANTROPOMOFIRSMO

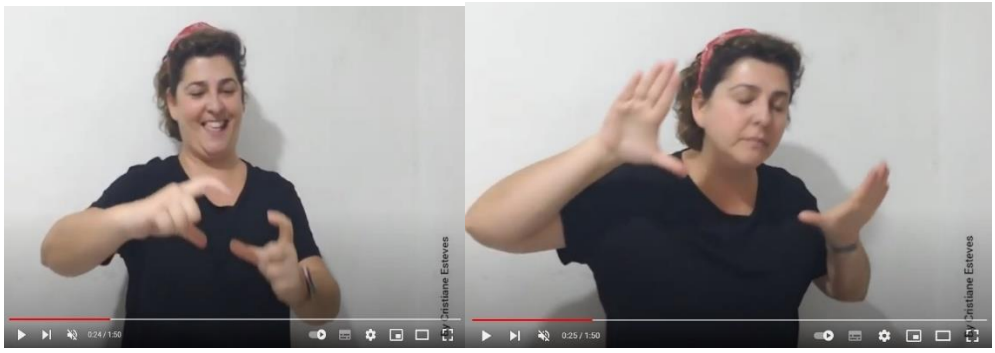
O trecho apresentado nas seis fotos a seguir mostra os detalhes da forma de uma flor como as pétalas, a folha verde, e na última foto a artista surda utiliza do recurso de personificação (antropomorfismo) encenando o sorriso da flor, representando o sentimento de felicidade com expressão facial e corporal, com o tronco mais aberto, indicando uma mensagem mais positiva e alegre. Vale destacar que a forma da flor apresentada parece ser um girassol. A flor nesta obra tem o sentido metafórico que representa uma mulher, sensível, alegre, sorridente e boba (ingênua).

FIGURA 18: Exemplo Antropomorfismo (1)

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8

É possível constatar a linguagem estética agindo em função da significação na composição desta obra. Pois o elemento antropomorfismo é exatamente esta atribuição de características humanas a objetos ou animais através da incorporação (Sutton-Spence, 2021). Como podemos ver também no exemplo do trecho a seguir:

FIGURA 19: Exemplo Antropomorfismo (2)



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8

Essas 6 fotos também demonstram a utilização do elemento estético denominado de antropomorfismo, que mostra com detalhes a forma e as partes da câmera digital com expressão facial dos olhos mostrando interesse, e a língua para fora mostrando o desejo e por fim o flash.

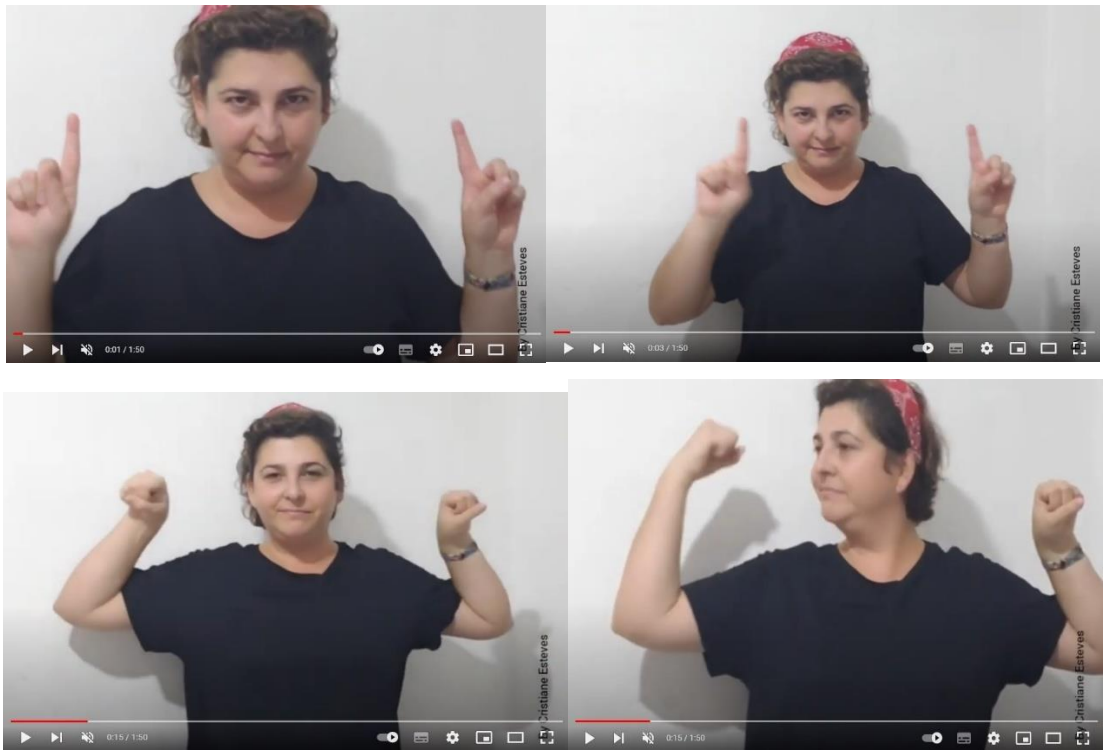
É possível refletir também: Qual é o tipo de câmera digital que ela usou? É possível que seja uma câmera instantânea que imprime a foto na própria câmera. Este é o ponto de vista desta pesquisadora.

3) INCORPORAÇÃO

O elemento de incorporação significa usar o corpo do sinalizante da obra literária para representar as características dos personagens de forma mais detalhada. O sinalizante não apenas mostra mas ele se torna o personagem. A autora inicia este trecho com dois dedos e um corpo no meio, para gerar o efeito de 3 pessoas acrescenta o movimento de andar (sem sair do lugar), depois evolui para dois braços (representando os corpos das duas pessoas das pontas) com a mão em forma de “S” (representando suas cabeças). Este trecho da obra finaliza com os três homens se olhando e acenando com a cabeça com o

significado de sim, tudo isto é possível através do elemento estético literário da incorporação como veremos na imagem a seguir:

FIGURA 20: Exemplo Incorporação (1)



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8

As 4 fotos apresentam a incorporações de 3 pessoas, homens, mas a artista surda não precisa informar o gênero ou caracterizar porque já mostrou no início na incorporação do movimento do corpo dando a entender que essas pessoas são do sexo masculino.

Ao identificar este elemento durante a análise refletimos. Como seria possível perceber quem é a pessoa sem o detalhe da incorporação? E podemos chegar à conclusão que esta estratégia é uma das mais fortes do estilo visual vernacular. A autora não precisa caracterizar a pessoa (explicando em sinais ou através de classificadores), ela escolhe usar o recurso da incorporação diretamente, porque já mostrou uma flor que significa uma mulher, então, quando aparece as 3 pessoas, tudo fica claro que são homens, por causa da postura corporal, a sinalizante se torna um homem para que o público identifique isto.

Mas isto depende das escolhas de cada artista, ele vai escolher se vai usar a caracterização e a incorporação ou sem a caracterização. O autor deve principalmente ver

se esteticamente tudo combina, e se é possível para o público entender ou descobrir quem são as pessoas.

FIGURA 21: Exemplo Incorporação (2)

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8

Neste outro exemplo é apresentado o trecho no qual identificamos a incorporação de uma mulher que a artista surda descreveu os detalhes sobre o estado desta mulher depois da violência sofrida: cabelos bagunçados, olho inchado, boca machucada com sangue caindo e os peitos machucados.

Neste trecho além da incorporação foi também apresentada uma caracterização mais detalhada para o público de quem é esta pessoa, através do uso de outro elemento, que veremos a seguir, os classificadores.

Então, a artista fez uso de duas estratégias estéticas diferentes: a incorporação com detalhes e sem detalhes. Para o artista surdo saber como escolher a melhor estratégia, o mais importante é verificar esteticamente se combina no contexto da sua poesia. que artista precisou explica o motivo de aconteceu e quem essa pessoa para dar o público entender quem essa pessoa.

Nesta análise constatamos a relação entre o elemento incorporação e o elemento denominado de classificadores que podem se complementarem como no segundo exemplo, no qual a artista utiliza os dois recursos quando utiliza os classificadores caracterizando os detalhes no seu próprio corpo, que neste momento incorpora a mulher agredida. Ou ainda, expressar a evolução do efeito visual, como no primeiro trecho que exemplificou o desenvolvimento desta composição primeiramente caracterizando duas pessoas com os classificadores de pessoa utilizando os dedos indicadores, depois estes classificadores são sinalizados com todo o braço e finalmente se o público ainda não tinha percebido, consegue descobrir no final que o terceiro homem está no meio, através da incorporação feita pela artista, quando os três homens se olham e acenam suas cabeças.

A importância da incorporação e dos classificadores na composição de uma obra

VV é explicada pelo poeta surdo americano Peter Cook:

> Os classificadores pertencem à linguística. O VV, por outro lado, é como a atuação no teatro. É uma técnica de teatro. Existe uma escala entre os dois. Numa extremidade da escala temos os classificadores. Com os classsificadores, por exemplo, eu posso mostrar uma pessoa caminhando e avançando, junto a uma expressão facial de descuido, mas o classificador significa que a pessoa está caminhando a pé. Um pouco mais na direção do VV, aumento o uso de expressão facial e o movimento do corpo. Mais próximo ao VV ainda, continuo com o classificador na mão, mas uso mais o corpo e até mexo as pernas. Finalmente, na extremidade da escala do VV, **posso tirar o classificador e usar os braços, as mãos e até as pernas e os pés para mostrar o verdadeiro corpo do personagem caminhando**[9]. Assim, temos uma escala e podemos escolher o que queremos de qualquer ponto essa escala. Mas a extremidade de VV não é linguística e na extremidade linguística temos os classificadores. São bastante diferentes, mas há muita flexibilidade onde

[9] Grifo nosso.

> podemos escolher os sinais nos pontos da escala. (COOK[10], 2018, *apud* Sutton-Spence, 2021, p.79-80).

Quando o poeta diz “posso tirar o classificador e usar os braços, as mãos e até as pernas e os pés para mostrar o verdadeiro corpo do personagem caminhando”, ele está falando da incorporação que está na extremidade da escala mais essencialmente visual e teatral da produção artística Visual Vernacular. Partindo desta excelente explicação de Cook que apresenta os classificadores (morfemas das Línguas de Sinais) na outra extremidade da escala, a linguística, veremos a seguir a análise deste elemento como importante constituinte do estilo VV.

4) CLASSIFICADORES

Os classificadores não são sinais (léxicos) mas são morfemas das línguas de sinais que representam: pessoa, animal, objeto, ou outra coisa, usando mais detalhes da forma e tamanho dos referentes, características dos movimentos, a função de descrever o referente dos nomes, adjetivos, advérbios de modo, verbos e locativos.

Com base nisto, ao analisar a obra identificamos em vários trechos que a autora usou classificadores para produzir um forte efeito visual de emoção e ação através da apresentação de vários detalhes. Porém, nesta análise apresentaremos dois trechos que exemplificam o uso deste elemento.

FIGURA 22: Exemplo Classificadores (1)

[10] Rachel Sutton-Spence traduziu esta explicação do poeta surdo americano Peter Cook, que utilizou uma mistura de ASL, Libras e Sinais Internacionais. O curto vídeo com o registro original em Língua de Sinais está disponível no canal da autora através do link: https://www.youtube.com/watch?v=lfNVeK-24cA

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8

Neste trecho das 4 fotos é possível identificar os classificadores do tipo plural que mostra a quantidade de pessoas. Primeiro utilizando as duas mãos com a configuração dedo indicador representando duas pessoas, uma de cada lado e depois com a mão na configuração de mão em “4” mostra muitas pessoas andando de um lado para o outro, causando o efeito de centro urbano.

FIGURA 23: Exemplo Classificadores (2)

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8

As seis fotos deste trecho mostram uma importante sequência do uso dos classificadores do tipo instrumental que mostra pegando uma flor, cortando raiz de flor e puxando folha. Esta estratégia estética na composição da obra gera um efeito dramático para o público que vê, porque o classificador instrumental de pegar a flor junto com a expressão de maldade provoca um suspense para a violência que vai acontecer. Quando este homem arranca a flor pela raiz e isto é demonstrado pela artista com os classificadores das partes da raiz se desprendendo da terra, o sentimento de sofrimento pode ser percebido pelo público que assiste este vídeo. No fim do trecho a artista apresenta a violência claramente ao usar mais uma vez um classificador do tipo instrumental, quando o homem puxa a folha e a dor é expressada pela flor (a mulher) e o sentido de mamilo do peito sendo puxado é apresentado visualmente de forma clara nesta metáfora e percebido com a reação de dor da flor mutilada[11] (mulher violentada).

5) PERSPECTIVAS MÚLTIPLAS

[11] Embora mutilar signifique cortar ou arrancar uma parte do corpo, e a flor não seja um ser humano, utilizamos este termo por causa do sentido metafórico e do efeito de significação criado pelo uso da incorporação que faz a flor ser a mulher que sofreu violência.

FIGURA 24: Exemplo Perspectivas Múltiplas

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8

Nas seis fotos deste trecho identificamos perspectivas múltiplas, fotos 1 e 2 que mostra no início as mãos de tela grande e depois no final a tela pequena. É importante destacar que este recurso não é de edição de vídeo ou de zoom da câmera, mas é uma imitação deste recurso nas próprias mãos da artista criando o efeito de zoom.

Nas fotos 3, 4, 5 e 6 a artista surda utilizou a técnica cinematográfica de zoom, pois no início estava no tamanho de tela normal e depois a tela ficou mais próxima como plano close up, portanto, utilizou o recurso de edição.

De forma resumida neste trecho temos o uso de dois tipos de zoom diferentes: o primeiro zoom foi criado naturalmente entre as mãos da artista, e o segundo, foi criado pelo zoom de tela da câmera e edição. A artista então, fez o uso da perspectiva múltipla usando a estratégia do zoom “natural” (sinalizado) ou “artificial” editado, para criar um efeito visual e estético que enfatiza melhor os detalhes e o momento triste quando o agressor pede silêncio e posteriormente quando o sangue escorre do peito da mulher agredida.

Este elemento será analisado com mais profundidade e nas suas diferentes formas quando analisarmos os elementos cinematográficos com base em Castro (2012)

6) REPETIÇÃO

A repetição como vimos na fundamentação teórica significa repetir uma vez ou mais dependendo da estratégia que o artista surdo vai escolher utilizar para o efeito estético que ele deseja criar e assim apresentar a melhor experiência imagética visual, gerando emoção.

FIGURA 25: Exemplo Repetição

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8

Neste trecho retratado nas 2 fotos identificamos as repetições que mostra 3 vezes a mesma frase, mas a repetição acontece rápido e este elemento visual proporciona a ideia semelhante de *replay* (recurso utilizado na televisão) de uma cena importante que precisa ser destacada e vista com atenção novamente, mas diferente do replay no visual vernacular não há movimento, é a repetição da imagem parada por três vezes repetidas. A artista escolheu dois fatos fortes da história para combinar esta repetição três vezes para provocar uma emoção mais forte! Esta é uma estratégia muito própria do estilo Visual vernacular, escolher e focar em dois fatos mais importante pra combinar a repetição,

provocando um efeito estético. Então fundamentado em Sutton-Spence (2021) podemos identificar o efeito de repetição, o elemento repetido e o padrão de repetição

a. Efeito da repetição: Provoca tensão.
b. Elemento repetido: As frases: “Silêncio!” (Sinalizada pelo agressor) e Ahhhh! (Sinalizada pela mulher-flor agredida).
c. Padrão da repetição: Três vezes.

7) RITMO E VELOCIDADE

O ritmo pode ser considerado equivalente ao som, mas é um ritmo visual, podendo usar vários tipos de ritmo: lento, normal e rápido. A velocidade é o tipo de movimento rápido, normal e lento.

FIGURA 26: Exemplo Ritmo

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8

Nas 2 fotos identificamos o elemento ritmo junto com a expressão facial mostrando uma flor que tem duas folhas que estão em movimento de ritmo devagar demonstrando a felicidade. O ritmo visual como a artista fez a flor sinalizando mais devagar tem o objetivo de mostrar que ela é sensível e feliz.

FIGURA 27: Exemplo Velocidade

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8

Nesse trecho das 2 fotos é possível identificar a velocidades que mostra as mãos ficando na forma quadrada produzindo o sentido de uma foto e depois o movimento vai diminuindo a velocidade ficando devagar e voando.

Escolheu a velocidade devagar para criar o sentimento muito forte de emoção dramática, por isso combina com a velocidade devagar para mostrar a foto da mulher que sofreu violência sendo divulgada livremente. Esta estratégia de estética para combinar o contexto usando o ritmo e a velocidade devagar valorizou esteticamente a poesia.

8) ESPAÇO

FIGURA 28: Exemplo Espaço

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8

As 4 fotos neste trecho demonstram a disposição dos espaços que mostra na 1ª e 2ª fotos o início do caminho descreve a distância até o final onde está localizada uma flor, depois volta para o espaço inicial onde tem 3 pessoas. Mas é importante destacar que a poeta não explicou os detalhes do espaço, foi direta aos acontecimentos. Os fatos podem ter acontecido em qualquer lugar pra dar o público a oportunidade de imaginar qualquer lugar: no mato, na rua, na praça entre outros lugares. O mais importante foi focar na flor que já está claro, mostrar o espaço não era necessário para artista nesta obra, poderia ser em qualquer lugar.

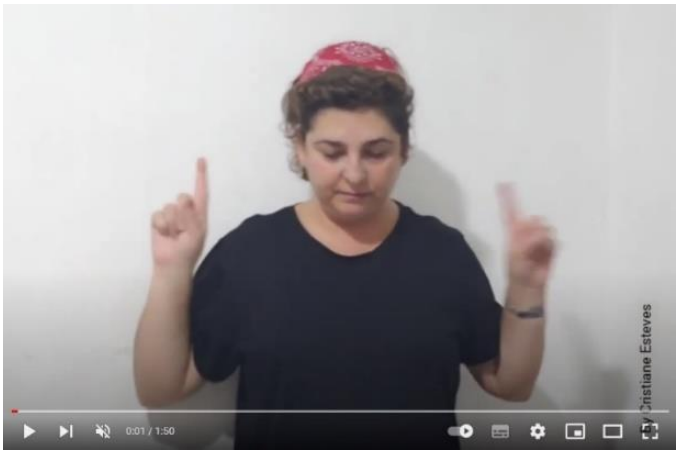
Verificamos que a poeta utilizou oito elementos (Expressão facial/corporal, Antropomorfismo, Incorporação humana, Classificadores, Perspectivas múltiplas, Repetição, Ritmo/Velocidade e Espaço). O uso desses elementos para criar efeitos fortemente visuais, é uma característica do estilo visual vernacular.

5.1.4- Análise dos elementos da linguagem cinematográfica e seus efeitos

Agora passaremos para análise e identificação dos elementos cinematográficos embasados em Castro (2012), apresentando a análise com o foco sobre (o enquadramento da câmera na tela (planos) e movimentos de câmera representados na sinalização e no corpo.

1) PLANO GRANDE GERAL, PGG

FIGURA 29: Exemplo Plano Grande Geral



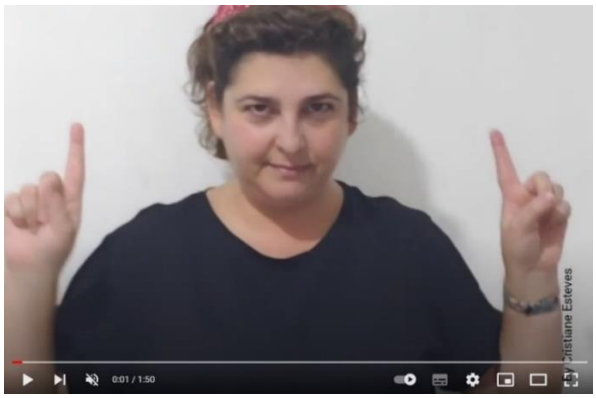
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8

É uma visão geral do lugar que vai acontecer e a presença da forma de três personagens. “A câmera dentro do corpo do sinalizador” mostra o cenário de forma geral mostrando que é um lugar aberto com 3 pessoas. Este é o plano grande geral, sem muitos detalhes, que permite ao público visualizar o todo da cena.

Então, qual o ângulo de câmera de corpo que ela usou? Lateral e movimento das duas mãos.

2) PLANO GERAL, PG

FIGURA 30: Exemplo Plano Geral



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8

Através do enquadramento um pouco mais fechado, é possível mais de perto sentir o suspense demonstrado com a aproximação da expressão maliciosa dos homens. Este

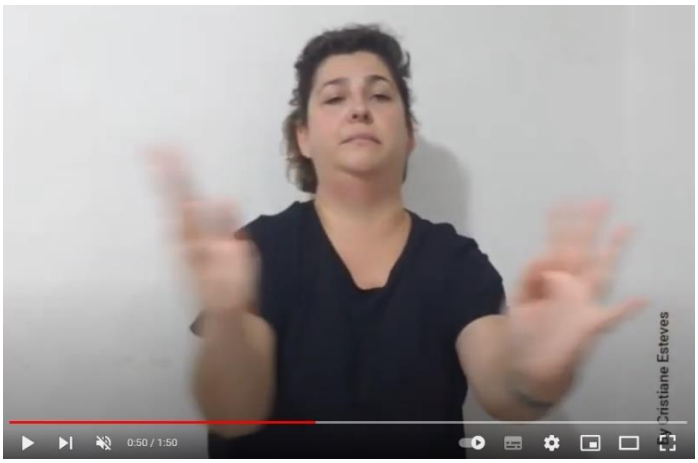
efeito foi produzido através do zoom na edição e não através da modificação da sinalização ou como temos considerado neste trabalho: a câmera no corpo. Mas mesmo assim, podemos considerar mais detalhes do que o anterior, porque associado ao zoom a expressão foi evidenciada e promove o sentimento de aproximação, porque agora, o público pode sentir medo ou tensão ao perceber a forma de olhar do homem que posteriormente será identificado como agressor.

O uso deste elemento cinematográfico na edição, no próprio corpo, ou os dois juntos, depende da escolha do artista que escolhe a estratégia. No caso desta obra, a edição de vídeo fez este trecho ter mais destaque e atraiu o público para sentir o suspense que algo de mau iria acontecer.

Então, qual o ângulo de câmera de corpo que ela usou? Frontal, e o foco no rosto e no olhar para a câmera.

3) PLANO AMERICANO, PA

FIGURA 31: Exemplo Plano Americano



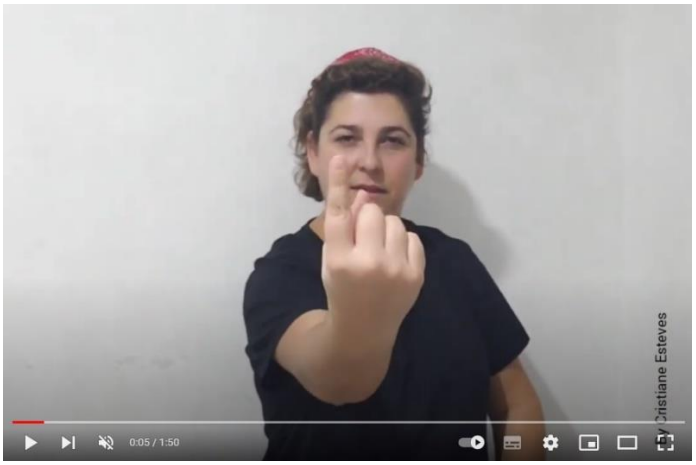
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8

Ao refletir sobre a câmera dentro do corpo do sinalizador neste trecho vemos como a foto já mostrou de forma clara o uso deste elemento. A característica deste plano é mostrar os personagens humanos das cabeças até os joelhos, mas a artista surda consegue produzir este efeito de sentido distanciando os braços do corpo e aproximando mais da câmera demonstrando o movimento de pessoas andando através das suas mãos, sem tirar o seu corpo do lugar, e sem usar edição.

Então, qual o ângulo de câmera de corpo que ela usou? Normal, porque a câmera fica para frente das mãos em movimentos.

4) PLANO APROXIMADO OU PRÓXIMO, PP

FIGURA 32: Exemplo Plano Aproximado ou Próximo



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8

Neste plano mostra o personagem principal humano da cabeça ao tórax por trás (em segundo plano) e em frente, mais próximo da tela mostra uma flor.

A câmera dentro do corpo do sinalizador, neste exemplo da imagem apresenta dois focos diferentes:

a) Com o plano aproximado bem perto do público, a flor;
b) Com o plano aproximado também, mas com o foco no personagem humano, enquadrando na tela a cabeça e o tórax. Esta imagem encontra-se atrás da flor e mostra a ideia de encontro, um indo na direção do outro.

Então, qual é o ângulo de câmera de corpo que ela usou? Frontal, porque o foco está na mão.

5) PLANO CLOSE UP

FIGURA 33: Exemplo Plano Close Up

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=p7g96Qb7xT8

Neste plano o enquadramento focaliza detalhes de pessoas ou objetos com a intenção de ressaltar as emoções do(s) personagem(s). A artista surda fez isto em 1:12 minutos do vídeo (a terceira foto), quando através da sinalização chama a atenção para esta parte do corpo, esta é uma forma de close-up através da câmera no corpo, pois o público foca somente neste detalhe do sangue escorrendo do seu mamilo do peito ferido. Tudo isto foi feito com a tela normal, apenas com a sinalização no início, e depois, no segundo momento, a artista usou esta mesma sinalização (close-up do corpo) junto do recurso de edição do plano close-up para aumentar a imagem na tela tornando os detalhes grandes, mais próximo, como foco principal.

Verificamos na análise, que a artista utilizou os cinco tipos de planos na composição da sua poesia. Ela misturou o uso de edição para criar os diferentes planos e usou também “a câmera dentro do corpo”, que significa a criação dos planos através da

sinalização. Não tem regra que proíba o artista de visual vernacular fazer isto, pode escolher a melhor estratégia que vai produzir o efeito estético desejado.

Então, encontramos o uso de todos os planos como estratégia da poetisa na composição da sua obra. Esses elementos cinematográficos, principalmente sendo imitado no corpo do sinalizador são característicos do estilo visual vernacular. Alguns dos efeitos estéticos criados para o público através destes elementos verificados durante análise foram: emoção, tensão, medo, suspense e reconhecimento dos personagens.

Então, qual o ângulo de câmera de corpo que ela usou? Normal, porque e câmera continua na mesma posição, mas ela fez a edição de video e colocou o zoom.

5.2- Análise da obra 2

Neste tópico apresentaremos a análise da segunda obra selecionada nesta pesquisa, que diferente da obra anterior é apresentada ao vivo, portanto não utiliza nenhum recurso de edição, a linguagem cinematográfica utilizada é produzida exclusivamente no corpo da artista autora da obra. Iniciaremos da mesma forma com a contextualização da obra, em seguida apresentaremos o resumo do conteúdo da obra e por fim, a análise estilística apresentando elementos que produzem efeitos estéticos neste rico Slam, subgênero do gênero poesia.

5.2.1 – Contextualização da obra

Para auxiliar na contextualização da obra iniciaremos a análise responderemos a seguir às perguntas propostas por Sutton-Spence (2021, p.34):

I- Onde e quando a obra foi apresentada?

A obra sem título foi apresentada na competição de Slam de VV -mulheres em 20 de setembro de 2020 – ao vivo no canal de youtube do Festival Despertacular, evento que tem como objetivo valorizar o trabalho de artistas surdos. O vídeo desta obra inicia em 1:25:35 e dura 2:07 minutos. O fato de não ter falado o título do poema é natural no subgênero poético slam, pois se trata de uma competição, então a slammer já expressa diretamente sua arte.

II- Quem a apresenta?

Cristiane Esteves de Andrade, que mora em São Paulo, professora de Libras e militante pelo feminismo e empoderamento.

III- Por que foi apresentada?

A competição Slam de Visual Vernacular (mulheres) foi a pioneira no Brasil. Cinco mulheres surdas artistas de VV participaram no Slam ao vivo. Este evento foi muito importante principalmente porque aqui no Brasil há poucas mulheres que são artistas do estilo Visual Vernacular. A artista surda Cristiane foi campeã desta edição pioneira.

IV- Qual a origem e contexto?

É uma ficção, porém baseado na experiência de vida dos surdos. A autora da obra expôs que este slam foi uma forma de desabafo e protesto, pois ela trabalha em uma escola bilíngue e vê muitas crianças passando pela cirurgia do implante coclear, porém sem muito sucesso, porque são raros os casos que conseguem o resultado bom. A maioria dessas cirurgias criam frustrações e decepções porque muitas pessoas acreditam equivocadamente que o implante coclear é a cura da surdez, mas tudo isso é um grande erro.

V- Qual é o seu público?

É o público virtual que acessa o canal do youtube Despertacular, independente de idade.

VI- Qual o grau e o tipo de participação do público?

O público interagiu através do chat ao vivo, reagindo demonstrando se gostou ou não da apresentação da artista surda, e fazendo comentários. Além desta interação ao vivo, como o vídeo ficou registrado e disponível no canal, o público pode visualizar quantas vezes quiser, fazer comentários e dar *likes* emitindo sua opinião.

Por se tratar de uma batalha de slam havia também um grupo de juradas que emitiram suas notas como podemos verificar na imagem abaixo. Nesta imagem também podemos observar a idealizadora e organizadora do evento Renata Rezende e o responsável pelo controle das juradas Cristiano Monteiro. Os dois, além de artistas e professores são importantes pesquisadores de

Visual Vernacular, citados na revisão de estudos anteriores, que apresentamos no início deste trabalho.

FIGURA 34:Juradas da batalha de Slam de VV – Mulheres

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7nGCdHo2zIQ&t=5169s

Esta interação virtual do público e dos jurados identificados na apresentação deste Slam VV de mulheres no canal do Festival Despertacular nos leva a uma reflexão sobre a relação do público e a obra. Pois a comunidade surda costumava apresentar suas obras pessoalmente com o público, por exemplo, em eventos como festivais presenciais. Mas, no momento da pandemia algumas coisas mudaram e as produções artísticas surdas também se adaptaram as novas tecnologias e começaram a usar as redes sociais para suas publicações.

É totalmente diferente o contato com o público presencial e virtual. Antes da pandemia havia produções artísticas surdas publicadas no youtube, mas, não havia esta interação com o público, porque os eventos ao vivo através das redes sociais não era um costume ainda.

Segundo a autora Sutton-Spence (2021, p 67) “há mais material em vídeo no YouTube e nas redes sociais gratuitas e o público influencia menos nas histórias porque falta uma interação dinâmica. O artista simplesmente grava o que ele acha que o público vai gostar e lança na internet.”

No momento em que aconteceu a pandemia, e que os artistas surdos não podiam apresentar sua poesia pessoalmente, surgiu a estratégia de criar a live ao vivo no Instagram e youtube, como tecnologia usada nesta nova realidade, onde o público pode postar comentários e mandar *emoji* reagindo.

Os artistas surdos fazem sua poesia ao vivo no youtube para o público-alvo que é virtual, e este público interage através de comentários. O público virtual sente emoção pela arte visual surda, isto dá para perceber porque o público faz elogios em forma de emoji de coração, que significa amei. Como a autora Sutton-Spence (2021, p.89) explicou:

> O público-alvo pode designar o gênero. Por exemplo, podemos categorizar poemas adequados para jovens ou crianças. Outros são mais literários e elaborados para um público com mais experiência. Alguns são feitos para diversos níveis de público – do iniciante àquele com muita habilidade. Por isso, veremos que os gêneros literários em Libras são para todos, não apenas para uma elite de pessoas bem escolarizadas.

A pandemia ajudou nossa comunidade surda, porque deu visibilidade para as produções artísticas surdas diante da sociedade, que já reconheceu isto, porque os surdos postaram seus vídeos no Instagram e youtube, e também apresentaram ao vivo em *live*.

Antes da pandemia pouco produções artísticas surdas eram conhecida pelo Brasil, mas depois da pandemia, isto mudou, aconteceu o aumento de conhecimento das produções artísticas surdas nacionais e internacionais. Agora podemos pesquisar várias obras nas redes sociais porque já temos muitos registros em vídeos.

No Brasil, havia poucos artistas surdos de VV antes da pandemia, porque a maioria não conhecia sobre a produção artística visual vernacular, eram poucos surdos que conheciam. E depois da pandemia, aconteceu uma explosão criativa que possibilitou o conhecimento para todos os interessados sobre o que é VV, por causa do livre acesso às redes sociais. Por causa disso, este movimento artístico está crescendo muito, com novos artistas surdos que criam novas obras do gênero VV, inclusive, artistas crianças surdas estão produzindo VV, o que mostra ser este artefato um legado para as novas gerações de surdos. E isso aconteceu porque o VV tem uma forte influência nas redes socias para a comunidade surda.

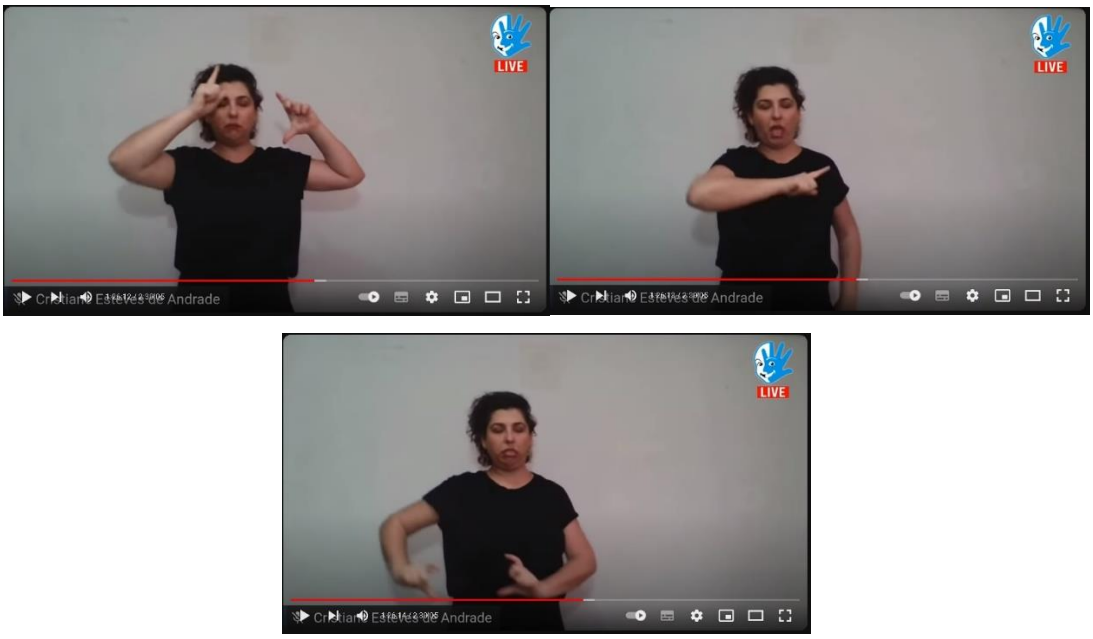
5.2.2- Resumo sobre o conteúdo da obra

A poesia conta a história que em uma noite aterrorizante de uma pessoa desce até o porão de uma casa antiga, com um relógio de pêndulo e morcegos. Lá encontra uma caixa com o aterrorizante implante coclear que quer grudar no seu cérebro, mas o cérebro reage de forma assustadora e então ela arranca da sua cabeça e pisa no implante e se sente aliviada.

5.2.3- Análise dos elementos da linguagem estética literária e seus efeitos

1. PERSONIFICAÇÃO / ANTROPOMOFIRSMO

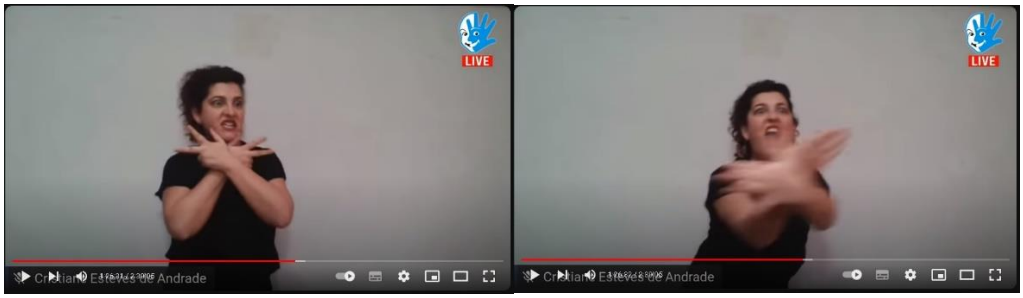
FIGURA 35: Exemplo Personificação/Antromorfismo VV(1)



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7nGCdHo2zIQ&t=5169s

Neste exemplo a artista criou um relógio de parede antigo em madeira com pêndulo no seu próprio corpo, o círculo na sua cabeça é a parte principal do relógio com ponteiro sinalizado com seu dedo indicador, e o círculo balançando na altura da sua cintura é o pêndulo deste relógio clássico, antigo. A artista transmite esta imagem divertida e visualmente detalhada para o seu público se sentir contextualizado na história.

FIGURA 36: Exemplo Personificação/Antromorfismo VV (2)



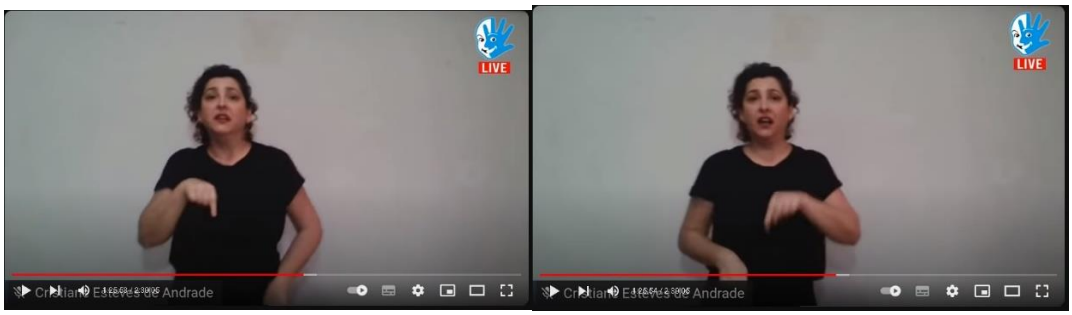
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7nGCdHo2zIQ&t=5169s

Outro exemplo de antropomorfismo nesta obra foi a incorporação do morcego, onde a artista se tornou no corpo do animal e apresentou mais detalhes do rosto com a expressão facial, os dentes e as asas.

Esta foi a estratégia desta artista nesta obra para criar um lugar imaginário de terror e suspense, porque usou o objeto “relógio antigo” para dar a ideia de um lugar misterioso e e usou animal “morcego” para dar a ideia de um lugar abandonado e assustador para provocar o sentimento de estranheza e medo no público.

2. CLASSIFICADORES

FIGURA 37: Exemplo Classificadores VV



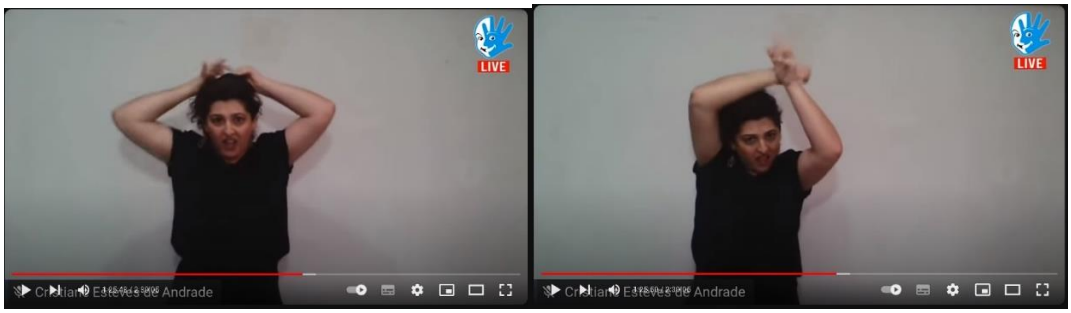
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7nGCdHo2zIQ&t=5169s

A slammer Cristiane usa vários classificadores na criação do seu slam mas nesta análise apresentamos apenas um exemplo, no qual, as os dedos indicadores virados para baixo representam as pernas de uma pessoa que entra bem devagar, na ponta dos pés para

não fazer barulho. Este classificador associado a expressão não manual de medo intensifica o efeito de suspense e terror.

3. INCORPORAÇÃO

FIGURA 38: Exemplo Incorporação VV

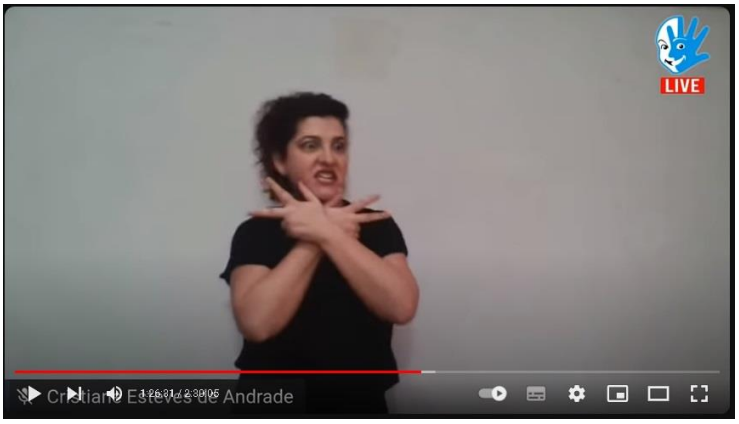


Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7nGCdHo2zIQ&t=5169s

Na imagem, a artista mostra os detalhes da pessoa, arrumando os cabelos e colocando o laço no seu próprio corpo. Se tornando assim a personagem feminina. Não explica a idade dessa mulher, mas o público identifica esta personagem feminina pela estrtégia da incorporação humana.

4. EXPRESSÃO FACIAL/CORPORAL

FIGURA 39: Exemplo Expressão facial/corporal VV



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7nGCdHo2zIQ&t=5169s

Esta é uma obra rica em expressão facial e corporal. Neste exemplo escolhido a expressão facial apresenta os seguintes detalhes no rosto da slmmer sinalizadora: olhos, boca aberta e dentes.

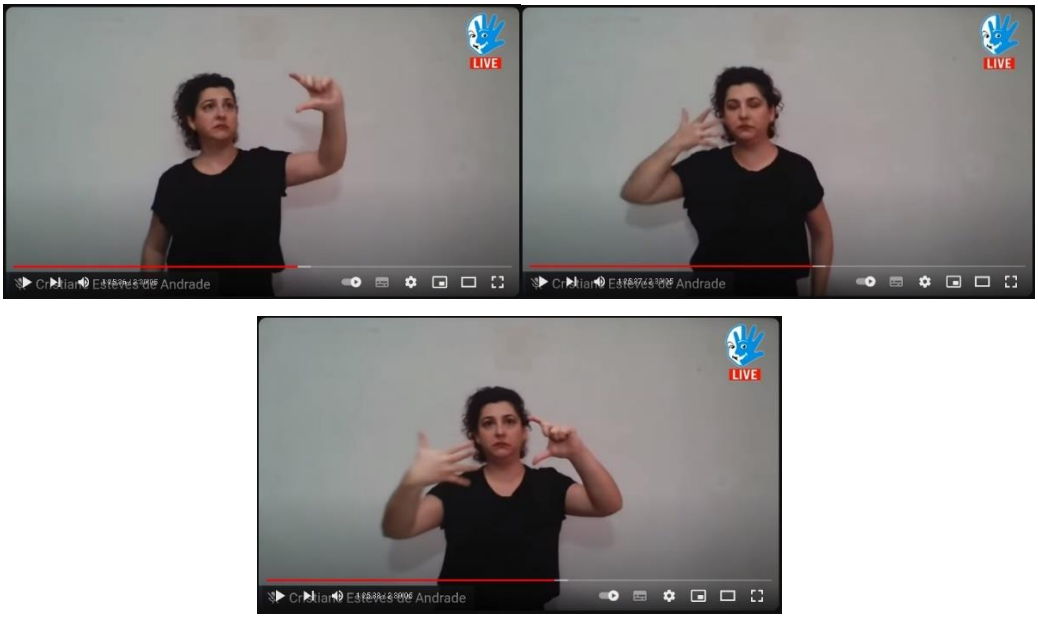
Foi importante neste slam usar a expressão facial para dar o sentimento de medo, para imitar a expressão do morcego. A produção de uma boa expressão vem da observação para imitar e conseguir ficar bem igual. Explicando de forma mais clara como ela usou a expressão facial:

1. Olhos do morcego imitados pela artista: olhos grandes, arregalados.
2. Boca aberta do morcego imitados pela artista: movimento da boca começando a abrir expressando raiva.
3. Dentes do morcego imitados pela artista: os característicos dentes grandes.

Ela usou todos estes detalhes de expressão facial para reproduzir a expressão do morcego. Este foi apenas um exemplo do uso deste elemento estético porque a artista usou a expressão facial e corporal, em vários outros trechos do seu slam.

5. PERSPECTIVAS MÚLTIPLAS (TÉCNICAS DA LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA)

FIGURA 40: Exemplo Perspectivas Múltiplas/Zoom VV



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7nGCdHo2zIQ&t=5169s

Nas três fotos são três zoons que a artista surda usou: lua pequena, lua grande (no rosto) e lua média. Qual é o tipo de lua que ela usou? É a Lua Crescente. Cristiane escolheu usar este recurso sinalizado de zoom com foco na Lua Crescente, tem os 3 zoons diferentes.

1. O primeiro foco é a mão em “C” é icônico de forma da Lua Crescente, e distante.
2. O segundo foco é no próprio rosto a forma da Lua e mais movimentos na mão, junto com rosto, representando a nuvem, é mais próximo e grande.
3. O terceiro foco são as duas mãos: “C” e uma outra mão movimento junto com Lua e nuvem, fica aproxima médio.

É importante destacar que este recurso cinematográfico dos zoons diferentes (distante, próximo grande e próximo médio) foi feito através das suas mãos e não através do zoom da câmera ou com a edição.

6. REPETIÇÃO

FIGURA 41 Exemplo Repetição VV

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7nGCdHo2zIQ&t=5169s

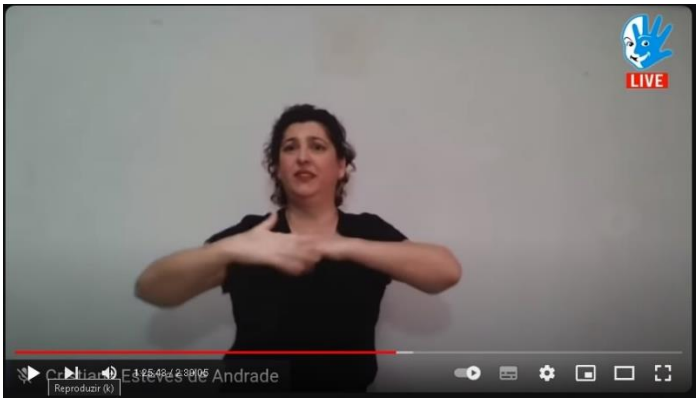
Ao usar o elemento estético repetição a artista quer provocar a emoção focando no assunto principal da sua obra, então ela dá uma ênfase repetindo duas vezes a mesma cena, com a combinação de sinais gerando a seguinte sequência de ação e reação: “implante sendo colocado” e “cérebro recebendo o implante”, novamente, “implante sendo colocado” e “cérebro recebendo o implante”. Esta repetição dramática foi escolhida de forma estética pela autora da obra, pois a maioria dos artistas de VV geralmente usam três vezes a repetição.

Então fundamentado em Sutton-Spence (2021) podemos identificar o efeito de repetição, o elemento repetido e o padrão de repetição:

a. Efeito da repetição: Provoca, drama, emoção e suspense.
b. Elemento repetido: Sinais “implante sendo colocado” e “cérebro recebendo o implante”.
c. Padrão da repetição: Duas vezes.

7. RITMO E VELOCIDADE

FIGURA 42: Exemplo Ritmo e Velocidade VV (1)

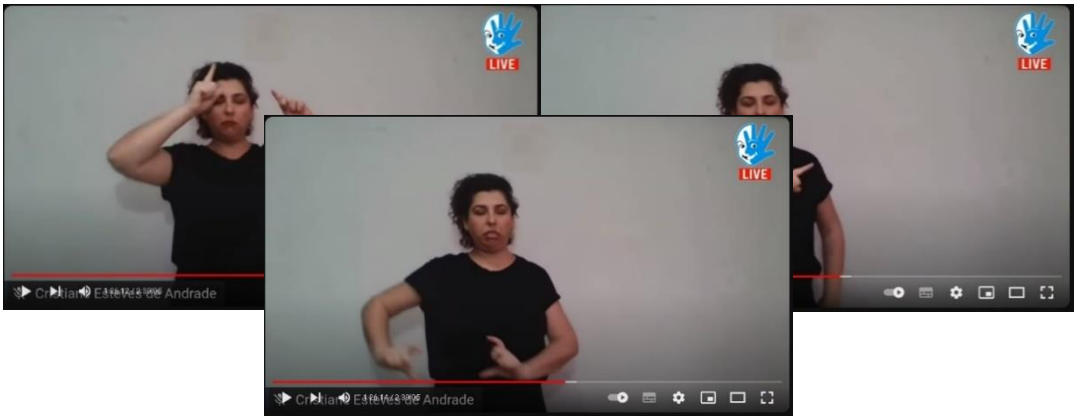


Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7nGCdHo2zIQ&t=5169s

Esta imagem exemplifica a velocidade que ela usou nas duas mãos no espaço em movimento muito rápido, para produzir a significação de um lugar distante até a casa para o público compreender esta ideia de deslocamento.

Então, qual é o movimento de câmera de corpo que ela usou? Travelling para frente, porque lugar distante e movimento em frente.

FIGURA 43: Exemplo Ritmo e Velocidade VV (2)

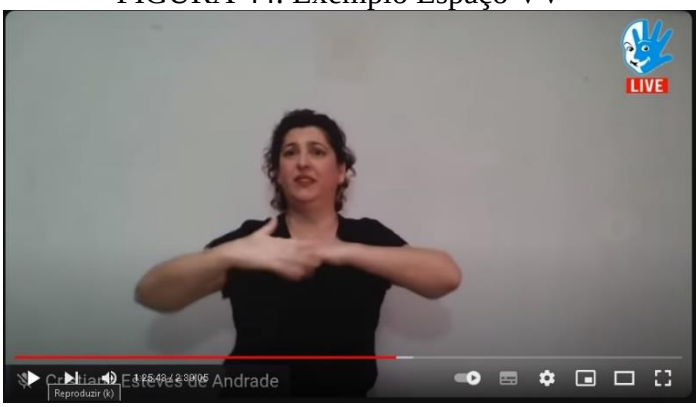


Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7nGCdHo2zIQ&t=5169s

Neste outro trecho, as três fotos mostram os ritmos visuais que ela usou no relógio pelo movimento.Este ritmo tem a intenção de produzir o mesmo suspense sonoro do barulho de um relógio antigo em um lugar vazio, para assustar quem vê e dar um sentimento de tensão e terror também. O Ritmo é estrategicamente devagar no movimento dos detalhes do relógio: pêndulo e ponteiro.

8. ESPAÇO

FIGURA 44: Exemplo Espaço VV



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7nGCdHo2zIQ&t=5169s

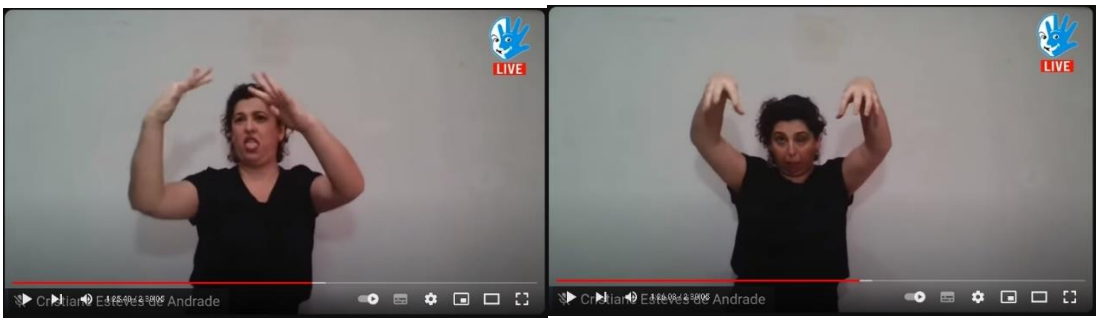
Na imagem vemos que ela usou as duas mãos para movimentar o espaço deste lugar até a casa, mas anteriormente, também apresentou detalhadamente o espaço topográfico: Lua e nuvem; Pessoa; Casa bem antiga e quebrada; Portão quebrado.

É importante destacar que todos os detalhes sobre o espaço foi apresentado com expressão facial de estranheza. E como nada foi por acaso, a escolha da noite para contar esta história em forma de poesia do subgênero slam, foi proposital para criar um clima de terror e suspense no cenário, logo no início da obra. Isso é muito importante para que o público perceba pelos detalhes o contexto da obra e compreenda melhor o seu conteúdo apreciando o seu valor estético. Além do espaço topográfico, a expressão triste e reflexiva da artista também nos remete ao espaço metafórico pois o formato da lua nos remete ao formato de uma orelha e as nuvens, da forma que ela construiu esteticamente através do balançar dos dedos mostra a ideia de ondas sonoras na direção desta orelha. Este sentido metafórico faz uma espécie de introdução a temática que será apresentada a seguir na obra.

9. EXTERIOR/INTERIOR

Primeiro a artista mostra exterior que ela explicou no espaço de fora, como: Lua – noite; Pessoa; Casa bem antiga e quebrada; Portão quebrado.

FIGURA 45: Exemplo Exterior/Interior VV (1)



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7nGCdHo2zIQ&t=5169s

Depois de mostrar o exterior, a artista mostra o interior da casa e vai pra dentro. Como podemos ver na imagem ela descreveu o espaço de dentro da casa: porta; luz quebrada; cama; relógio; janela quebrada.

FIGURA 46: Exemplo Exterior/Interior VV (2)

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7nGCdHo2zIQ&t=5169s

Na primeira foto deste outro exemplo, o elemento estético é o exterior que ela explicou detalhes fora do objeto (implante), como: caixa abrindo; implante coclear; implante que vai ser colocado na cabeça.

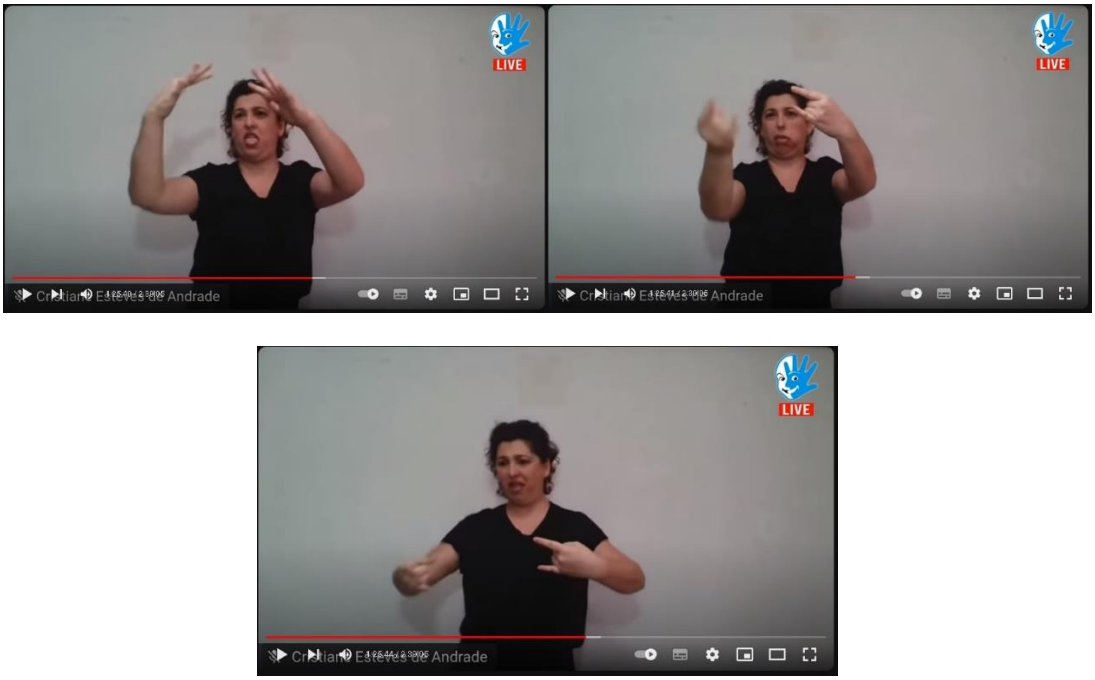
E depois de colocar o implante no cérebro a artista vai explicar por dentro da cabeça o interior: entrando na cabeça; cérebro; sangue; veia e imã.

Em resumo, esta relação entre exterior e interior teve o foco de descrever os detalhes de fora e dentro, do cérebro de uma pessoa surda que recebe o implante coclear e provoca reflexões profundas sobre o polêmico assunto.

5.2.4- Análise dos elementos da linguagem cinematográfica e seus efeitos

1. PLANO GRANDE GERAL, PGG

FIGURA 47: Exemplo Plano Grande Geral



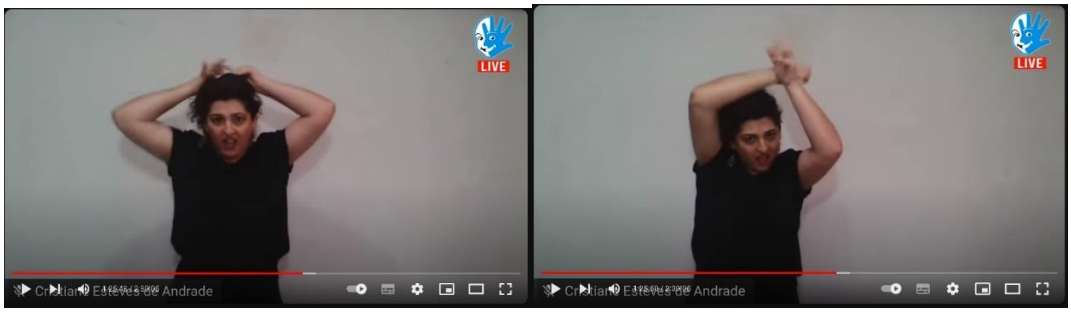
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7nGCdHo2zIQ&t=5169s

O efeito de câmera dentro do corpo da poeta sinalizadora descreveu o ambiente como uma casa bem antiga, com janela quebrada, portão quebrado, a lua e as nuvens, tudo apresentado de forma ampla, dando uma visão geral característica do plano grande geral. A perfeição desta cena está no efeito semelhante ao que vimos em filmes de terror que usa o visual de um ambiente bem estranho para provocar terror.

Então, qual é ângulo de câmera de corpo que ela usou? Normal, porque ela mesmo explicou os detalhes de cada um. Também usou travelling para frente, porque os lugares são apresentados em movimento na frente.

2. PLANO GERAL, PG

FIGURA 48: Exemplo Plano Geral



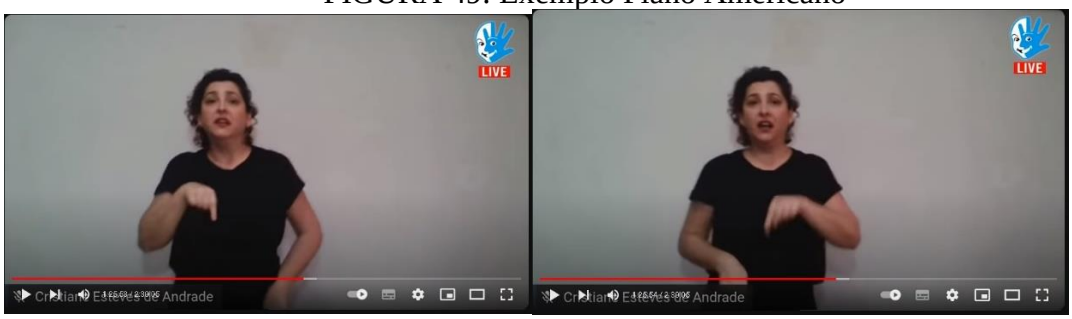
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7nGCdHo2zIQ&t=5169s

O exemplo do plano geral neste trecho apresenta de forma mais próxima os detalhes de uma pessoa que usa um objeto (laço) no cabelo. E foca somente nesta personagem. Para criar o efeito de chamar a atenção do público.

Então, qual é o ângulo de câmera de corpo que ela usou? Normal, ela só explicou os detalhes de uma pessoa com o foco no laço de cabelo.

3. PLANO AMERICANO, PA

FIGURA 49: Exemplo Plano Americano



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7nGCdHo2zIQ&t=5169s

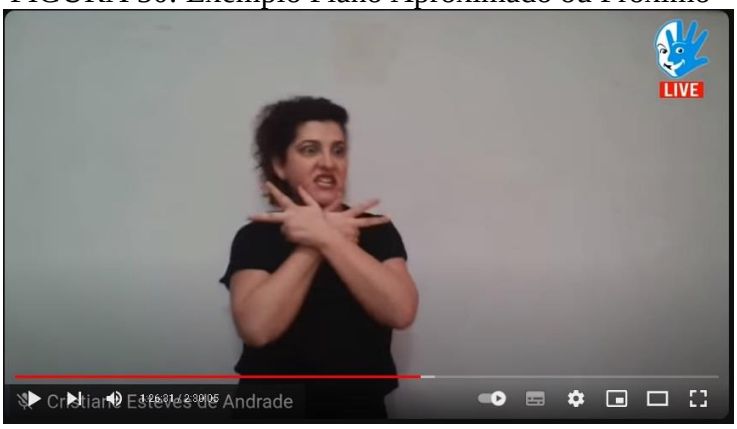
Neste exemplo o plano americano é usado para mostrar uma pessoa da cabeça aos pés andando bem devagar. Este elemento trouxe a obra um efeito de suspense, como se a

personagem estivesse andando com medo nas pontas dos pés para não fazer barulho e ser descoberta naquele local estranho.

Então, qual é o ângulo de câmera de corpo que ela usou? Frontal, com duas mãos e movimentos de corpo para trás. Usou também Travelling para atras, porque as pernas andam é movimento em atras.

4. PLANO APROXIMADO OU PRÓXIMO, PP

FIGURA 50: Exemplo Plano Aproximado ou Próximo



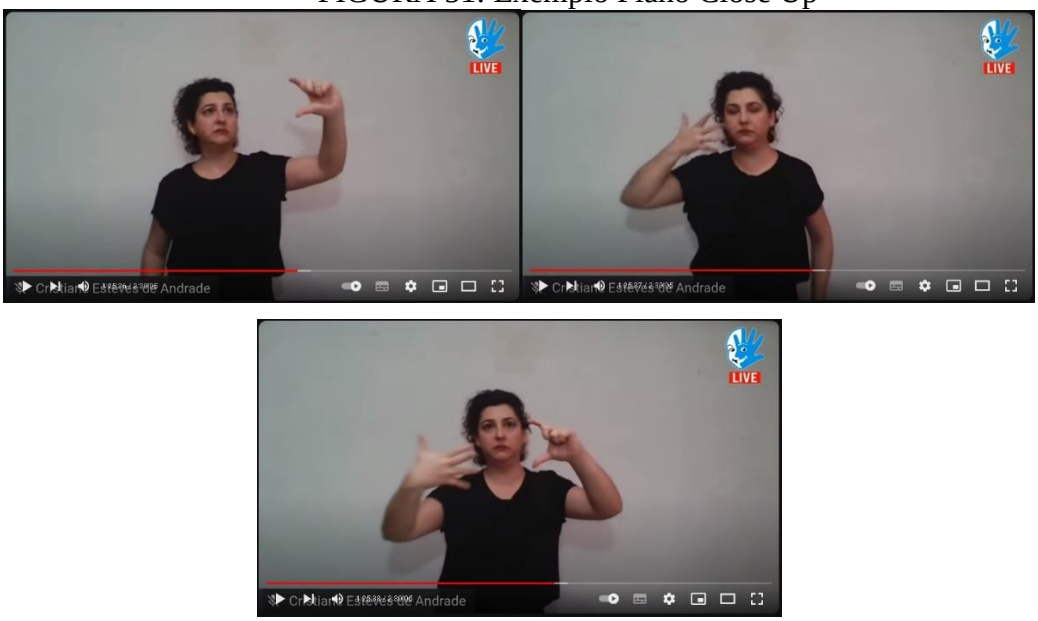
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7nGCdHo2zIQ&t=5169s

Neste exemplo vemos o plano aproximado, porque o foco está no rosto que é o personagem de um animal, o morcego, a artista usou o foco mais aproximado no rosto porque foi a estratégia dela para destacar para o público os detalhes deste animal.

Então, qual é ângulo de câmera de corpo que ela usou? Normal, só com foco mais aproximado no rosto.

5. PLANO CLOSE UP

FIGURA 51: Exemplo Plano Close Up



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7nGCdHo2zIQ&t=5169s

A artista escolheu focar bem perto da lua como em um filme para produzir emoção, estranhamento e sentimento de terror.

Neste slam, apresentado ao vivo não teve edição, então todos os elementos cinematográficos presentes na obra foram apresentados no próprio corpo e na sinalização da slammer.

Então, qual é o ângulo de câmera de corpo que ela usou? Frontal, com as mãos de zoom: 1 mão C, 2 mão C mais frente e 3 mão no rosto.

5.3 Análise da Obra 3

Neste tópico apresentaremos a análise da terceira obra selecionada nesta pesquisa, que diferente das obras anteriores é de autoria masculina. Iniciaremos da mesma forma com a contextualização da obra, em seguida apresentaremos o resumo do conteúdo da obra e por fim, a análise estilística apresentando elementos que produzem efeitos estéticos nesta rica poesia.

1.3.1 – Contextualizando a obra literária

Para auxiliar na contextualização da obra iniciaremos a análise responderemos a seguir às perguntas propostas por Sutton-Spence (2021, p.34):

1. Onde e quando a obra foi apresentada?

O registro da obra em vídeo com duração de 2:28 minutos foi publicado no canal do youtube do próprio autor no dia 22 de outubro de 2023 apresentando na legenda o seguinte título: POEMA: OS CANGACEIROS X CORONÉIS – VV VISUAL VERNACULAR. A gravação foi feita em um local, neutro com parede lisa sem imagens ou informações, sem público.

2. Quem a apresenta?

Alexandre Moreira, é paraibano surdo que nasceu em Joao Pessoa e ainda mora na mesma cidade. Da raça branca, tem 39 anos de idade. Se formou em Letras/Libras na UFPB.

3. Por que foi apresentada?

Durante um curso de Visual Vernacular o poeta surdo desenvolveu a atividade de criar este poema sobre a história de guerra entre cangaceiros e coronéis. O objetivo dele ao criar esta obra foi mostrar para o público conhecer um pouco sobre a história do nordeste.

4. Qual a origem e contexto?

É um texto original do autor baseado em fatos reais sobre a história da morte de Lampião, o maior cangaceiro de todos os tempos e também o mais procurado.

5. Qual é o seu público?

É um público desconhecido, pois todos que tiverem acesso ao canal do poeta, independentemente da idade, poderão assistir a obra. Podemos concluir que o vídeo é direcionado para um público sinalizante, usuário da Libras, considerando que não apresenta uma tradução de voz e nem legenda em língua portuguesa.

6. Qual o grau e o tipo de participação do público?

A poesia não apresenta interação com o público, mas a publicação apresenta a possibilidade de interação digital.

5.3.2- Resumo sobre o conteúdo da obra

A poesia conta a história do combate de três cangaceiros e três coronéis que resultou na morte de Lampeão, que foi atingido por tiro, posteriormente a isso, sua cabeça foi cortada e exposta para todos pelos coronéis para demonstrar a todos que ele foi capturado.

5.3.3- Análise dos elementos da linguagem estética literária e seus efeitos

1. PERSONIFICAÇÃO / ANTROPOMOFIRSMO

O elemento incorporação não humana também chamado de antropomorfismo ou personificação foi identificado no trecho que inicia em 1 minuto e 29 segundos.

FIGURA 52: Exemplo Personificação/Antromorfismo VV

fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

Como é possível perceber na imagem o autor utiliza a estratégia estética de demonstrar com seu próprio corpo a bala da arma, detalhando de maneira icônica os detalhes deste objeto importante durante esta guerra entre os dois lados. O uso deste elemento para destacar este objeto (a bala) durante o tiroteio provoca emoção no público e evidencia o efeito de ação desta cena apresentada na obra como se fosse um filme.

2. CLASSIFICADORES

Identificamos em vários trechos que o autor usou classificadores para produzir um forte efeito visual de emoção e ação através da apresentação de vários detalhes. Porém, a seguir apresentaremos apenas três exemplos do uso deste elemento na composição da obra, veja na imagem a seguir:

Figura 53: Exemplo do elemento estético classificador na obra os Cangaceiros X Coronéis

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

O primeiro exemplo identificado no trecho da obra que inicia aos 13 segundos é o CL-S (Classificador Semântico) que representa uma árvore seca. A escolha do uso deste classificador monta um cenário visual através das mãos, que gera um efeito estético para o público identificar que se trata do nordeste brasileiro.

No exemplo 2 da imagem (1 minuto e 42 segundos do vídeo) apresenta o Classificador de uma Parte do Corpo (CL-PC) para representar uma pessoa andando e caindo. No trecho em que uma pessoa levou uma bala, caiu no chão e morreu é utilizado este classificador para detalhar os movimentos das pernas com a configuração de mão em "V na hora da queda, produzindo assim, um efeito dramático para esta história contada em forma de poema do gênero visual vernacular.

Encontramos o terceiro exemplo de uso do classificador como elemento estético na obra no trecho que inicia aos 23 segundos, onde três pessoas cangaceiras estão conversando. Neste trecho o autor utilizou CL-PC, representando as cabeças das duas pessoas nas duas pontas (direita e esquerda), que são demonstradas através das duas mãos em configuração de mão em "S" balançando para baixo uma vez, produzindo desta forma o efeito do movimento de balançar a cabeça confirmando. Vale ressaltar que a terceira

pessoa localizada no meio é demonstrada através do elemento de incorporação humana, com a representação no próprio corpo do autor sinalizante que acena com a cabeça de maneira afirmativa para os dois companheiros ao seu lado, como é possível.

3. INCORPORAÇÃO

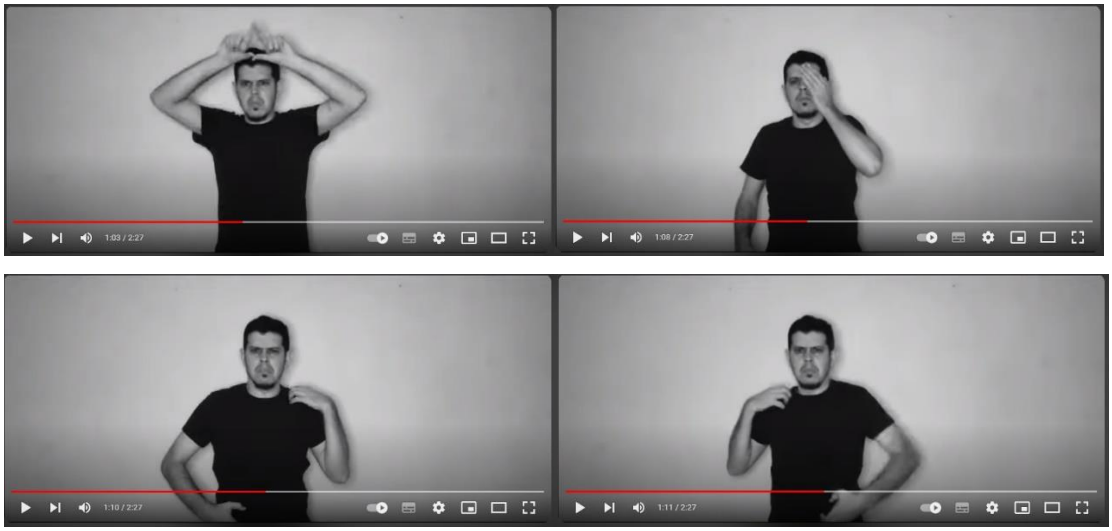
FIGURA 54: Exemplo Incorporação VV(1)

fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

A incorporação dos coronéis é feita através do detalhamento das características da roupa (farda, detalhe amarelo no ombro) e do chapéu sinalizados no próprio corpo do poeta que se torna um coronel neste momento do poema.

Outro exemplo da incorporação de personagem está na imagem a seguir, quando o poeta se torna cangaceiro.

FIGURA 55: Exemplo Incorporação VV (2)



fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

Nessas quatros fotos ele caracterizou no próprio corpo detalhes de roupas de cangaceiro. Detalhes de roupa de cangaceira: chapéu, cartucho de bala (cintura onde guardar as balas de arma) e tapa olho. É uma roupa conhecida culturalmente como roupa representativa do passado do nordeste. Em alguns eventos, até hoje algumas pessoas usam este tipo de vestimenta, para homenagear as gerações passadas, e familiares cangaceiros. Usar esta roupa é uma forma de mostrar a força e a resistência do nordeste, além de ser um resgate histórico cultural.

4. EXPRESSÃO FACIAL/CORPORAL

FIGURA 56: Exemplo Expressão facial/corporal VV (1

fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

O elemento expressão facial/ corporal, a forma de usar o rosto e o corpo para expressar o que deseja descrever visualmente, neste trecho da poesia VV (1:26 minutos), foi utilizado pelo poeta, com o foco na expressão do rosto em dois momentos:

1º - Com uma expressão mais fechada e séria para descrever visualmente e produzir o sentido de uma bala dentro do cano do revólver.

2º - Ainda sério, mas com a inclinação da cabeça para frente e a boca fazendo o movimento de abrir, descreve o efeito de explosão da bala saindo em forma de tiro do cano do revólver. Vale ressaltar que todo este sentido do trecho foi produzido sem utilizar nenhum léxico da Língua de Sinais Brasileira.

Outro exemplo em que destacamos o uso da expressão facial e corporal é apresentada na imagem a seguir:

FIGURA 57: Exemplo Expressão facial/corporal VV (2

fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

A sequência de fatos, da bala entrando no coração, o sangue espirrando e o ato de cair no chão do coronel quando ele levou o tiro é apresentado através das expressões corporais e faciais no trecho apresentado na imagem abaixo extraído do vídeo em 1 minuto e 39 segundos. Vale ressaltar que este trecho é apresentado de forma cinematográfica com todos os detalhes sendo apresentado em câmera lenta, mas não através de efeitos da câmera ou da edição, mas através do efeito causado pela movimentação lenta da face e do corpo que enfatiza o drama apresentado neste trecho da obra.

5. PERSPECTIVAS MÚLTIPLAS (TÉCNICAS DA LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA)

FIGURA 58: Exemplo Perspectivas Múltiplas/Zoom VV

fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

Elementos da linguagem cinematográfica, apresentados também por Sutton-Spence (2021) como perspectivas múltiplas foram identificados em diferentes momentos deste poema, mas destacamos o exemplo apresentado a partir do primeiro segundo da obra, como é possível verificar na imagem acima.

Neste exemplo apresenta, sem efeito de câmera ou edição, três tipos de aproximação por *zoom* na própria sinalização: pequeno, médio e grande. A escolha do Sol para exemplificar deve-se a intenção de destacar a representação do calor do sertão, um lugar mais seco. Os 3 tipos de perspectiva que ele usou:

1. O foco é a configuração de mão em “O”. Sua forma em círculo representa o Sol pequeno e distante.
2. O foco é o rosto como o próprio Sol. Apresentando assim um tamanho médio de perspectiva.
3. O foco é o rosto como sol bem próximo que podemos ver o seu brilho forte através das duas mãos movimentando os dedos criando o efeito de brilho que expressa a grandeza do Sol dentro do rosto.

Esta estratégia dos zoons diferentes, distante, aproximação média e aproximação grande, cria perspectivas diferentes do mesmo Sol, para gerar um efeito visual de aproximação e distanciamento através da “câmera dentro do corpo do sinalizador”

Embora nesta poesia o autor Alexandre tenha preferido registrar o vídeo em preto e branco sem editar com grandes efeitos, é importante explicar que depende do artista escolher criar um vídeo sem edição ou com edição porque depende da estratégica de escolha estética do artista.

6. REPETIÇÃO

FIGURA 59: Exemplo Repetição VV

fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

As duas fotos apresentadas nesta imagem, embora sejam de lados diferentes, a repetição que o poeta usou três vezes de cada lado, mostra e enfatiza o mesmo acontecimento mas na perspectiva dos dois personagens o cangaceiro atirando e o coronel recebendo o tiro.

Foi estratégica a escolha dos dois focos que ele escolheu para repetir três vezes porque cria a tensão da sena e provoca a curiosidade do público se o coronel será atingido pela bala que está percorrendo o trajeto ou não será atingido. Com base em Sutton-Spence (2021) quanto a repetição, podemos afirmar que:

a. Efeito da repetição: Provoca tensão.
b. Elemento repetido: Sinal de bala indo na direção do coronel e reação do coronel recebendo o tiro.
c. Padrão da repetição: Três vezes.

7. RITMO E VELOCIDADE

FIGURA 60: Exemplo Ritmo e Velocidade VV (1)

fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

Essa foto mostra o ritmo mais lento como movimento mais devagar, então imagina como se fosse o som de um tiro de uma arma na direção do coração. É isso exatamente este o efeito que o ritmo visual quer provocar, uma explosão, para o público poder imaginar como aconteceu os fatos e sentir emoção e dor. Quais foram os momentos que o artista surdo usou o ritmo visual?

1. No momento da bala entrando no coração
2. E no momento do sangue espirrando

O ritmo visual foi perfeito, pois provoca a imaginação como um filme sobre guerra.

FIGURA 61: Exemplo Ritmo e Velocidade VV (2)

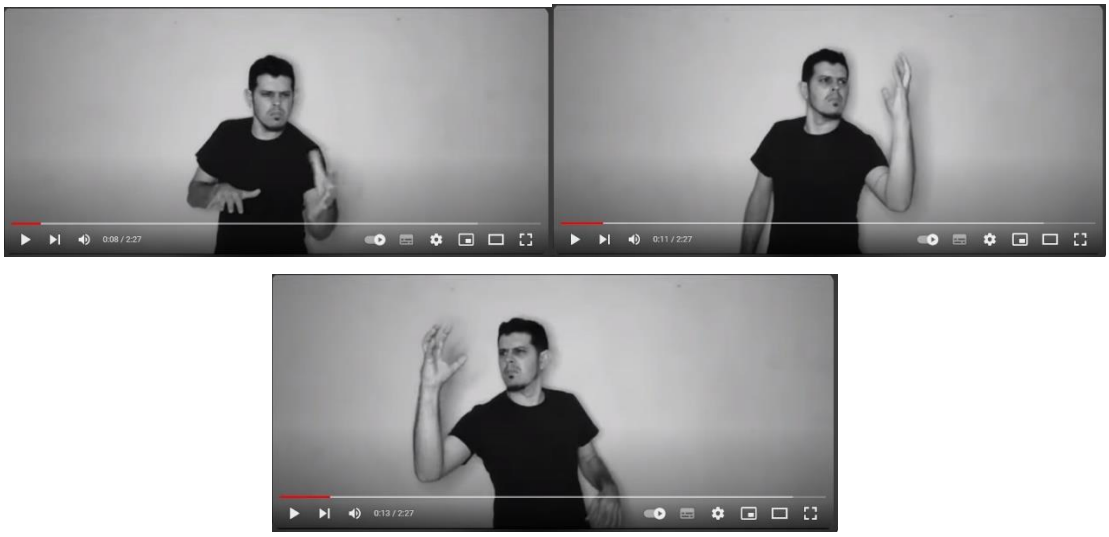
fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

Neste outro exemplo o elemento que vamos destacar é a velocidade. O artista mistura a velocidade rápida e devagar, para criar um impacto forte na sequência dos acontecimentos: correr, susto, a mão levanta, grito.

8. ESPAÇO

O espaço como vimos em Sutton-Spence (2021), pode ser topográfico ou metafórico. Nesta obra, logo no início do poema o artista descreve as características topográficas da região do sertão sem ter a intenção metafórica. É importante explicar os detalhes que caracterizam o lugar que contextualiza sua poesia que conta uma história baseada em fatos reais, então, este efeito de criar no texto literário esta imagem do sertão é necessário para a compreensão do público.

FIGURA 62: Exemplo Espaço VV (1)



fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

As três fotos mostram as explicações em detalhes sobre o lugar que acontece a história, tais como:

1. Árvores
2. Terra seca – sertão
3. Raios do Sol

FIGURA 63: Exemplo Espaço VV (2)

fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

Este outro exemplo é em outro espaço. O artista demonstra a porta abrindo e o personagem saindo entre as duas partes da porta e depois a demonstração de um espaço aberto ao ar livre, esta simplicidade, sem muitos detalhes, provoca uma curiosidade e tensão de que algo acontecerá neste novo espaço que o poeta descreveu.

Complementando esta análise, vejamos, qual é o movimento de câmera de corpo que ele usou? Travelling para frente e atras, porque tem o movimento para frente e para trás.

9. EXTERIOR/INTERIOR

Este elemento estético característico do VV denominado de exterior e interior descreve a parte de fora de um espaço/local/coisa e o interior descreve os detalhes de dentro de um espaço/local/coisa.

FIGURA 64: Exemplo Exterior/Interior VV (1)

fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

Neste primeiro exemplo as fotos 1 e 2 são exterior a casa, que está localizada na terra seca e as árvores secas descritas anteriormente, depois o foco é em uma casa onde o personagem entrar e o interior começa a ser descrito na próxima imagem:

FIGURA 65: Exemplo Exterior/Interior VV (2)

fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

Neste segundo exemplo, o foco da descrição é da perspectiva de dentro da casa e são apresentados os detalhes: da lâmpada, da cadeira e das três pessoas sentadas.

Então, qual é movimento de câmera de corpo que ele usou? Travelling para trás, quando entra na casa.

10. 3D – TRÊS DIMENSÕES

Embora a autora Sutton-Spence (2021) não tenha apresentado o termo 3D, este vem sendo muito utilizado pelos artistas de Visual Vernacular, é uma nova forma de perspectiva na qual o artista imita a experiência em 3D dos filmes que assistimos no cinema. Esta estratégia estética foi utilizada pelo poeta Alexandre Moreira do movimento de corpo, como constatamos na imagem abaixo. Com este recurso denominado 3D o poema ficou mais bonito e provocou a emoção pelo detalhe visual como em um filme. Como é possível verificar nesta imagem abaixo:

FIGURA 66: Exemplo 3D VV (1)

fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

Este primeiro exemplo apresenta o embate entre três cangaceiros e três coronéis vistos por todos os lados, em 3 dimensões, como no cinema. O exemplo a seguir apresenta a todos os lados da bala que sai do cano de um revólver.

FIGURA 67: Exemplo 3D VV

fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

Diferente das obras anteriormente analisadas, esta obra apresenta o elemento 3D. Este elemento produz o mesmo efeito realista que estamos acostumados a ver no cinema, com detalhes visuais do todo de um objeto, lugar, pessoa ou cenário.

Assim, verificamos nesta análise que o poeta para criar efeitos fortemente visuais, característicos do estilo VV utilizou dez elementos (Expressão facial/corporal, Antropomorfismo, Incorporação humana, Classificadores, Perspectivas múltiplas, Repetição, Ritmo/Velocidade, Espaço, Interior/exterior e 3D).

Então, qual é o movimento de câmera de corpo que ele usou? Panorâmica horizontal, porque uso 3D no corpo.

5.3.4- Análise dos elementos da linguagem cinematográfica e seus efeitos

Observamos na análise da obra criada pelo poeta Alexandre, que diferente das obras anteriores este vídeo não tem edição de vídeo, pois ele gravou o vídeo direto sem movimentar ou manipular o zoom da câmera em nenhum momento, e sem pausa.

O que chamamos neste trabalho de efeito de câmera no corpo, está presente nesta obra, pois exclusivamente através da sinalização e do corpo o artista consegue apresentar os cinco tipos de planos da linguagem cinematográfica, como veremos a seguir:

1. PLANO GRANDE GERAL, PGG

FIGURA 68: Exemplo Plano Grande Geral

fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

Neste exemplo encontramos o plano grande geral através da sinalização do poeta, porque apresenta todo o espaço onde acontece a história, esta estratégia dá ao público uma visão mais ampla de todo o ambiente.

Então, qual é o ângulo de câmera de corpo que ele usou? Normal, ele só explicou detalhes de um lugar no sertão. Usou também Travelling para frente mostrando o lugar.

2. PLANO GERAL, PG

FIGURA 69: Exemplo Plano Geral

fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

Neste plano também, o efeito de câmera dentro do corpo do poeta sinalizador mostra de forma clara os três personagens, porém no plano geral isto acontece de forma mais próxima, mas não apresenta muitos detalhes, só é possível visualizar o movimento de cabeça dos personagens, e depois, quando eles bebem a cachaça.

Então, qual o ângulo de câmera de corpo que ela usou? Lateral, porque tem dois braços ao lado representando as cabeças em movimento.

3. PLANO AMERICANO, PA

FIGURA 70: Exemplo Plano Americano

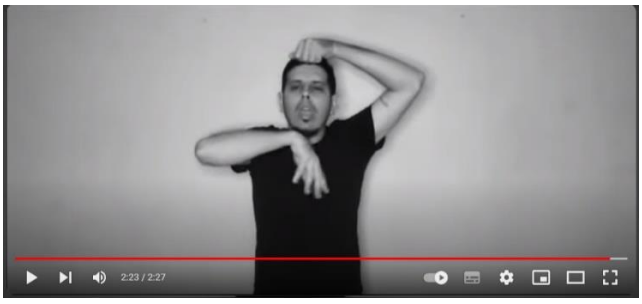
fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

É o plano apresentado nas imagens, onde é chamada a atenção para o que está acontecendo do tronco para cima. Neste exemplo mostra a pessoa caracterizada como Lampião. Neste plano aparece os detalhes como: chapéu, cartucho de bala (cintura onde guardar as balas de arma) e o tapa olho. Na segunda foto já mostrou o corpo em movimento correndo para guerra. Nas fotos acima vemos dois focos diferentes, mas ambos são plano americano.

Então, qual é o ângulo de câmera de corpo que ela usou? Frontal, com foco no chapéu, no cartucho de bala (na cintura onde guarda as balas da arma) e o tapa olho. Além disso, usou também o Travelling para frente, porque bala é direcionada para frente.

4. PLANO APROXIMADO OU PRÓXIMO, PP

FIGURA 71: Exemplo Plano Aproximado ou Próximo



fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

Mais um excelente exemplo de como funciona o efeito de câmera dentro do corpo do sinalizador. Igualmente como vimos nos planos anteriores identificados nesta obra,

não teve edição para aproximação, mas mesmo assim, o plano sinalizado focou na cabeça do cangaceiro, produzindo a emoção e a dor do público que assiste.

Então, qual é o ângulo de câmera de corpo que ela usou? Frontal, mais próximo com o foco no rosto.

5. PLANO CLOSE UP

FIGURA 72: Exemplo Plano Close Up

fonte: https://www.youtube.com/watch?v=m8gd4p7YVHs

Neste exemplo da imagem vemos o detalhe máximo de aproximação do sol gerado pelo balançar dos dedos do poeta representando que a imagem está tão próxima ao ponto de tremular a imagem diante dos raios solares.

Nesta terceira obra criada por um artista surdo, encontramos o uso de todos os planos como estratégia do poeta na composição da sua obra. Esses elementos cinematográficos, principalmente sendo imitado no corpo do sinalizador são característicos do estilo visual vernacular. Alguns dos efeitos estéticos criados para o público através destes elementos verificados durante análise foram: suspense, susto, dor, emoção, ação no embate, e reconhecimento dos personagens.

Alexandre, o criativo autor desta obra, todos os elementos estéticos característicos desta produção cultural apresentados pelo professor Cristiano Monteiro no curso em 2020 sobre Visual Vernacular: Incorporação, Antropomorfismo, Classificadores, Expressões Facial e Corporal, Repetição, Espaço, Ritmo e Velocidade. Além de Múltiplas perspectivas, que no gênero Visual Vernacular são enfatizadas e apresentadas de forma muito mais detalhadas nas seguintes ramificações das técnicas cinematográficas: 3D, Perspectiva do exterior e do interior, Plano Grande Geral, Plano Geral, Plano Americano, Plano Próximo e Plano Close-up.

Então, qual o ângulo de câmera de corpo que ele usou? Normal, só fez as mãos com zoom: 1º mão, 2º mãos e rosto e 3º mãos com movimentos.

É importante destacar que os três poetas usaram estratégias de registro com a câmera, a primeira poeta fez edição de vídeo, a segunda poeta não utilizou deste recurso pois apresentou ao vivo sua poesia de slam, e o terceiro poeta fez o vídeo direto sem corte e também usou os 9 tipos de elementos de VV.

Ao concluir esta análise das três obras do gênero literário Visual Vernacular, organizamos os dados discutidos neste capítulo em dois quadros que demonstram os resultados desta investigação de forma resumida.

Quadro de identificação dos elementos estéticos literários e cinematográficos

IDENTIFICAÇÃO DOS ELEMENTOS ESTÉTICOS LITERÁRIOS E CINEMATOGRÁFICOS USADOS NA COMPOSIÇÃO DAS OBRAS ANALISADAS			
ELEMENTO	EFEITO NA OBRA 1	EFEITO NA OBRA 2	EFEITO NA OBRA 3
EXPRESSÃO FACIAL E CORPORAL	X	X	X
ANTROPOMORFISMO	X	X	X
INCORPORAÇÃO	X	X	X
CLASSIFICADORES	X	X	X
REPETIÇÃO	X	X	X
RITMO E VELOCIDADE	X	X	X
ESPAÇO	X	X	X
PERSPECTIVA MÚLTIPLAS	X	X	X
3 D			X
INTERIOR E EXTERIOR		X	X
PGG	X	X	X
PG	X	X	X
PA	X	X	X
PP	X	X	X
PLANO CLOSE UP	X	X	X

Elaborado pela autora

Quadro dos efeitos criados por elementos estéticos literários e cinematográficos

EXEMPLOS DE EFEITOS CRIADOS POR ELEMENTOS ESTÉTICOS LITERÁRIOS E CINEMATOGRÁFICOS CARACTERÍSTICOS DE OBRAS COM ESTILO VISUAL VERNACULAR			
ELEMENTO	**EFEITO NA OBRA 1**	**EFEITO NA OBRA 2**	**EFEITO NA OBRA 3**
EXPRESSÃO FACIAL E CORPORAL	Desejo, vergonha pela nudez, corpo andando, e celular vibrando.	Olhos, bocas e dentes do morcego.	Câmera lenta no momento dramático do tiro, expressão da bala do revólver na hora do tiro.
ANTROPOMORFISMO	Detalhes das partes de uma flor, detalhes das partes de uma câmera, sentido metafórico da mulher como uma flor.	Divertimento e contextualização com os detalhes do relógio no corpo da poeta.	Ação e emoção no tiroteio, efeito detalhado e icônico da bala de revólver
INCORPORAÇÃO	Representação de três personagens homens, detalhes da violência sofrida pela mulher (olhos inchados, sangue, peito machucado)	Representação da personagem feminina.	Representação dos coronéis e dos cangaceiros
CLASSIFICADORES	Efeito visual de emoção e ação pelos detalhes: das pessoas andando, do homem arrancando a flor e a machucando.	Efeito de suspense e terror causado pela cópia de uma pessoa andando nas pontas dos pés para não fazer barulho.	Efeito dramático ao cair e morrer, sentimento de identificação com o nordeste Brasileiro, cópia visual de: árvore, pernas e cabeças
REPETIÇÃO	Tensão.	Drama, emoção e suspense.	Tensão e curiosidade.
RITMO E VELOCIDADE	Ritmo devagar para mostrar sensibilidade e felicidade e depois a velocidade lenta da foto voando para criar o sentimento dramático e emocionante da cena.	Movimentação rápida de um lugar distante (ação emocionante como em um filme de terror), sentimento de tensão e terror através dos detalhes do relógio.	Câmera lenta, emoção, dor e impacto forte na sequência dos acontecimentos
ESPAÇO	Provocar a imaginação pois este fato poderia acontecer em qualquer local, por isso sem muitos detalhes do ambiente.	Espaço topográfico e espaço metafórico (Lua na forma de orelha).	Tensão,curiosidade, características topográficas da região do sertão.
PERSPECTIVA MÚLTIPLAS	Efeito de zoom para destacar a violência quando o agressor pede silêncio e o sangue escorrendo do peito da mulher	Efeito de noite sombria e aterrorizante através do efeito visual de aproximação da Lua.	Sentimento de identificação com a representação do calor do sertão através do efeito visual de aproximação e distanciamento do Sol
3 D			Descrição de detalhes dentro e fora da casa.
INTERIOR E EXTERIOR		Descrição do espaço de dentro e de fora da casa para criar efeito de suspense e terror; descrição de detalhes dentro e fora do cérebro para provocar reflexões sobre o polêmico assunto: implante coclear.	Emoção e sentimento de estar no cinema, efeito realista e descritivo.
PGG	Visão geral da cena, mostrando um lugar aberto com 3 pessoas.	Visão geral do ambiente de uma casa antiga a noite, provocando um efeito semelhante ao que vimos em filmes de terror	Visão mais ampla de todo o ambiente.
PG	Aproximação da expressão maliciosa dos homens, para fazer o público sentir o suspense e que algo de mau iria acontecer.	Foco no detalhe do laço de cabelo, para chamar a atenção do público para a protagonista	Imagem mais próxima aos três personagens
PA	O movimento de pessoas andando.	Efeito de suspense, como se a personagem estivesse andando com medo, nas pontas dos pés para não fazer barulho e ser descoberta naquele local estranho.	Reconhecimento por parte do público de quem é o personagem (Lampião) Imagem com mais detalhes da pessoa caracterizada (o tapa olho, chapéu e o cartucho de balas)

Efeitos que copiam visualmente os detalhes
Efeitos que mostram ou provocam sentimentos e emoções,

Sendo assim, como foi possível ver nos quadros, após a análise das três obras poéticas, "*Não mexe com o que não te pertence*", "*Slam VV de mulheres – ao vivo*" e "*Os cangaceiros X coronéis*", constatamos que para compor obras com uma estética visual forte e provocar no público emoções, sentimentos, reflexões, tristeza, suspense, curiosidade e outras reações, os autores surdos usaram os seguintes elementos: Incorporação, Antropomorfismo, Classificadores, Expressões Facial e Corporal, Repetição, Espaço, Ritmo e Velocidade, Múltiplas Perspectivas. Além de na sinalização e no seu próprio corpo representar: Plano Grande Geral, Plano Geral, Plano Americano, Plano Próximo e Plano Close-up. Na segunda e na terceira obra analisada, identificamos também o elemento estético denominado de Exterior/Interior. Enquanto que na terceira obra analisada, além de todos esses elementos encontrados anteriormente nas duas obras, identificamos mais um elemento cinematográfico, denominado de 3D.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa no nível de mestrado buscou responder a seguinte questão: Como os elementos da linguagem artística usados na criação das obras contribuem para a produção de efeito estético característico do estilo Visual Vernacular?

Diferente de perguntas com os termos “quais” ou “quantos”, para resolver uma problemática com a interrogação “como” é necessário descrever como é feito. Por isso, este trabalho buscou apresentar exemplos que demonstravam o uso de cada elemento da linguagem artística (cinematográfica e literária) na composição das obras, e quais efeitos cada elemento produzia para o público em cada obra.

As obras analisadas foram: a poesia “Não mexe com o que não te pertence”, “Slam VV de mulheres – ao vivo”, ambas da autora surda Cristiane Esteves de Andrade, e o poema VV “Os cangaceiros X coronéis” do autor surdo Alexandre Moreira.

Alguns dos resultados obtidos foi a identificação nas três obras do uso estrategicamente dos seguintes elementos estéticos característicos do estilo visual vernacular: Incorporação, Antropomorfismo, Classificadores, Expressões Facial e Corporal, Repetição, Espaço, Ritmo e Velocidade. E ainda, Múltiplas perspectivas, que na produção Visual Vernacular são muito usadas e apresentadas de forma muito mais detalhadas, nos seguintes tipos de técnicas cinematográficas: Plano Grande Geral, Plano Geral, Plano Americano, Plano Próximo e Plano Close-up.

Além de todos esses elementos citados anteriormente, no Slam, a segunda obra analisada, identificamos também o elemento estético denominado de Exterior/Interior. Já na terceira obra analisada, além de todos esses elementos encontrados anteriormente nas duas obras, identificamos mais um elemento cinematográfico, denominado de 3D.

Durante a análise, que por ser uma produção autêntica de artistas surdos e com maior evidência e crescimento após a pandemia, muito ainda precisa ser estudado sobre o artefato cultural Visual Vernacular. Mas com base nos resultados obtidos, podemos afirmar que, quando os autores escolhem esses elementos artísticos para a composição das suas obras literárias de diferentes gêneros pertencentes ao estilo Visual Vernacular, têm a intenção de gerar vários efeitos estéticos fortemente visuais para o seu público reconhecidos como o suspense, a curiosidade, a reflexão, a tristeza, entre outros sentimentos e emoções.

Aqui no Brasil, havia poucos artistas surdos de VV antes da pandemia, porque a maioria não conhecia sobre esta produção artística, eram poucos surdos que conheciam.

E depois da pandemia, aconteceu uma explosão criativa que possibilitou o conhecimento para todos os interessados sobre o assunto, por causa do livre acesso às redes sociais.

Por causa disso, este movimento artístico está crescendo muito, com novos artistas surdos que criam novas obras com estilo VV, inclusive, artistas crianças surdas. Isto comprova que o visual vernacular é um legado para as novas gerações de surdos. E isso aconteceu porque o VV tem uma forte influência nas redes socias para a comunidade surda.

Esta produção cultural originalmente do povo surdo tem sua origem na experiência visual e faz parte do interior da literatura surda, pois, várias obras de diferentes gêneros literários (narrativo, poético ou dramático) podem ser criados com o estilo Visual Vernacular. Esperamos assim, que este trabalho contribua para novos estudos nesta área.

7. REFERÊNCIAS

ABRAHAO, BRUNO FERREIRA. **SLAM SURDO e VISUAL VERNACULAR: diálogos sobre expressões poéticas contemporâneas**. Dissertação de mestrado em Letras. UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.

BAHAN, B. **Face-to-Face Tradition in the American Deaf Community: Dynamics of the Teller, the Tale, and the Audience**. In: BAUMAN, D. L., NELSON, J. L. e ROSE, H. M. **Signing the Body Poetic: Essays on American Sign LanguaLanguage Literature**. 1. ed. Los Angeles: UC PRESS, 2006, cap. 2, p. 21-50.

BAUMAN, Dirksen. Getting out of Line: **Toward a visual and Cinematic poetics of ASL**. In: BAUMAN, Dirksen; NELSON, Jennifer; ROSE, Heidi (Ed.) **Signing the Body Poetic.** Oakland, CA: University of California Press, 2006.

BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema.** Primeiros passos. v. 10. SP: Brasiliense, 1980.

BETTON, Gerard. **Estética do cinema.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

CASTRO, Nelson Pimenta. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais**. Dissertação de mestrado. UFSC, Florianópolis, 2012.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da visualidade na educação de surdos.** Florianópolis, junho de 2008.

DESIDERIO, Themis Farias de Franca. **Slam do corpo: marginalidade e diferença – uma literatura menor.** UNIMONTES MONTES CLAROS/MG JULHO/2020

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo.** In: Revista Educação e Realidade: Cultura, Mídia e educação v. 22 n 3 jul.-dez.1997

LADD, Paddy. **Understanding deaf culture: In search of deafhood. Multilingual Matters**, 2003.

MONTEIRO, Cristiano José. **Um estudo da visual vernacular (VV): cultura e literatura surda em diálogo com a estética da recepção** – Dissertação de Mestrado. UFCG, Campina Grande, 2023.

PADUIM, Viviane. **Fundamentos básicos da linguagem audiovisual: cinema.** Versão On-line ISBN 978-85-8015-075-9 Cadernos PDE, 2013.

PERLIN, Gladis. **A surdez um olhar sobre as diferenças: Identidades surdas.** Porto Alegre, 2013.

PEIXOTO, Janaína Aguiar. **O conceito de sagrado dos surdos congênitos: um estudo na língua brasileira de sinais.** João Pessoa: UFPB, 2011.

PEIXOTO, Janaína Aguiar; VIEIRA, Maysa Ramos. **Artefatos culturais do povo surdo: Discussões e Reflexões.** Sal da Terrra Editora, João Pessoa em 2018.

PEIXOTO, Janaína Aguiar; POSSEBON; Fabrício. **O 9º artefato cultural: Religioso.** In PEIXOTO, Janaína Aguiar; VIEIRA, Maysa Ramos. Artefatos culturais do povo surdo: Discussões e Reflexões. Sal da Terrra Editora, João Pessoa em 2018.

PEIXOTO, Janaína Aguiar. **A tradição literária no mundo visual da comunidade surda brasileira.** João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

PISANI, Marilia Mello. **A linguagem cinematográfica de planos e movimentos**. UFABC - 2020. Disponível em: https://www.apdmce.com.br/wp-content/uploads/2020/01/A-Linguagem-cinematografica-de-planos-e-movimentos-.pdf . Acesso em 03 de fevereiro de 2023.

RAMOS, D. C. M. P. **O corpo como *corpus*: lugares do ensino de literatura para estudantes surdos.** Revista Exitus, Santarém/PA, Vol.10, p. 1-27, 2020.

RAMOS, D. C. M. P.; ABRAHÃO, Bruno. **Literatura surda e Contemporaneidade: contribuições para o estudo da visual vernacular**. Pensares em Revista, São Gonçalo-RJ, n. 12, p. 56-75, 2018.

REZENDE, Renata Cristina Fonsêca de. **Perfovisual: a transcrição artística em língua de sinais.** Dissertação de mestrado em estudos da tradução. Universidade de Brasília, 2019.

RIZZI, Luciano Emilio da Silva. **Conceito Deafhood pela obra de Paddy Ladd - Entendendo a cultura surda: Em pesquisa de deafhood**. Pato Branco – PR, 2019.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes – uma viagem ao mundo dos Surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, Natielly de Jesus. **O Slam do Corpo e a Representação da Poesia Surda.** Revista de Ciências Humanas, vol. 18, n. 2, jul./dez. 2018

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em Libras.** Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2021.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Editora da UFSC, 2008.

VIEIRA, Saulo Zulmar. **A produção narrativa em libras: uma análise dos vídeos em língua brasileira de sinais e da sua tradução intersemiótica a partir da linguagem cinematográfica.** Florianópolis, UFSC, 2016.

Artes Plásticas. Cultura Surda. 2023. Disponível em: https://culturasurda.net/artes-plasticas . Acesso em 26 de janeiro de 2023.

Feneis – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Disponível em: https://feneis.org.br/jornais-da-feneis/ . Acesso em 26 de janeiro de 2023.

CBDS - Confederação Brasileira de Desportos de Surdos. Disponível em: https://cbds.org.br/cbds/institucional. Acesso em 26 de janeiro de 2023.

Legenda para quem não ouve, mas se emociona! Disponível em: http://www.meuvotovale.com/projeto/7486-2017/ . Acesso em 26 de janeiro de 2023.

Igualmente diferentes. Disponível em: https://igualmentediferentes.com/a-inutilidade-do-telefone-tdd-tty/ . Acesso em 26 de janeiro de 2023.